

**Amigos do Zippy**  
Educação em busca da Consciência Emocional  
Um estudo etnográfico

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**João Bosco dos Santos Ribeiro Junior**

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

**Amigos do Zippy**  
Educação em busca da Consciência Emocional  
Um estudo etnográfico  
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**João Bosco dos Santos Ribeiro Junior**  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

ORIENTAÇÃO  
Jesus Maria Angélica Fernandes Sousa  
Mari Saho



**UNIVERSIDADE da MADEIRA**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA**

**JOÃO BOSCO DOS SANTOS RIBEIRO JUNIOR**

**AMIGOS DO ZIPPY: EDUCAÇÃO EM BUSCA DA CONSCIÊNCIA EMOCIONAL**  
**UM ESTUDO ETNOGRÁFICO**

**FUNCHAL**

**2018**

JOÃO BOSCO DOS SANTOS RIBEIRO JUNIOR

AMIGOS DO ZIPPY: EDUCAÇÃO EM BUSCA DA CONSCIÊNCIA EMOCIONAL  
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO

Dissertação apresentada ao Conselho Científico  
da Faculdade de Ciências Sociais da  
Universidade da Madeira, como requisito  
parcial para a obtenção do grau de Mestre em  
Ciências da Educação.

Orientadores: Profa. Dra. Jesus Maria Sousa  
Profa. Dra. Mari Saho

FUNCHAL

2018



JOÃO BOSCO DOS SANTOS RIBEIRO JUNIOR

AMIGOS DO ZIPPY: EDUCAÇÃO EM BUSCA DA CONSCIÊNCIA EMOCIONAL  
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO

Dissertação apresentada ao Conselho Científico da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação.

Orientadores: Profª. Dra. Jesus Maria Sousa  
Profª. Dra. Mari Saho

FUNCHAL

2018







## AGRADECIMENTOS

Esta caminhada não seria possível sem a participação de um conjunto de pessoas que me apoiaram de forma intensiva, decisiva e participativa.

Todo o meu amor, admiração e reconhecimento para minha linda, especial e admirável esposa, Karol, que me incentivou em todos os passos desta jornada.

Ao trio de beldades que tornam minha vida ímpar e emocionante, minhas queridas filhas, Lia, Lara e Ester que presenciaram meus momentos de leitura e de produção, aprendendo que estudar faz parte do percurso da vida.

Admiração e reconhecimento de competência ímpar dos Professores Carlos Fino e Jesus Sousa, que conquistaram corações e mentes além-mar e se propuseram a transformar vidas nas terras Alencarinas.

Todo respeito e agradecimento à professora Mari Saho pelo seu preciso trabalho de orientação, corrigindo os rumos da minha escrita e colaborando para a qualidade dessa dissertação.

Minha eterna gratidão à família 7 de Setembro que me proporcionou acesso ao campo de pesquisa e me acolheu de forma muito carinhosa e verdadeira.

Aos competentes profissionais da ASEC, que me proporcionaram todo o apoio e tempo necessários para a estruturação desse trabalho.

Agradeço de forma especial à Professora Regina Lobão, colega de trabalho e conselheira na elaboração deste trabalho, dedicando seu precioso tempo a ler minhas produções, criticando-as e propondo melhorias.

Ao anjo que surgiu no fechar das cortinas, professora Antônia Ferreira, que dedicou um bom tempo das suas férias para revisar, de forma muito criteriosa, esta dissertação.

A todo esse time, meu eterno agradecimento e a certeza de que minha vida foi transformada. Sou uma pessoa melhor.



## RESUMO

A presente dissertação discorre sobre a análise de um programa de educação emocional, intitulado Amigos do Zippy, em uma escola da rede particular, localizada na cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, na região nordeste do Brasil, no ano de 2017. A pesquisa foi desenvolvida usando o método qualitativo, por meio da etnografia, com observação ativa, em que o pesquisador participou das ações pedagógicas em uma turma do 2º ano do ensino fundamental, das reuniões de formação dos professores que participaram do projeto e teve acesso aos documentos adotados como fundamentação teórica para a execução do projeto. A pesquisa está segmentada em dois blocos: no primeiro, temos os textos que servem como referencial teórico para entendermos os princípios da educação emocional, com citações dos pensadores nucleares que norteiam esse novo foco de como se faz educação, a “história de vida” do Programa Amigos do Zippy, a sua metodologia de trabalho e o *locus* da pesquisa e, por final, a descrição do foco da investigação, definindo o conceito de inovação pedagógica adotado pelo grupo de pesquisa do Departamento de Ciências da Educação da Universidade da Madeira. No segundo bloco, abordamos o estudo empírico desta dissertação, discutindo o aspecto metodológico da pesquisa, descrevendo todo o percurso das vivências etnográficas, os relatos dos atores envolvidos e a análise dos dados obtidos com o objetivo de investigar se o que foi observado trata-se de um *case* de inovação pedagógica que proporcionou uma ruptura com o modelo tradicional e repercutiu em uma aprendizagem significativa por intermédio de processos matéticos.

**Palavras-chave:** Etnografia. Matética. Emoção. Inovação. Interação. Aprendizagem.



## ABSTRACT

This essay discusses the analysis of an emotional education program, entitled Zippy's friends, in a private school, located in Fortaleza, capital of the State of Ceará, in the northeast of Brazil, in the year 2017. The survey was developed using qualitative method through the Ethnography, with active observation, in which the researcher participated in the pedagogical actions of a 2nd grade class of elementary school, teachers' in service meetings with the project participants and had access to documents adopted as a theoretical foundation for the execution of the project. The research is divided into two blocks: in the first, we have the texts that serve as theoretical framework for understanding the principles of emotional education, with quotations from main thinkers that guide this new focus of how to make education, the history of life of the " Zippy's friend program", its working methodology and the research's locus. Finally, the description of the investigation core, defining the concept of pedagogical innovation adopted by the research group of the Department of Educational Sciences in the University of Madeira. In the second block, we discuss the empirical study of this dissertation, arguing the methodological aspect of the survey, describing the whole course of the ethnographic experiences, reports of the actors involved and the analysis of data obtained with the objective to investigate whether what was noted is a case of pedagogical innovation that provided a break from the traditional model and reflected in a meaningful learning through mathematics processes.

**Keywords:** Ethnography. Mathetic. Emotion. Innovation. Interaction. Learning.



## RESUMEN

La presente disertación discurre sobre el análisis de un programa de educación emocional titulado Amigos del Zippy en una escuela de la red particular ubicada en la ciudad de Fortaleza, capital del estado de Ceará, en la región nordeste de Brasil, en el año 2017. La investigación fue desarrollada, utilizando el método cualitativo, por medio de la etnografía, con observación activa, en que el investigador participó de las acciones pedagógicas en una clase del 2º año de la enseñanza fundamental, de las reuniones de formación de los profesores que participaron del proyecto y tuvo acceso a los documentos adoptados como "la fundamentación teórica para la ejecución del proyecto. La investigación está segmentada en dos bloques: en el primero, tenemos los textos que sirven como referencial teórico para que comprendamos los principios de la Educación emocional, con citas de los pensadores nucleares que orientan ese nuevo foco de cómo se hace educación, la "historia de vida" del Programa Amigos de Zippy, su metodología de trabajo y el *locus* de la investigación y, por último, la descripción del foco de la investigación, definiendo el concepto de innovación pedagógica adoptado por el grupo de investigación del Departamento de Ciencias de la Educación de la Universidad de Madeira. En el segundo bloque, abordamos el estudio empírico de esta disertación, discutiendo el aspecto metodológico de la investigación, describiendo todo el recorrido de las vivencias etnográficas, los relatos de los actores involucrados y el análisis de los datos obtenidos con el objetivo de investigar si lo que fue observado se trata de un *case* de innovación pedagógica que proporcionó una ruptura con el modelo tradicional y repercutió en un aprendizaje significativo a través de procesos matéticos.

**Palabras clave:** Etnografía. Matética. Emoción. Innovación. Interacción. Aprendizaje.





## RÉSUMÉ

Cette thèse traite de l'analyse d'un programme d'éducation émotionnelle intitulé « Les Amis de Zippy » dans une école privée dans la ville de Fortaleza, la capitale de l'État de Ceará, dans le nord-est du Brésil, dans l'année 2017. La recherche a été menée en utilisant la méthode qualitative, par l'ethnographie, avec l'observation participante, le chercheur a participé aux actions pédagogiques dans une classe de 2<sup>e</sup> année de l'école primaire, les réunions de formation des enseignants qui ont participé au projet et ont eu accès aux documents adoptés comme base théorique pour l'exécution du projet. La recherche est divisée en deux blocs: le premier, nous avons les textes qui servent de cadre théorique pour comprendre les principes de l'éducation émotionnelle, avec des citations de penseurs nucléaires qui guident cette nouvelle orientation de façon de faire l'éducation, « histoire de vie » amis du programme Zippy, ses méthodes de travail et le lieu de la recherche et à la fin, la description de l'objet de l'enquête, la définition du concept d'innovation éducative adoptée par le groupe de recherche du Département des sciences de l'éducation de l'Université de Madeira. Dans la deuxième partie, nous discutons de l'étude empirique de cette thèse, en discutant l'aspect méthodologique de la recherche, décrivant l'ensemble du parcours d'expériences ethnographiques, les histoires des acteurs impliqués et l'analyse des données afin de déterminer si ce qui a été observé est d'un cas d'innovation pédagogique qui a rompu avec le modèle traditionnel et a eu des répercussions sur un apprentissage significatif par des processus mathématiques.

**Mots-clés:** Ethnographie. Mathématiques. Émotion. Innovation. Interaction. Apprentissage.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Zippy, o bicho pau	16
Figura 2	– Turma dos Amigos do Zippy	17
Figura 3	– Capa do guia de atividades para os pais	19
Figura 4	– Guia de atividades para os pais	19
Figura 5	– Dr. Edilson Brasil Soárez e Profa. Nila Gomes de Soárez	20
Figura 6	– Fotos das sedes do Colégio de Setembro	21
Figura 7	– Os pilares de parceria apreçados pelo C7S	22
Figura 8	– Proposta educacional do C7S	23
Figura 9	– Representação de uma aula no modelo tradicional	29
Figura 10	– Uso do computador na concepção instrucionista	32
Figura 11	– Uso do computador na concepção construcionista	32
Figura 12	– Autorização do C7S para desenvolvimento do projeto nas dependências da escola	46
Figura 13	– Autorização da ASEC para realização da pesquisa de mestrado abordando o tema Amigos do Zippy	47
Figura 14	– Foto da professora da ASEC e as novas professoras no curso de formação inicial	48
Figura 15	– Foto do boneco Zippy no curso de formação	48
Figura 16	– Foto do 2º ano (Turma 5)	50
Figura 17	– Foto do crachá utilizado pelo observador nas aulas do AZ	69
Figura 18	– Certificado de participação no curso de Introdução à Educação Emocional	76
Figura 19	– Foto do momento da formação inicial. Professoras iniciantes no projeto e representante da ASEC	77
Figura 20	– Foto do diário de campo testemunhando os momentos iniciais com o Zippy	77
Figura 21	– Foto do locus da minha pesquisa. Sala 105B, onde a magia aconteceu	78
Figura 22	– Foto do quadro de avisos do AZ. Cartaz com os combinados	79
Figura 23	– Foto de um momento de interação na aula do AZ	81
Figura 24	– Foto do cartaz colocado na porta da sala para evitar interrupções	80

Figura 25	– Foto da aula do dia 28/10/17. Mudanças e perdas	87
Figura 26	– Imagem que representa uma cena de ciúme	92
Figura 27	– Print de um relato de uma mãe no grupo de Whatsapp da turma observada	101



**LISTA DE QUADROS**

Quadro 1	–	Módulos do projeto Amigos do Zippy	16
Quadro 2	–	Encontros de formação continuada	27
Quadro 3	–	Pontos abordados na Entrevista	55
Quadro 4	–	Reprodução de alguns resultados da avaliação dos alunos	96



**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ASEC	Associação pela Saúde Emocional de Crianças
AZ	Amigos do Zippy
C7S	Colégio 7 de Setembro
EE	Educação emocional
NGS	Sede Nila Gomez de Soárez
SOE	Serviço de orientação educacional
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal





## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	Erro! Marcador não definido.
<b>1.1</b>	<b>Apresentação Inicial .....</b>	Erro! Marcador não definido.
<b>1.2</b>	<b>Problema da Pesquisa.....</b>	Erro! Marcador não definido.
<b>1.3</b>	<b>Objetivo do Estudo.....</b>	Erro! Marcador não definido.
<b>1.4</b>	<b>Organização do Trabalho.....</b>	Erro! Marcador não definido.
<b>2</b>	<b>EDUCAÇÃO EMOCIONAL: UM NOVO OLHAR PARA O TRABALHO COGNITIVO .....</b>	Erro! Marcador não definido.
<b>3</b>	<b>PROJETO AMIGOS DO ZIPPY .....</b>	Erro! Marcador não definido.
<b>3.1</b>	<b>História do Projeto Amigos do Zippy .....</b>	Erro! Marcador não definido.
<b>3.2</b>	<b>Metodologia do projeto Amigos do Zippy .....</b>	Erro! Marcador não definido.
<b>3.3</b>	<b>Implementação do projeto amigos do Zippy na escola... Erro! Marcador não definido.</b>	
<b>3.3.1</b>	<b><i>O Colégio 7 de Setembro.....</i></b>	Erro! Marcador não definido.
<b>3.3.2</b>	<b><i>Estrutura pedagógica da escola.....</i></b>	Erro! Marcador não definido.
<b>3.3.3</b>	<b><i>Os desafios e ações de implantação do projeto Amigos do Zippy .....</i></b>	Erro! Marcador não definido.
<b>4</b>	<b>O CONSTRUCIONISMO E A INOVAÇÃO PEDAGÓGICA.....</b>	Erro! Marcador não definido.
<b>4.1</b>	<b>Construcionismo.....</b>	Erro! Marcador não definido.
<b>4.2</b>	<b>Inovação pedagógica .....</b>	Erro! Marcador não definido.
<b>5</b>	<b>DISCUSSÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA.....</b>	Erro! Marcador não definido.
<b>5.1</b>	<b>O tipo da pesquisa.....</b>	Erro! Marcador não definido.
<b>5.2</b>	<b>O acesso à escola e ao programa Amigos do Zippy .....</b>	Erro! Marcador não definido.
<b>5.3</b>	<b>Os participantes.....</b>	Erro! Marcador não definido.
<b>6</b>	<b>TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS.....</b>	Erro! Marcador não definido.
<b>6.1</b>	<b>A Coleta dos Dados .....</b>	Erro! Marcador não definido.
<b>6.2</b>	<b>Entrevistas .....</b>	Erro! Marcador não definido.
<b>6.2.1</b>	<b><i>Entrevistas com os gestores e professores .....</i></b>	Erro! Marcador não definido.
<b>6.2.2</b>	<b><i>Entrevistas com pais.....</i></b>	Erro! Marcador não definido.
<b>6.2.3</b>	<b><i>Entrevistas com os alunos.....</i></b>	Erro! Marcador não definido.
<b>6.3</b>	<b>Diário de Campo .....</b>	Erro! Marcador não definido.
<b>7</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS E RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA EXECUÇÃO DO PROGRAMA AMIGOS DO ZIPPY</b>	Erro! Marcador não definido.

<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
	<b>APÊNDICE A – DIÁRIO DE BORDO .....</b>	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
	<b>ANEXO A - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM OS</b>	
	<b>PROFESSORES .....</b>	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
	<b>ANEXO B - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM OS ALUNOS</b>	
	<b>.....</b>	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
	<b>ANEXO C – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM OS PAIS... Erro!</b>	
	<b>Marcador não definido.</b>	
	<b>ANEXO D – AVALIAÇÃO DOS ALUNOS SOBRE O PROGRAMA</b>	
	<b>AMIGOS DO ZIPPY .....</b>	<b>Erro! Marcador não definido.</b>



## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 Apresentação Inicial

A presente pesquisa foi desenvolvida em uma turma do 2º ano do ensino fundamental em uma escola de gestão privada na cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, no nordeste brasileiro e teve como dinâmica a investigação, a descrição e a interpretação crítica da implementação e efetivação de uma prática de educação emocional, intitulada Programa Amigos do Zippy, no decorrer do ano letivo de 2017.

O Estado do Ceará vive um contexto educacional bastante característico em relação ao restante do país. Grandes grupos escolares dominam o mercado local, oferecendo serviços que replicam de forma enfática o modelo de educação tradicional com o objetivo de gerar resultados nos diversos processos seletivos das principais universidades do país. Carga horária estendida, provas que simulam os concursos e professores replicadores de informações são a base da proposta dessas escolas.

O Colégio 7 de Setembro, escola de grande reconhecimento na sociedade cearense, é formado por três sedes e um centro universitário, com destaque local, nacional e internacional em resultados de vestibulares e olimpíadas científicas. Engloba alunos de famílias de classe econômica abonada e é formada por um corpo técnico bem estruturado, inquieto e pensante que busca práticas que possam desembocar em mais aprendizagem para os alunos.

Diante desse contexto fortemente didático e replicador, falar em educação emocional me pareceu um oásis num deserto de práticas tradicionais. Ter uma escola que está começando a se preocupar com essa abordagem me parecia uma forma de pensar fora da caixa e querer fazer algo diferente.

Na minha vida como estudante, na minha formação como professor de ciências e na minha prática jamais havia refletido sobre a importância do lidar, no chão da sala de aula, com as emoções. Era para mim uma área desconhecida, não concebia a ideia de trabalhar de forma sistemática o que se passava pela cabeça dos alunos e em como construir soluções que pudessem levá-los a entender, refletir e agir de forma mais assertiva com as suas emoções e com as dos outros.

## 1.2 Problema da Pesquisa

As disciplinas do mestrado tiveram o objetivo de construir o conceito de inovação pedagógica, que seria desenvolvido no estudo de campo para a elaboração desta dissertação. Esse novo conhecimento inquietou-me a investigar se o trabalho com educação emocional, realizado no Colégio 7 de Setembro, tinha características de uma ação inovadora. Fui em busca das parcerias necessárias para me incluir no novo mundo que estava por investigar, por meio das ferramentas etnográficas, para compreender se o que estava sendo realizado era uma prática que representasse uma ação de ruptura com o tradicional.

As conversas iniciais com os atores do programa fizeram-me concluir que, inicialmente, o trabalho com as emoções era uma prática pontual e não formalizada no cotidiano da escola. Por intermédio do conhecimento do programa Amigos do Zippy, apresentado à escola pelos membros da ASEC, conheceu-se uma maneira de formalizar a abordagem das emoções em sala de aula, por meio da aplicação de uma metodologia que proporcionasse encontros baseados na ludicidade, no trabalho de interação dos alunos, colocando o professor como mediador na construção do conhecimento.

Inicialmente, a implantação do projeto gerou inquietações na equipe gestora e no grupo de professoras que o executou. O desafio estava colocado à prova. Cursos de formação com a equipe da ASEC e do C7S foram oferecidos para que a sala de aula fosse transformada, deixasse de ser um parlatório e passasse a ter um cenário de formação diferente do que era vivido no dia a dia.

Diante de todo esse cenário, surgiu a minha inquietação para vivenciar essa nova realidade, utilizando as ferramentas da etnografia. Mergulhei durante todo o ano de 2017, como observador, nos trabalhos de preparação dos professores, nas reuniões de ajustes, nos eventos relacionados ao projeto e na prática de sala de aula, além de executar entrevistas com todos os segmentos dos atores envolvidos: pais, alunos, professores e gestores. Tudo isso como uma forma de investigar se o que estava testemunhando havia indícios de inovação pedagógica.

Reconheço que o andar deste trabalho me proporcionou uma experiência de vida que jamais podia imaginar. Ganhei amigos, melhorei a minha forma de lidar com as emoções, descobri novas formas de ensinar e de aprender e bebi na fonte da juventude das crianças com quem tive o grande prazer de conviver.

### 1.3 Objetivo do Estudo

O objetivo desta pesquisa é investigar criticamente, por meio da etnografia, se a realização de um programa de educação emocional, intitulado Amigos do Zippy, para crianças do 2º ano do ensino fundamental, caracteriza-se como um *case* de inovação pedagógica, de acordo com a linha de pesquisa do Departamento de Ciências da Educação da Universidade da Madeira. No processo de investigação, o investigador buscará características heterodoxas que indiquem rupturas com o modelo de escola vigente, por intermédio do reconhecimento de contextos matéticos incomuns no meio sociocultural do cenário escolar estudado, da existência da interação entre os atores envolvidos, que leve ao protagonismo dos aprendizes e da presença de aprendizagem significativa com menos ensino e mais aprendizagem.

### 1.4 Organização do Trabalho

A presente dissertação está organizada em oito capítulos. O primeiro é esta “Introdução” que traz uma visão geral de seu conteúdo. Os capítulos iniciais (do segundo ao quarto) estão estruturados com a revisão da literatura que tem como objetivo entender o que é educação emocional e o programa Amigos do Zippy. Estes capítulos abordam respectivamente:

- a) o segundo traz o embasamento teórico que sustenta o foco da pesquisa, descrevendo o conceito de construtivismo, construcionismo e inovação pedagógica;
- b) o terceiro aborda a base científica da educação emocional, descrevendo a caminhada da construção desta nova abordagem educativa;
- c) o quarto descreve o programa Amigos do Zippy, o processo de implantação do projeto e a estrutura pedagógica do *locus* da pesquisa, o Colégio 7 de Setembro.

Já os capítulos finais (do quinto ao oitavo) tratam mais diretamente do estudo empírico, sendo:

- a) o quinto capítulo, faz a discussão metodológica da pesquisa;
- b) o sexto trata das técnicas de coleta de dados;
- c) finalmente, no sétimo capítulo, a análise dos dados, relatos e experiências vividas na execução do programa Amigos do Zippy, em torno de categorias que emergiram do terreno; e
- d) no oitavo capítulo as considerações finais.





## 2 EDUCAÇÃO EMOCIONAL: UM NOVO OLHAR PARA O TRABALHO COGNITIVO

É com o coração que se vê corretamente; o essencial é invisível aos olhos.

(Antoine de Saint-Exupéry, O Pequeno Príncipe)

No decorrer do processo evolutivo do homem, a educação se coloca como prática fundamental para o desenvolvimento da espécie, diferenciando-nos das demais espécies animais, tornando comum o saber e viabilizando a forma comunitária de relação entre os humanos.

É importante ressaltar que à medida que a educação proporciona o vínculo entre a teoria e a prática, extrapolando do discurso à ação, ela torna-se uma forma de transformação e de propósito de desenvolvimento dos seres humanos.

As emoções são o fulcro da sobrevivência da espécie humana. Se nos perpetuamos na superfície da Terra é porque temos uma estrutura cerebral que nos permite sentir e nos adaptar ao entorno. “O medo nos permitiu reagir diante do que nos ameaçava, enquanto o desejo nos permitiu alimentar e reproduzir a espécie” (CASASSUS, 2009, p. 22). As emoções são, por natureza, impulsos de ação imediata, para reflexos instantâneos que visam lidar com a vida. A etimologia da palavra emoção é oriunda do latim *movere* –mover- somada do prefixo “e-“, que significa “afastar-se”, o que significa que uma emoção está associada a um agir imediato.

Graças ao avanço da tecnologia de estudo do cérebro, pode-se verificar a fisiologia (assinatura biológica) de como os diversos tipos de emoção preparam o organismo para diferentes tipos de resposta.

Uma dessas assinaturas é relatada por Goleman (2012, p. 33), quando reitera:

O amor, os sentimentos de afeição e a satisfação sexual implicam estimulação parassimpática, o que se constitui no oposto fisiológico que mobiliza para ‘lutar-ou-fugir’, que ocorre quando o sentimento é de medo ou ira. O padrão parassimpático, chamado de ‘resposta de relaxamento’, é um conjunto de reações que percorre todo o corpo, provocando um estado geral de calma e satisfação, facilitando a cooperação.

A formalidade da prática educativa é desenvolvida pela escola, local onde os conhecimentos adquiridos no decorrer do tempo são repassados para os aprendizes e onde se procura construir bons cenários de relações entre os atores que fazem parte dessa instituição.

No século XIX e em grande extensão do século XX, as propostas educacionais alicerçadas nos paradigmas tradicionais, em que a pedagogia conservadora e tecnicista servem de partitura para as práticas da sala de aula, são voltadas para a reprodução e fragmentação dos saberes sem a preocupação de relacioná-las com o mundo real e com a formação de indivíduos aptos a se tornarem agentes de transformação de realidades. Não existe tanta preocupação em

formar o indivíduo em sua totalidade, agregando conhecimento/mundo/relações/finalidade/respeito/sentimento. As mentes são vistas como células isoladas, difíceis de se ligarem para a formação dos tecidos relacionais, que podem levar a uma complexidade mais afetiva e harmônica, afinal, “os desenvolvimentos próprios de nosso século e de nossa era planetária nos confrontam, inevitavelmente e com mais e mais frequência, com os desafios da complexidade” (MORIN, 2010, p. 14).

Um dos grandes baluartes da discussão sobre o papel social e emocional da escola foi Paulo Freire que, em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, apresentou argumentos que levaram ao entendimento da prática docente para uma dimensão social da formação humana ao descrever que: “faz parte da tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar o certo” (FREIRE, 2004, p. 26-27). Ele conclamou a importância da educação para formação de indivíduos autônomos, livres, executores do respeito, do diálogo, da ética e da valorização da relação com o outro.

Os questionamentos sobre o papel da escola na formação dos jovens foram discutidos com maior ênfase no início do século XXI, colocando em xeque o modelo de formação puramente racional e questionando os frutos dessa forma de trabalhar o conhecimento. A ciência conseguiu extrapolar os limites da atmosfera e dos oceanos, mas olhamos muito pouco para o complexo cosmos do nosso interior, sem sabermos lidar com as emoções, com as angústias e com as formas de mediação de conflitos.

A abordagem inicial da educação emocional teve fruto a partir do entendimento de que há outras formas de inteligência, além da cognitiva. Assim, o conceito tradicional de inteligência, antes limitado puramente à capacidade de assimilar conteúdos e de responder a itens em testes de inteligência (teste de QI), foi ampliado, abrangendo o que poderia descrever e representar a diversidade cognitiva do ser humano, levando-se em conta as relações interpessoais por meio da aprendizagem dos papéis sociais indispensáveis à vida em sociedade.

Essa nova abordagem foi disseminada através dos trabalhos de Gardner (1995, p. 21) com as suas inteligências múltiplas, que diz:

Uma inteligência implica na capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural. A capacidade de resolver problemas permite à pessoa abordar uma situação em que um objetivo deve ser atingido e localizar a rota adequada para esse objetivo. A criação de um produto cultural é crucial nessa função, na medida em que captura e transmite o conhecimento ou expressa as opiniões ou os sentimentos da pessoa.

Os trabalhos de Gardner descrevem a amplitude das inteligências em sete dimensões: inteligência musical, inteligência espacial, inteligência interpessoal, inteligência intrapessoal, inteligência linguística, inteligência lógica e inteligência motora.

Os conceitos de inteligência intra e interpessoal serviram de despertador para o desenvolvimento dos estudos sobre educação emocional, uma vez que demonstravam a importância do ser humano em se conhecer e em se relacionar com os outros. A inteligência intrapessoal se baseia no conhecimento dos seus aspectos internos, em se conhecer emocionalmente, julgar as suas emoções e utilizá-las de maneira a orientar o seu comportamento. Já a inteligência interpessoal está relacionada ao conhecimento de se perceber em relação aos outros, principalmente na condição de ânimo, temperamento e motivações, buscando perceber as intenções e desejos dos outros.

A descrição de Gardner sobre as inteligências pessoais foi inepta no que diz respeito ao papel das emoções. Coube aos psicólogos Peter Salovey e John D. Mayer fazer o link entre as emoções e a inteligência, dando significado ao que é ser inteligente no que diz respeito à vida emocional e aos relacionamentos de uma pessoa.

Para Mayer e Salovey (1999, p. 23), define-se, de forma resumida, a inteligência emocional como aquela que:

Envolve a capacidade de perceber acuradamente, de avaliar e de expressar emoções; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção e o conhecimento emocional; e a capacidade de controlar emoções para promover o crescimento emocional e intelectual.

Os autores romperam o paradigma de que as emoções são adversárias da inteligência, sendo comumente interpretadas como um vetor de desagregação e irracionalidade. Em muitas situações adversas, as emoções são fatores que catalisam a inteligência ao interromper a dinâmica em andamento e promoverem o ajustamento do foco para o que realmente é importante para a resolução do problema, priorizando a cognição. Ser um indivíduo emocional não quer dizer que seja irracional, pois a irracionalidade é um termo que faz referência antípoda à ordem racional. O ser emocional complementa a sua racionalidade.

A pessoa emocionalmente competente é capaz de tratar as emoções de modo a desenvolver seu empoderamento pessoal e a melhorar sua qualidade de vida, aumentando a capacidade cooperativa e a afetividade entre as pessoas. “O que sentimos nos ocorre, e desse modo o ser emocional não é livre. No entanto, ao tomar consciência e gerar competências no plano emocional, ele deve se tornar passível de ser regulado e modulado” (CASASSUS, 2009, p. 39).

Goleman (2012, p. 18) compactua com esse raciocínio quando diz:

Uma visão da natureza humana que ignore o poder das emoções é lamentavelmente míope. A própria denominação *Homo Sapiens*, a espécie pensante, é enganosa à luz do que hoje a ciência diz acerca do lugar que as emoções ocupam em nossas vidas. Como sabemos por experiência própria, quando se trata de moldar nossas decisões e ações, a emoção pesa tanto - e às vezes muito mais - quanto a razão. Fomos longe demais quando enfatizamos o valor e a importância do puramente racional- do que mede o QI- na vida humana. Para o bem ou para o mal, quando são as emoções que dominam, o intelecto não pode nos conduzir a lugar nenhum.

A inteligência emocional é ponderada em um conjunto de capacidades, sendo comparada à inteligência acadêmica com as suas competências e realizações, conforme relata Mayer e Salovey (1999, p. 29):

[...] na esfera da inteligência acadêmica, inteligência é a aptidão, realização representa o que uma pessoa realizou e competência indica que a realização de alguém atinge um determinado padrão. De maneira semelhante a esses conceitos, a inteligência emocional representa a aptidão ou a capacidade central de raciocinar com emoções. A realização emocional representa o que uma pessoa aprende sobre a emoção ou informação relacionada com a emoção, e a competência emocional existe quando alguém atinge um nível desejado de realização.

Entendendo que esse novo modelo de educação deve ser colocado em prática, o Relatório para a UNESCO, da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, organizado por Jacques Delors, apregoa a educação em quatro pilares de aprendizagens que tem como objetivo preparar o ser humano para os novos desafios do mundo. Dos quatro pilares, destaco dois para análise:

Aprender a conviver, desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projetos comuns e preparar-se para gerenciar conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.  
Aprender a ser, para desenvolver, o melhor possível, a personalidade e estar em condições de agir com uma capacidade cada vez maior de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal (DELORS, 2010, p. 31).

Esses pilares procuram promover uma ação integradora da educação, relacionando a escola com a realidade do mundo e com a valorização dos sentimentos e, consequentemente, do ser humano.

O aspecto relacional e emocional tornou-se um desafio significativo para a sociedade do século XXI; saber lidar com suas emoções, entender o que se passa com o outro, mostrar-se solícito e apto a ajudar são características do cidadão pertencente a essa época. A sociedade exige pessoas que saibam trabalhar de forma colaborativa, que sejam capazes de agregar e de desenvolver suas equipes, pensando criticamente, fazendo escolhas responsáveis e enfrentando situações adversas de maneira criativa e construtiva. Não se pode agir de forma inteligente sem sentir e compreender ao mesmo tempo.

Para que se abra passagem para uma formação que propicie autoconhecimento emocional, valorização das relações com foco nos sentimentos e escolhas corretas, é necessário o desenvolvimento de trabalhos que levem a alfabetização emocional às escolas e às famílias.

Goleman (2012, p. 294) afirma que:

[...] a alfabetização emocional amplia nossa visão acerca do que é escola, explicitando-a como um agente da sociedade encarregado de constatar se as crianças estão obtendo os ensinamentos essenciais para a vida- isto significa um retorno ao papel da educação. Esse projeto maior exige, além de qualquer coisa específica no currículo, o aproveitamento das oportunidades, dentro e fora das salas de aula, para ajudar os alunos a transformar momentos de crise pessoal em lições de competência emocional.

As ações de alfabetização emocional, objetivando o desenvolvimento de habilidades emocionais nas crianças são fontes de estudo de diversas áreas do conhecimento, como educação, psicologia, neurociências e economia, apontando que a performance cognitiva dos alunos é beneficiada. Esse trabalho tem como foco potencializar as capacidades (habilidades) relacionadas com as emoções que precisam ser desenvolvidas para lidar com a dinâmica do ambiente em constante mudança com o intuito de que as crianças cresçam mais aptas, eficazes, resilientes, confiantes e altruístas.

Goleman (2012, p. 70) exemplifica muito bem a diferença de ações entre o analfabeto emocional e o que foi beneficiado pelo trabalho de educação emocional, quando diz:

Quando dizemos ‘Pare com isso!’ a uma criança cuja raiva a levou a bater num companheiro de brincadeiras, podemos evitar o espancamento, mas a criança continua com raiva. Os pensamentos dela ainda estão fixados na causa da raiva – ‘Mas ele roubou meu brinquedo!’ - , e a raiva continua do mesmo jeito. A autoconsciência tem um efeito mais potente sobre sentimentos fortes, de aversão: a compreensão ‘O que estou sentindo é raiva’ oferece um maior grau de liberdade - não apenas a opção de não agir movido pela raiva, mas a opção extra de tentar se livrar dela.

De acordo com Mayer e Salovey (1999), o trabalho para desenvolvimento da competência emocional deve ser realizado a partir da abordagem das seguintes habilidades emocionais:

- a) Conhecer suas próprias emoções;
- b) Lidar com emoções;
- c) Motivar-se;
- d) Reconhecer emoções nos outros;
- e) Lidar com relacionamentos.

Dentro dessa perspectiva, Goleman (2012) propõe que a escola trabalhe a educação emocional a partir de uma proposta de modelação em sala de aula. Dessa forma, o desenvolvimento da aprendizagem acontecerá por meio de problematizações do dia a dia,

fugindo de uma abordagem isolada dos sentimentos dos alunos e proporcionando processos de socialização dos sentimentos que levem à interação e à aprendizagem com as vivências do grupo.

Não podemos deixar de expressar a importância do seio familiar para a formação emocional básica da criança. Ela representa o primeiro e principal ambiente de socialização, de formação e de transmissão de valores, crenças e desenvolvimentos de atitudes para a convivência em sociedade.

O micromundo da família funciona como meio no qual surgem os primeiros conflitos e as primeiras intervenções de como lidar com as emoções e com as adversidades da vida. Partindo desse pressuposto, a dinâmica familiar funciona como agente de mudanças que podem desencadear estímulo ou inibição no desenvolvimento dos seus membros, influenciando assim os modos de criação dos filhos.

A principal homeostasia da dinâmica familiar é a própria interação entre os seus membros, que se for negativa poderá repercutir em consequências que levem à formação de pessoas desajustadas, infelizes e inaptas a conviver com o outro. Por outro lado, se forem interações sadias poderão levar à formação de indivíduos aptos a desempenharem vínculos sociais construtivos, por intermédio de repertórios saudáveis de atitudes, de autocontrole e de respeito.

A forma como os pais lidam com as emoções pode ter repercussões significativas na formação do repertório afetivo da criança. Pais emocionalmente inteligentes colaboram com exemplos positivos na dinâmica relacional da família, conforme relata Goleman (2012, p. 208):

A vida em família é onde iniciamos a aprendizagem emocional; nesse caldeirão íntimo aprendemos como nos sentir em relação a nós mesmos e como os outros vão reagir a nossos sentimentos; aprendemos como avaliar nossos sentimentos e como reagir a eles; aprendemos como interpretar e manifestar nossas expectativas e temores. Aprendemos tudo isso não somente através do que nossos pais fazem e do que dizem, mas também através do modelo que oferecem quando lidam, individualmente, com seus próprios sentimentos e com aqueles sentimentos que passam na vida conjugal.

São nas séries iniciais do ensino fundamental, em torno de seis anos, que as crianças passam a compreender como funcionam as suas emoções e a exercer formas mais eficazes e controladas de as regular, passando a enxergar no colega mudanças de comportamentos associadas às emoções, de forma que as habilidades emocionais sejam adquiridas antes que padrões de comportamento se estabeleçam. Entretanto, nessa fase do desenvolvimento, as emoções ainda não se encontram bem interiorizadas, sendo necessário a intervenção de adultos (pais e professores) para ajudar no processo de desenvolvimento das habilidades emocionais, a

fim de que possa se manifestar de forma eficaz e construir seus alicerces emocionais, que serão utilizados por toda a sua vida.





### 3 PROJETO AMIGOS DO ZIPPY

#### 3.1 História do Projeto Amigos do Zippy

A educação emocional, sendo resultado direto de estudos didático-pedagógicos, teve como alicerce a teoria da inteligência e as descobertas das ciências cognitivas na neurobiologia, na economia, na educação e na psicologia na segunda metade do século XX, questionando a imagem racionalista que o homem havia se formado de si mesmo. Com essa reflexão, começamos a nos dar conta de que as emoções têm um lugar amplo no que acontece em nossas vidas, sendo “um tipo de energia que une os acontecimentos externos aos acontecimentos internos” (CASASSUS, 2009, p. 87). Sendo assim, “as emoções estão no centro da experiência humana interna e social” (CASASSUS, 2009, p. 87). Partindo deste princípio, o modelo racionalista mostrou-se bastante limitado para explicar o comportamento humano e suas possibilidades.

A sociedade tem colocado na periferia as necessidades emocionais das crianças, priorizando basicamente as realizações acadêmicas e não levando em conta que essas realizações pouco repercutem sobre a habilidade da criança para lidar de forma positiva com os momentos de frustrações, com a dinâmica de transformações que a sociedade vem passando, com a autodisciplina e com a virtude de construir vínculos relacionais coesos e duradouros, para proporcionar uma vida feliz e realizada.

Esse contexto de equilíbrio entre o emocional e o cognitivo é um dos grandes desafios da escola do século XXI, tendo como meta a formação tecnológica, a necessidade de formar cidadãos aptos a colaborar com o desenvolvimento da humanidade e, ao mesmo tempo capazes de se conhecer, de entender os outros e de saber administrar conflitos.

Essa complexidade foi contemplada por Freire (2004, p. 146) quando afirmou que:

[...] como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e emoções, os desejos, os sonhos, devessem ser reprimidos por uma série de ditaduras reacionistas. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual.

O espaço escolar, posteriormente ao lar, é o local que proporciona amplitude de influência para o desenvolvimento social e emocional de uma criança, oferecendo um *locus* onde é possibilitado um cenário para o desenvolvimento das habilidades sociais com outras crianças e com adultos. É na escola que as crianças aprendem a expressar suas opiniões, crenças

e também descobrem o seu papel na sociedade, além de buscar o seu amadurecimento emocional.

As emoções e os pensamentos, formados através de processos mentais, são pouco duradouros e deixam representações na mente. Essas representações são apenas imagens e não realidades. Elas podem ser suprimidas. O processo de amadurecimento emocional é exatamente esse. É um processo de limpeza das camadas de representações que ficaram em nossas mentes. Com nossas mentes limpas, podemos dar espaço àqueles pensamentos e emoções que são positivos para o nosso desenvolvimento.

A conclusão de que se poderia elaborar um conjunto de vivências, que objetivasse o foco na educação emocional, levou à criação de um projeto que visa trabalhar com situações problematizadas do dia a dia. O objetivo principal do projeto é melhorar as habilidades de como lidar com as dificuldades cotidianas, através da interação com os outros, em diferentes situações e ambientes psicossociais, promovendo a saúde emocional, com repercussão em todas as áreas da vida do aprendiz, proporcionando, como descreve Goleman (2012, p. 88),

[...] o equilíbrio e não a supressão das emoções: cada sentimento tem seu valor e significado. Uma vida sem paixão seria um entediante deserto de neutralidade, cortado e isolado da riqueza da própria vida. Mas, como observou Aristóteles, o que é necessário é a emoção na dose certa, o sentimento proporcional à circunstância.

O programa Amigos do Zippy foi desenvolvido na Europa por um grupo de estudo formado por profissionais de diversos segmentos e coordenado pela Bedfrienders International, com sede na Inglaterra, e foi disseminado a partir de uma instituição de caridade independente chamada Partnership for Children, que tem como objetivo alavancar a saúde e o bem-estar mental e emocional das crianças ao redor do mundo, como emite Gomes (2015, p. 52):

Explorando o maior número possível de alternativas para a solução de problemas propostos e encontrando, por si mesmas (as crianças), as melhores alternativas, favorecendo dessa forma sua autonomia e elevando a autoestima.

Além dos programas de educação emocional, a Partnership for Children também desenvolve materiais de apoio para pais e professores, com o objetivo de oferecer suporte em ações de aprendizagem para ajudar crianças a lidar com situações emocionalmente complicadas.

A abordagem em sala de aula busca desenvolver nas crianças a capacidade de lidar com diversas situações, encorajando-as, de acordo com a Filosofia do programa, ou seja: “ajudar uns aos outros, ter respeito uns pelos outros, imaginar como alguém se sente (empatia) e colaborar com os outros são os elementos centrais do Amigos do Zippy” (MISHARA, [20-?], p. 4), buscando desenvolver a capacidade do aluno de, ao deparar-se com uma situação adversa,

fazer escolhas positivas, condizentes com a preservação da vida e com o bem estar pessoal e social, contrapondo-se a escolhas por opções agressivas ou autodestrutivas.

O Amigos do Zippy vem sendo adotado em 30 países e é representado no Brasil pela entidade sem fins lucrativos denominada Associação para a Saúde Emocional de Crianças (ASEC), que desde 2004 já trabalhou com mais de 249 mil crianças.

Em continuidade ao programa Amigos do Zippy, a ASEC oferece o programa Passaporte: Habilidades para a vida, que tem como público alvo os alunos pré-adolescentes, a partir de 11 anos, que participaram, ou não, do AZ e que estão em séries mais avançadas do ensino fundamental. O objetivo desse programa é reforçar, consolidar e ampliar as habilidades socioemocionais já trabalhadas anteriormente mas em situações de maior complexidade, já que as crianças apresentam um grau maior de amadurecimento.

### **3.2 Metodologia do projeto Amigos do Zippy**

Amigos do Zippy tem como público alvo crianças que estão cursando as séries iniciais do ensino fundamental, sendo facilitado pelos professores em sala de aula no decorrer do ano letivo, através de vinte e quatro encontros, com periodicidade semanal e duração média de sessenta minutos.

Os vinte e quatro encontros são divididos em seis módulos, conforme o relatado (QUADRO 1):

Quadro 1 – Módulos do projeto Amigos do Zippy.

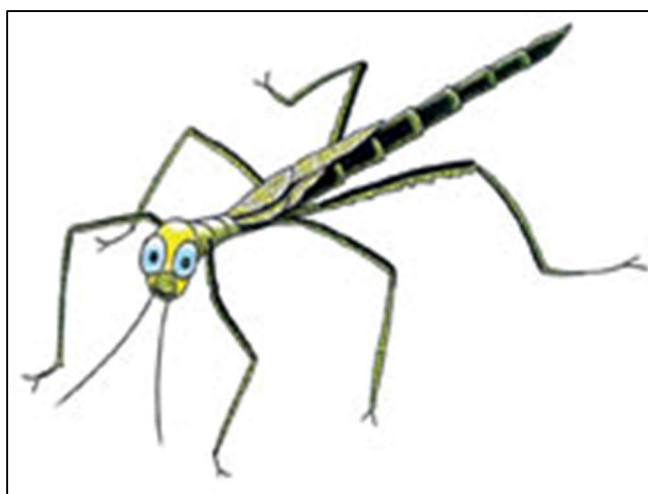
MÓDULO	OBJETIVOS
<b>Módulo 1- Sentimento</b>	Trabalhar a partir da análise dos sentimentos e encorajar as crianças a falarem sobre o que sentem e explorar diferentes maneiras de se sentir melhor.
<b>Módulo 2- Comunicação</b>	Desenvolver formas eficazes de comunicação, aprender a ouvir os colegas e a pedir ajuda.
<b>Módulo 3- Começando e interrompendo relacionamentos</b>	Aprender sobre a amizade, como fazer e conservar amigos, lidar com a solidão e com a rejeição, e pedir desculpas.
<b>Módulo 4- Resolução de conflitos</b>	Construir estratégias de resolução de conflitos. Focar a questão do bullying.
<b>Módulo 5- Lidando com mudanças e perdas</b>	Aprender a lidar com mudanças e perdas. Discutir sobre a morte.
<b>Módulo 6- Nós sabemos lidar com as dificuldades</b>	Desenvolver a sensatez para reconhecer se situações podem ou não ser mudadas e desenvolver os temas trabalhados nos módulos anteriores.

Fonte: Material de formação dos professores fornecido pela ASEC.

O projeto é desenvolvido de forma temática e sistematizada através de vivências de situações-problema que são representadas, de forma lúdica, pelo personagem Zippy, o bicho pau (FIGURA 1) e seus amigos, que são um grupo de crianças,

[...] vendo como as personagens das histórias lidam com as situações de diferentes formas e experimentando elas mesmas através de encenações e outras atividades, as crianças ficam mais equipadas para escolher as estratégias mais eficazes para lidar com as dificuldades. Quando as crianças têm sucesso ao lidar com uma situação difícil, elas aumentam suas habilidades em se adaptarem a situações futuras, o que poderá melhorar sua autoestima, seus sentimentos de competência e o seu bem-estar geral. (MISHARA, [20-?], p.3)

Figura 1 – Zippy, o bicho pau



Fonte: [www.amigosdozippy.org.br](http://www.amigosdozippy.org.br)

Figura 2 – Turma dos Amigos do Zippy



Fonte: Material do professor – ASEC.

Destaco o módulo 5 (lidando com mudanças e perdas) como um momento impactante. O tema morte é discutido de forma aberta, enfrentando-se a temática por meio de experiências que foram vividas pelos alunos, a partir de reflexões e procurando conceituar esse evento como algo natural. Nesse contexto, a escola deixa de furtar-se de abordar esse tema tão espinhoso, acolhendo-o de forma responsável e segura, por intermédio da ação do professor como mediador, tratando o tema sem propor receitas, mas valorizando o autoconhecimento, os questionamentos e o enfrentamento das questões pertinentes ao tema.

Uma das ações na abordagem dessa temática é a visita da turma a cemitérios, sendo esse momento um dos mais marcantes e apreciados por professores e alunos.

O boneco Zippy é bastante enaltecido em sala de aula, com o objetivo de fazer com que a criança possa estabelecer vínculo, envolver-se nas histórias trabalhadas na temática e valorizar os contextos emocionais vividos. As crianças são incentivadas a produzirem bonecos do Zippy, com a utilização de materiais diversos utilizando livremente a sua criatividade.

Os temas em sala de aula são abordados de forma dialógica, partindo do princípio de que o ouvir e o falar devem ser práticas ativas do processo de construção do conhecimento. Assim, todas as crianças têm a oportunidade de compartilhar suas vivências e suas emoções. As opiniões não são julgadas, mesmo que possam dar a impressão de erro. Tudo o que as crianças falam é compartilhado para que todos possam contribuir com uma solução que seja menos conflitante e que proporcione bem-estar para todos os envolvidos.

De acordo com Kováck (2005, p. 1):

O programa não diz para as crianças o que fazer, ao invés, encoraja as crianças a explorarem as situações e pensarem por si mesmas. Uma de suas bases é desenvolver nelas a habilidade de encontrar várias opções para cada situação e, assim, escolher a melhor solução dentre muitas possíveis. Além de ajudar as crianças a lidarem com seus problemas, mostra a importância de conversar com outras pessoas quando se sentem tristes ou com raiva, ou quando percebem o mesmo nas pessoas próximas. Reforça a habilidade das crianças em pedir e receber apoio.

A metodologia de incentivar as crianças a falarem no decorrer das aulas pode proporcionar avanços no desenvolvimento da oralidade, na construção de argumentos e na capacidade de descrever fatos. A confiança no falar e no expressar situações e pontos de vistas, acarreta um meio rico em oportunidades e motivações para a construção da retórica, contribuindo de forma contundente para que todos respeitem e valorizem o discurso.

As histórias temáticas vividas pelas personagens abordam problematizações que são comuns às crianças: amizade, comunicação, solidão, ameaças, mudanças, perdas e o início de uma nova vida. Todas as histórias são trabalhadas através de ilustrações que envolvem os personagens e, a partir delas, são desenvolvidos jogos, brincadeiras em grupo e dramatizações para que as crianças possam aprender de forma divertida e interativa a como lidar com os seus impulsos emocionais, já que, de acordo com Goleman (2012, p. 26),

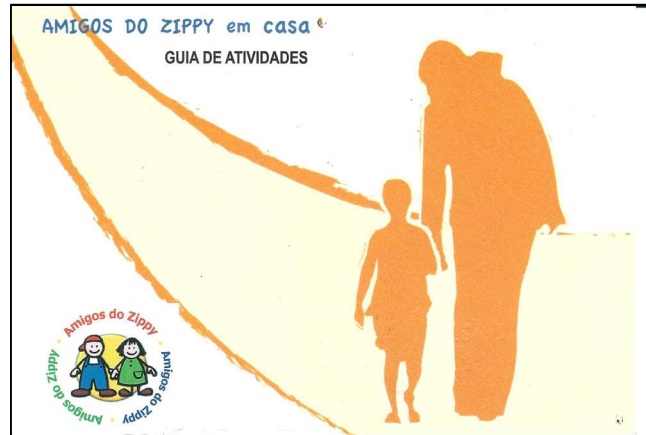
[...] a semente de todo impulso é um sentimento explodindo para expressar-se em ação. Os que estão à mercê dos impulsos - os que não têm autocontrole - sofrem de uma deficiência moral. A capacidade de controlar os impulsos é a base da força de vontade e do caráter. Da mesma forma, a raiz do altruísmo está na empatia, a capacidade de identificar as emoções nos outros; sem a noção do que o outro necessita ou de seu desespero, o envolvimento é impossível. E se há duas posições morais que nossos tempos exigem são precisamente estas: autocontrole e piedade.

Além das dinâmicas realizadas no ambiente escolar, o projeto também é levado para dentro das casas dos alunos, para que os pais e/ou responsáveis possam vivenciar juntos com os filhos as habilidades emocionais e sociais que foram trabalhadas na escola. Essa fase do projeto procura oferecer às famílias a oportunidade de aprender conceitos básicos do programa e desenvolver um novo olhar da educação dos seus filhos, além de motivar a integração e a melhor aceitação e entendimento dos sentimentos das crianças.

O projeto é apresentado para os pais em reunião que acontece no início do ano e tem a participação do corpo técnico da escola e de um representante da ASEC. Os pais são sensibilizados sobre a importância da educação emocional como um diferencial formativo para a vida de seus filhos e instigados a desenvolverem atividades em casa que possam expandir o que é aprendido em sala de aula. Todos recebem o AMIGOS DO ZIPPY EM CASA – Guia de

atividades (FIGURA 3), com orientações (FIGURA 4) de como lidar com os sentimentos e orientações sobre atividades relacionadas às temáticas desenvolvidas em sala de aula.

Figura 3 – Capa do guia de atividades para os pais



Fonte: Guia de atividades fornecido para os pais dos alunos participantes do programa AZ.

Figura 4 – Guia de atividades para os pais

**Módulo 1 – Sentimentos**

No primeiro módulo do **Amigos do Zippy**, a criança é incentivada a falar sobre sentimentos: sentir-se alegre, triste, brava, irritada, enciumada ou nervosa. As crianças se exercitam a dizer como se sentem em diferentes situações e exploram formas de se sentir melhor.

O objetivo é melhorar a habilidade das crianças em reconhecer emoções (tanto agradáveis quanto desagradáveis) e levá-las a aprender a se sentir melhor quando vivenciam emoções difíceis.

**Apresentamos a seguir dicas e atividades para você reforçar as lições em casa.**

**Dicas:**

- As crianças precisam saber que podem falar sobre seus sentimentos. Exemplifique contando como você se sente e por que se sente dessa forma: "O papai está triste hoje porque..."; "A mamãe está brava porque..."
- É útil reforçar que não existem sentimentos "negativos" ou proibidos e que, de vez em quando, todos podemos sentir algo desagradável. O importante é como lidar com esses sentimentos, lembrando que podemos buscar formas de nos sentir melhor.
- Quando a criança vivenciar emoções difíceis, tais como raiva ou nervosismo, incentive-a a nomear esses sentimentos e a falar a respeito deles.
- Mantenha materiais de desenho e massa de modelar por perto. Às vezes é mais fácil para a criança "desenhar" ou "fazer" seus sentimentos do que falar a respeito deles.
- A hora de dormir é um ótimo momento para falar a respeito do que aconteceu durante o dia e discutir sobre qualquer assunto que esteja perturbando a criança.

Fonte: Guia de atividades fornecido para os pais dos alunos participantes do programa AZ.

### 3.3 Implementação do projeto amigos do Zippy na escola

#### 3.3.1 O Colégio 7 de Setembro

O *locus* da minha pesquisa foi o Colégio 7 de Setembro, escola particular brasileira, situada na cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará. De acordo com o IBGE, Fortaleza tem uma população de cerca de 2.600.000 habitantes e com área de unidade territorial de 314.930 km<sup>2</sup>. Localizada no litoral da região nordeste, é a cidade brasileira mais próxima da

Europa (5608 km de Lisboa, Portugal), sendo destacada como principal ponto de transferência de dados de alto tráfego de informação do Brasil para os demais continentes, além de caracterizar-se como um importante polo turístico nacional, dotada de praias exuberantes e vasta estrutura de hotelaria.

A caminhada educacional deste colégio começou no ano de 1935, com um jovem acadêmico de Direito e professor, Dr. Edilson Brasil Soárez (FIGURA 5), que iniciou sua trajetória educacional com apenas 21 anos de idade e apenas 2 alunos em uma sala cedida pela igreja Presbiteriana de Fortaleza. Tornou-se um ícone da educação no Estado do Ceará e, em parceria com sua esposa, Profª. Nila Gomes de Soárez (FIGURA 5), fizeram crescer o Colégio 7 de Setembro, oferecendo educação de qualidade, disciplina, bons resultados e tendo como bandeira o slogan: “O jovem entra no Colégio 7 de Setembro para educar-se e sai para vencer na vida.”.

Figura 5 – Dr. Edilson Brasil Soárez e Profa. Nila Gomes de Soárez



Fonte: <http://www.c7s.com.br/conheca-nossa-escola/nossa-historia/>

O reconhecimento do seu trabalho teve como fruto a formação de uma grande rede de ensino (FIGURA 6) que atende desde o berçário até o ensino superior, e é composta por 3 escolas e um Centro Universitário (UNI7).



Figura 6 – Fotos das sedes do Colégio 7 de Setembro




Fonte: <http://www.c7s.com.br/conheca-nossa-escola/nossa-historia/>.

A Educadora 7 de Setembro é administrada atualmente pelos filhos e pelos netos do fundador, que desempenham a função de diretores e participam de forma ativa das decisões administrativas e pedagógicas em todos os segmentos.

A proposta educacional (FIGURA 7 e 8) da escola visa alinhar nas suas práticas a formação humana e a formação intelectual do aluno, objetivando a realização pessoal dos aprendizes e entendendo que educação é feita em parceria com a família e com a valorização profissional dos professores, tendo como missão:

Educar de forma crítica e criativa, buscando promover a dialogicidade e formar pessoas emancipadas e capazes de realizarem-se construtores de uma sociedade justa, em que os princípios cristãos norteiem as interações da cultura, da política, da economia, da ciência e da tecnologia (COLÉGIO 7 DE SETEMBRO, 2017).


Figura 7 – Os pilares de parceria apregoados pelo C7S



# somos PARCEIROS


**O Colégio 7 de Setembro é parceiro na formação de seu filho para os desafios da vida, preparando-o com os melhores conhecimentos e princípios morais, éticos e cristãos.**

Educar um filho é a maior realização da família. Você quer fazer o máximo para que seu filho esteja preparado para cada etapa da vida. Porém sabe que precisa de ajuda. Principalmente da escola. Afinal, equilibrar as responsabilidades de administrar família e sonhos pessoais e profissionais é tarefa árdua.




**Somos parceiros. Assumimos o compromisso com a formação acadêmica.**

Formar o intelectual é colocar os melhores conhecimentos ao alcance do estudante. Na profundidade certa e buscando o sucesso no ENEM e nos vestibulares mais concorridos do país. É capacitar para a leitura, a matemática e todo o saber necessário para o êxito no mundo das ideias e do trabalho.




**Somos parceiros. Assumimos o compromisso com a formação humana.**

Preocupamo-nos com a formação do caráter, reforçando valores e princípios éticos e cristãos. Somos uma escola com regras claras e justas, exemplo de comunidade na qual cada um cuida de si, do outro e do ambiente. Programas estruturados mostram o que uma escola cristã pode fazer para ajudar a família na formação de valores sem focar uma religião específica.



**Somos parceiros. Assumimos o desafio de acolher e estimular o aluno.**

Família e escola dependem também do esforço do aluno. Acompanhamos o desempenho individual. Professores competentes e criativos estimulam o estudo em um ambiente acolhedor. Cada conquista dos nossos alunos mostra que o esforço traz bons frutos. Atividades especiais e complementares promovem a descoberta de talentos e o exercício da cidadania.

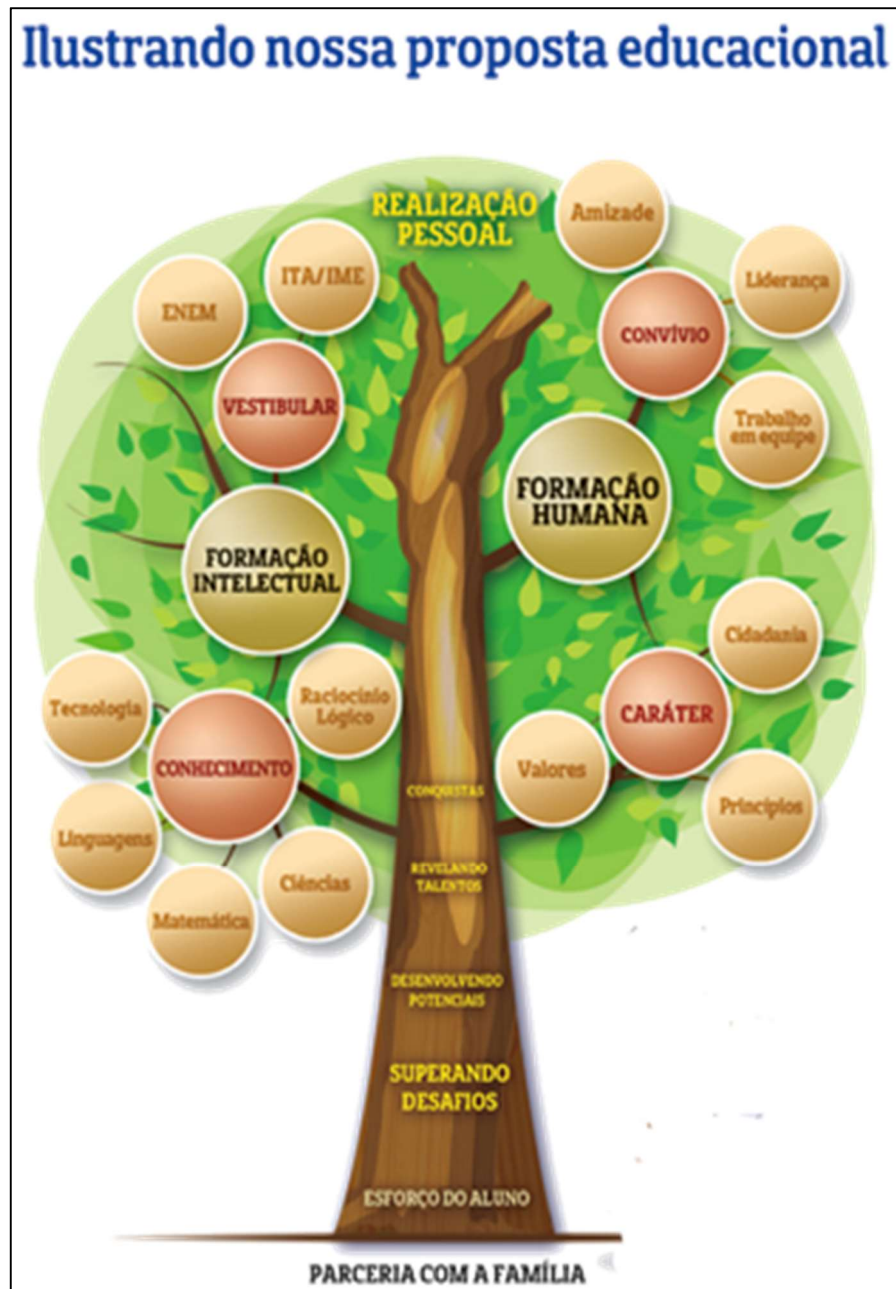


**Somos parceiros. Assumimos o propósito de apoiar a família.**

Trabalho conjunto requer confiabilidade e compreensão. Direção, coordenação e professores estão sempre prontos a ouvir, considerar e agir. Nossa comunicação é aberta, cumprimos o que prometemos e ajudamos a traçar planos de superação.

Fonte: [http://www.c7s.com.br/component/jdownloads/send/12-diversos/6292-bem-vindo-ao-nosso-colegio?option=com\\_jdownloads](http://www.c7s.com.br/component/jdownloads/send/12-diversos/6292-bem-vindo-ao-nosso-colegio?option=com_jdownloads).

Figura 8 – Proposta educacional do C7S



Fonte: <http://goo.gl/Tzy4aG>.

### 3.3.2 Estrutura pedagógica da escola

O C7S tem a sua organização modelada em segmentos de ensino, tornando a escola compartimentalizada em níveis (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) de acordo com a faixa etária dos alunos. Todos os níveis são formados por equipes de professores e gestores distintos, subordinados à direção geral da escola. Cada nível apresenta como gestor principal um supervisor geral que desempenha a regência pedagógica do grupo de coordenadores de ensino e professores. O corpo técnico pedagógico é orientado por um Projeto

Político Pedagógico (PPP) que foi discutido e elaborado por toda a comunidade escolar e que norteia as práticas pedagógicas e o perfil profissional de quem trabalha na instituição, apresentando como fundamentos epistemológicos:

- a) Racionalidade Comunicativa;
- b) Ciência com Consciência;
- c) Interação Dialógica;
- d) Busca pela emancipação humana;
- e) Formação Integral do ser humano;
- f) Transformação do meio e agir ético.

Os fundamentos didáticos-pedagógicos também se pronunciam de forma muito clara nos documentos norteadores da escola, definindo que tipo de aluno a escola se propõe a formar, que perfil profissional sua equipe deve apresentar, que modelo de escola se propõe a oferecer à sociedade e que tipo de gestão se pratica:

- a) Alunos:
  - Críticos: vigilância inclusive sobre as próprias ações;
  - Coerentes: busca ética do bem individual e coletivo;
  - Competentes: saber fazer, saber decidir;
  - Autônomos e felizes: prazer na superação de desafios.
- b) Profissionais:
  - Para formar alunos críticos, superar paradigma bancário;
  - Competentes;
  - Humanos e interativos: compromisso com comunicação, solidariedade e respeito;
  - Reflexivos e conscientes: análise contínua da sua prática.
- c) Escola:
  - Valores cristãos: amor a Deus e ao próximo;
  - Aprendizado de cada aluno: destaque para a resiliência;
  - Espaço ideal para os mais brilhantes e apaixonados profissionais;
  - Referencial de educação para a sociedade, inspirando confiança.
- d) Gestão:
  - Ideal de Educação, com destaque para o papel do docente;
  - Transparência e participação;
  - Sustentabilidade: organização aprendente;
  - Profissionalismo;

- O aluno vem antes;
- A verdade sempre;
- Independência.

A sede onde o projeto foi observado é denominada Nila Gomez de Soáres (NGS), localizada no centro da cidade, sendo composta por alunos que vão desde a educação infantil até o ensino fundamental.

A escola é formada por uma estrutura pedagógica dotada de laboratórios para ensino de ciências, amplos auditórios para apresentações culturais e artísticas, bibliotecas que atendem faixas etárias distintas, observatório astronômico e um centro esportivo com quadras e ginásio, além de um centro de idiomas que atende a alunos internos e a população em geral.

A 2ª série do ensino fundamental é lotada em um prédio exclusivo com amplas salas de aula, personalizadas pelas professoras, com informações e materiais de uso diário da turma. As turmas têm uma lotação média de 25 alunos.

A equipe pedagógica do ensino fundamental da sede NGS é composta por 23 professoras polivalentes, 13 estagiárias das mais diversas áreas relacionadas à educação, 2 supervisoras pedagógicas, 2 orientadoras educacionais e uma supervisora geral. A formação do grupo vai desde a graduação em pedagogia até a titulação de mestre para algumas componentes do corpo técnico.

A escola desenvolve processos de formação em serviço, através de encontros formativos, com formadores externos, encontros mensais de discussão das práticas, leitura em grupo de livros relevantes ao segmento, aplicação da metodologia de observação da sala de aula, com filmagens e reflexões da prática, além de vivências culturais.

A vida da escola não se resume ao teatro da sala de aula. Várias atividades extracurriculares são oferecidas pela escola, procurando desenvolver as habilidades artísticas através do teatro, da música e da dança, além de promover aulas em campo e encontros extra-escola, através dos acampamentos, em que os alunos passam um final de semana vivenciando atividades interativas, culturais e esportivas em um local afastado da escola e supervisionado por professores e por gestores.

### ***3.3.3 Os desafios e ações de implantação do projeto Amigos do Zippy***

A implementação do AZ no Colégio 7 de Setembro se deu a partir da inquietação da equipe pedagógica em desenvolver ações para trabalhar os conflitos e reações emocionais desproporcionais, comuns aos alunos da faixa etária de 6 a 9 anos. Várias ações eram

desenvolvidas de forma empírica pelas professoras em sala de aula, desencadeando processos e resultados diferentes nas diversas turmas, além de contar basicamente com a experiência da professora para realizar intervenções que levassem a resultados exitosos.

As intervenções eram feitas sob demanda, de acordo com as situações que apareciam no decorrer das aulas, gerando reflexões pontuais, basicamente pautadas nos envolvidos e não repercutindo para um cenário mais amplo e mais compartilhado, desfavorecendo a ampla formação do grupo e os processos interativos. Dessa forma, a riqueza das relações não era bem aproveitada em momentos pedagógicos que favoreceriam o crescimento dos alunos e dos professores.

Precisava-se orientar essa prática, tinha-se essa necessidade, mas não se sabia fazer, faltava-lhes ciência. Ao buscar práticas que pudessem atender aos anseios da equipe, um dos membros da direção da escola passou a conhecer o projeto Amigos do Zippy e convidou a ASEC para apresentar a metodologia para o grupo gestor. Logo no primeiro contato, a equipe absorveu a ideia e percebeu que poderia ser uma grande ferramenta de sistematização para se trabalhar as emoções dos alunos, contribuindo, de forma preventiva, para uma melhoria nas relações e no processo de formação dos alunos para a vida. A intenção era formar pessoas melhores, preocupadas com o seu bem-estar e com o do outro e não apenas com a sua formação intelectual. Conforme relata a supervisora geral:

O diferencial do ZIPPY era oferecer ferramenta às crianças para que elas resolvam os próprios problemas. A gente sempre tem uma postura de aconselhamento, de formador de consciência. Então, quando você pensa que a proposta do ZIPPY é dar à criança autonomia e uma ferramenta com a qual ela possa resolver um conflito ou situação, é uma coisa bem diferente. Ao nos depararmos com uma criança que diz: 'Ai, meu pai é alcoólatra, chega em casa e briga'. A tendência da escola seria: 'Vamos chamar a família para conversar'. Essa não é a proposta do ZIPPY. O trabalho é olhar para o menino e dizer: 'Tá, sua vida é essa, esse é o seu problema, então como é que você pode resolver? Que tipo de ações você poderia realizar para resolver? Escutar música, ficar embaixo da cama.' Logicamente não é deixar a criança à deriva porque outras orientações, no caso extremo, devem ser feitas. Mas o princípio é: Como você pode resolver essa questão? Essa possibilidade de um trabalho diferenciado com os conflitos pertinentes às crianças encantou a equipe. (Supervisora geral em entrevista realizada no dia 14/03/17).

Após o entendimento de que o AZ deveria ser incorporado às práticas da escola, a ASEC começou o processo de formação dos professores e da equipe pedagógica. A formação compreende um programa de capacitação que tem como objetivo habilitar os docentes nos aspectos teóricos e práticos para desenvolverem as atividades de sala de aula, além de deixá-los seguros para desempenhar o papel de facilitadores do desenvolvimento emocional de suas crianças.

A formação inicial é intitulada Formação Básica, com carga horária de 16 horas, divididas em 2 dias de período integral. Os principais pontos abordados nos seminários formativos são: visão geral do programa, o conceito de “Cope” (lidar com dificuldades), filosofia do programa, os “combinados”, aulas práticas, a organização do programa, os resultados das avaliações, os princípios para implementação das atividades, o envolvimento dos pais e os aspectos práticos a serem trabalhados.

Além da formação básica, os professores passam por encontros de formação continuada (QUADRO 2) no decorrer do ano, que é composta por 4 encontros com carga horária de 4 horas cada.

Quadro 2 – Encontros de formação continuada

ENCONTRO	MOMENTO	OBJETIVO
<b>Primeiro Encontro</b>	Ao término do Módulo 1	-Avaliação dos resultados do desenvolvimento do Módulo 1; - Preparação – conceitual e prática – para o Módulo 2; - Troca de experiências e dicas entre os participantes.
<b>Segundo Encontro</b>	Ao término do Módulo 2	-Avaliação dos resultados do desenvolvimento do Módulo 2; - Preparação – conceitual e prática – para os Módulos 3 e 4; - Troca de experiências e dicas entre os participantes.
<b>Terceiro Encontro</b>	Antes do término do Módulo 4	-Avaliação dos resultados do desenvolvimento dos Módulos 3 e 4; - Por que falar sobre perdas com crianças; - Preparação para os Módulos 5 e 6; - Comentários sobre a experiência do Módulo 5 em anos anteriores
<b>Quarto Encontro</b>	Ao término do Programa	- Avaliação dos resultados do desenvolvimento dos Módulos 5 e 6; - Avaliação do impacto do programa no ambiente da classe; - Comentários sobre o impacto nos próprios professores; - Sugestões de aprimoramentos do programa e/ou da capacitação; - Preparação dos professores que receberão as crianças no ano seguinte.

**Fonte:** Material do curso de formação dos professores do AZ.

O principal desafio da implantação do programa AZ foi a barreira do paradigma tradicional da prática pedagógica desenvolvida pelos professores, em que eles deixariam de ser replicadores de informações e passariam a construir o conhecimento através das vivências relatadas pelos alunos, sem impor opinião ou intervir com soluções prontas. Era necessário valorizar a interação e a reflexão, na prática vivida em um novo contexto de aprendizagem, em que o aluno passa a construir o conhecimento de uma forma mais autônoma. Além disso, saber

lidar com os sentimentos dos alunos e, conseqüentemente, com os seus próprios sentimentos era um outro desafio a ser transposto, conforme relatado na fala a seguir da supervisora geral:

As professoras ficaram encantadas, era unânime a necessidade e a importância de trabalhar a questão emocional. [...] as formações foram muito boas, as professoras ficaram muito tocadas nas primeiras formações. Percebemos que as professoras refletiram sobre seus próprios sentimentos, trazendo aspectos da sua vida pessoal, gerando uma reflexão sobre suas relações pessoais, isso mexeu muito com o grupo. E ficou muito claro que todo mundo abraçou a ideia, achou que era importante, achou que ia dar certo, estavam empolgadas. Agora, na prática, vem a ancestralidade das nossas crenças e hábitos. Assim percebemos que algumas professoras tiveram mais dificuldades do que outras (Supervisora geral em entrevista realizada no dia 14/03/2017).



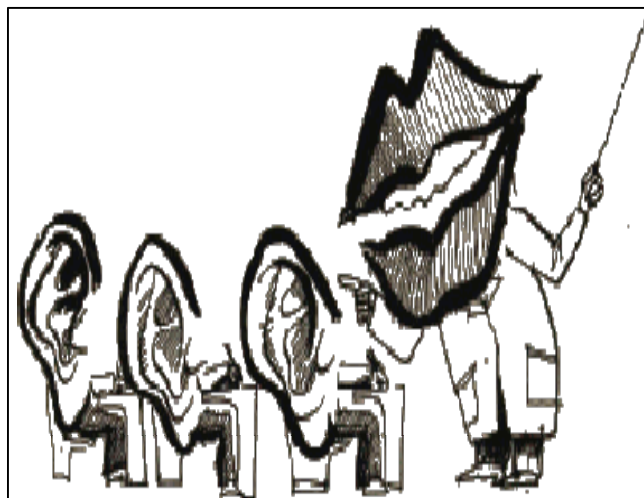
## 4 O CONSTRUCIONISMO E A INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

### 4.1 Construcionismo

A sociedade tem passado por severas mudanças em todas as suas frentes estruturais, desde a dinâmica das economias até discussões mais íntimas que envolvem a própria função da família. Toda essa reviravolta não poderia deixar de atingir a instituição escolar, fazendo com que suas práticas passassem a ser questionadas através da qualidade dos indivíduos formados para atender a esse novíssimo modelo de sociedade.

O modelo de escola tradicional (FIGURA 9) ainda reina como realidade de formação, reproduzindo o modelo fabril imposto pela necessidade de mão de obra da revolução industrial, preconizado por Frederick Taylor como referência para a organização racional do trabalho. Desde esse remoto tempo, o aprendiz é inserido em uma relação na qual o professor é o detentor do conhecimento, realizando práticas pré-estabelecidas, determinadas através de um currículo engessado e generalista, que não respeita a individualidade do aluno, apoiada na repetição e memorização de informações, como é representada na figura abaixo. Papert (2008) lembra que o educador Paulo Freire criticava veementemente esses atos e cita a metáfora sugerida por ele, na qual a metodologia escolar vigente segue um “modelo bancário” em que a informação é posta em pequenas parcelas na mente dos aprendizes, da mesma forma que acontece com o dinheiro em uma conta. Essa prática é denominada instrucionista.

Figura 9 – Representação de uma aula no modelo tradicional



Fonte: HARPER, Babette et al, 1980, p. 48.

A prática instrucionista preconiza o aprender como resultado de estimulação externa, através de reforços, utilizando técnicas de ensino por instrução programada

(apontamentos, listas, tabelas, esquemas), onde as tecnologias multimidiáticas são utilizadas para replicar o conhecimento, com a intenção de fazer o aluno “absorver” a informação trabalhada. Essa corrente baseia-se na teoria da psicologia comportamentalista ou behaviorista.

De acordo com Bruno, Pesce e Bertomeu (2012, p. 123),

[...] tal corrente é a base de sustentação da abordagem comportamentalista, que se fundamenta em Skinner, pesquisador behaviorista e seu principal representante. Para esta forma de pensar e agir no mundo, o comportamento humano é moldado em acordo com a cultura e com as mudanças do ambiente; assim, o meio determina (e transforma) o comportamento de todos. Entende o conhecimento como algo existente, já produzido, cabendo ao indivíduo, fruto do meio em que vive, descobri-lo. O reforço positivo, ou contingências de reforço, é característica fundamental desse processo de controle do comportamento (estímulo-resposta) [...].

A escola moldada no instrucionismo não atende ao ensejo da nova sociedade da informação e comunicação, em que o indivíduo deve ser capaz de gerir a sua própria formação; autônomo para buscar as fontes de conhecimento e apto a resolver situações desafiadoras de forma rápida e argumentada.

Diante desses embates entre o que está sendo feito e o que deveria ser feito, os estudiosos do segmento educacional buscam propostas que possam ajudar a melhorar o panorama das escolas e favorecer a aprendizagem dos alunos, através de estudos que priorizam a importância do entendimento sobre a gênese e o desenvolvimento do conhecimento.

A teoria de aprendizagem proposta por Piaget é denominada Construtivismo e representa muito bem como a escola deve fundamentar suas práticas. O Construtivismo não é uma ação pedagógica, nem uma técnica de ensino e nem mesmo um projeto escolar; é uma teoria que permite (re)escrever todas essas ações através do entendimento do desenvolvimento mental.

Para Piaget, “[...] o conhecimento não procede, em suas origens, nem de um indivíduo consciente em si mesmo, nem de objetos já constituídos (do ponto de vista do sujeito) que a ele se imporiam. O conhecimento resultaria de interações que se produzem a meio caminho entre os dois [...]” (PIAGET, 1972, p. 14), onde o pensamento deve agir sobre o objeto, transformando-o. Essa dinâmica é realizada através de mecanismos de assimilação e acomodação. Na assimilação, o indivíduo age sobre o objeto, agregando novas experiências e/ou informações às que ele já possui. A acomodação é uma ação na qual o aprendiz altera suas estratégias de ação, sua forma de pensar e suas concepções em função das novas experiências, fazendo gerar novas estruturas cognitivas. O equilíbrio entre assimilação e acomodação é uma dinâmica constante e é denominado como adaptação, caracterizando-se como fundamental para o desenvolvimento cognitivo.

Como plano alternativo para a corrente instrucionista, surgiu a utilização do computador como ferramenta educacional, servindo como mecanismo para a implementação de teorias que focassem na aprendizagem do aluno, descaracterizasse o professor como único detentor do conhecimento, desfizesse o jogo do ensinar tradicional como forma principal de ação educacional e buscasse colaborar no sentido da formação pautada na compreensão e reflexão através de formas de observação, de experimentação e de criação.

O foco na aprendizagem é assunto bastante discutido nos estudos do matemático sul-africano Seymour Papert, professor do MIT e pesquisador do uso dos computadores na escola, sob a ótica do Construtivismo.

Em seus relatos, Papert (2008, p. 37) combate o modelo da escola tradicional, alegando que

[...] a escola possui uma tendência a infantilizar as crianças, colocando-as em uma posição de ter de fazer conforme são mandadas, a ocupar-se com trabalhos ditados por outra pessoa e que, além disso, não possuem qualquer valor intrínseco; o trabalho escolar é feito apenas porque o autor de um currículo decidiu que fazer o trabalho moldaria quem o fizesse em uma forma desejável.

Ao contrário dessas ideias, Papert defende que o ambiente escolar deva ter como foco o processo de aprendizagem autônoma, em que o aprendiz assume o comando. Aos olhos de Fino (2008b, p. 278), o incitamento passa por proporcionar aos alunos meios de aprendizagem que valorizem a construção mental e re(construam) o seu próprio conhecimento, num ambiente rico em nutrientes cognitivos, onde o aprendiz tem uma grande autonomia e o professor inovador desempenha a função de agente metacognitivo.

O convencimento de que o foco na aprendizagem tem resultados mais significativos do que o ensinar tradicional, fez Papert propor um termo que se contrapõe à definição de didática. Enquanto didática representa a arte de ensinar, o termo que representa a arte de aprender é denominado matética. Sob essa luz, o pesquisador quis propor mudanças à postura da escola que “dá mais importância ao conhecimento sobre números e gramática do que o conhecimento sobre a aprendizagem” (PAPERT, 2008, p. 89).

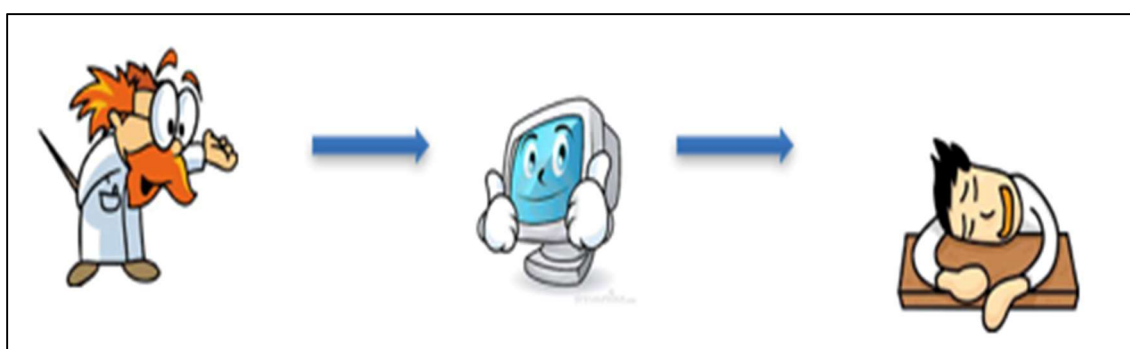
Ao relacionar o uso de computadores à educação, Papert assumiu uma postura de “insurreição construtivista”. Em sua proposta de utilização dessa tecnologia, os computadores podiam e deveriam ser utilizados “como ferramentas para trabalhar e pensar, como meios de realizar projetos, como fonte de conceitos para pensar novas ideias” (PAPERT, 2008, p. 158). Essa proposta era contrária as de alguns segmentos educacionais, que introduziram a ferramenta computacional como fortificante do instrucionismo, através da instrução auxiliada por

computador, mantendo o *status quo* da metodologia de transmissão do conhecimento através da máquina (máquina de ensinar).

Nessa forma alternativa de uso do computador, alunos e professores passam a ter a possibilidade de implementar ações de aprendizagem ilimitadas, utilizando a máquina em uma larga amplitude de estilos de aprendizagem, aos diferentes graus de capacidade e de interesse, criando situações desafiadoras, semeando redes de diálogos intersociais, promovendo o desenvolvimento cognitivo, valorizando as decisões pessoais e desenvolvendo habilidades para a resolução de situações-problema. Isso pode ser conseguido, por exemplo, com o uso de ferramentas de programação. É fundamentada, então, a máxima de que “os aprendizes não aprendem melhor pelo fato de o professor ter encontrado melhores maneiras de os instruir, mas por lhes ter proporcionado melhores oportunidades de construir” (FINO, 2004, p. 3).

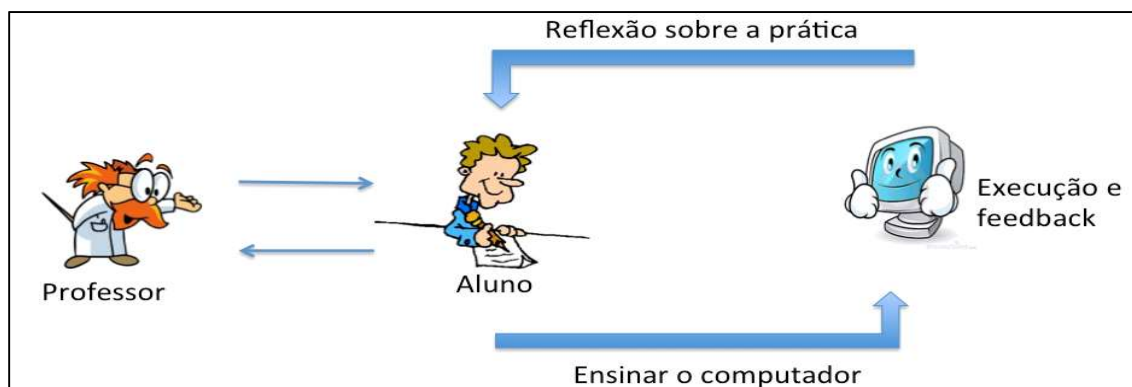
Sob essa nova abordagem do uso do computador como ferramenta de utilização escolar, criou-se uma dicotomia conceitual entre a sua aplicação sob a concepção instrucionista e construcionista, conforme podemos resumir nas Figuras 10 e 11:

Figura 10 – Uso do computador na concepção instrucionista



Fonte: do autor, 2018.

Figura 11 – Uso do computador na concepção construcionista:



Fonte: do autor, 2018.

Papert sugeriu o termo Construcionismo para nomear a sua proposta inovadora de aprendizagem, a qual podemos definir de forma clara e objetiva através das palavras de Fino (2004, p. 3):

[...] construcionismo, teoria segundo a qual a aprendizagem acontece quando os aprendizes se ocupam na construção de qualquer coisa cheia de significado para si próprios, quer seja uma canção, um programa de computador.

O pensamento construcionista é resumido em seu objeto de estudo: uma problematização e a sua compreensão, a construção de uma estratégia de solução no computador, pelo aluno, mediada por um profissional da educação e como instrumento: um computador e uma linguagem de programação usado para a construção do conhecimento. Freire define muito bem a proposta de uso da máquina para a corrente construcionista, quando declara:

O Construcionismo está atento a dois aspectos interdependentes que sustentam a aprendizagem: o desenvolvimento de materiais que permitem uma atividade reflexiva por parte do aprendiz e a criação de ambientes de aprendizagem. A elaboração de certos tipos de materiais para uso educacional favorece o aprender-com e não somente o aprender-sobre. Portanto, a tecnologia é um meio que favorece aprendizagens significativas, e não o objeto da aprendizagem propriamente dita [...] (FREIRE, 2001, p. 56).

A atividade de programação como meio de aprendizagem inibe a reprodução e memorização de informações e requer a organização de raciocínio lógico, reflexão, dedicação à atividade proposta e empenho à pesquisa para solucionar a problematização colocada como desafio. O computador passa a ser ensinado e fornece feedback imediato sobre as ações que o aprendiz está desenvolvendo, levando-o a refletir sobre a sua prática e gerando novas ações para melhoria dos resultados na resolução da problematização proposta. Papert enxergou todas essas possibilidades como essenciais para o processo de aprendizagem e investiu na elaboração da sua teoria construcionista, afirmando que “o tipo de conhecimento que as crianças mais precisam é o que as ajudará a obter mais conhecimento” (PAPERT, 2008, p. 135).

Além da fundamentação da teoria construcionista através do construtivismo de Piaget (1972), Papert também bebeu da fonte de Vygotsky (2007) para ampliar seus pensamentos, utilizando abordagens da teoria histórico-cultural, agregando aos seus estudos a perspectiva da interação cultural/social (relações), já que o homem, para Vygotsky, é caracterizado como um homem integrado com o seu meio, onde a linguagem desempenha papel fundamental, estabelecendo a interação entre aluno-professor, aluno-aluno e aluno-computador, viabilizando a construção do conhecimento. Conclui-se que “a interação social mais efetiva é aquela na qual ocorre a resolução de um problema em conjunto, sob a orientação do participante mais apto a utilizar as ferramentas intelectuais adequadas” (FINO, 2001, p. 5).

Outra importante contribuição de Vygotsky para o pensamento de Papert está ligada à aprendizagem e é denominada de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), sendo definida por Fino (2001, p. 5) como

[...] a distância que medeia entre o nível atual de desenvolvimento da criança, determinado pela sua capacidade atual de resolver problemas individualmente, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de problemas sob a orientação de adultos ou em colaboração com pares mais capazes.

Resumindo: seria a diferença entre o que se pode fazer sozinho e o que se pode fazer com a ajuda do outro.

A utilização do conceito de ZDP pelo professor representa uma oportunidade do acesso à maturidade da aprendizagem de seu aluno, através da identificação do que já foi dominado ou pela identificação das dificuldades de apropriação. Com isso, a ZDP mostra-se como essencial para a mediação, devendo o professor esforçar-se para atuar dentro desse conceito e, fundamentalmente, não se furtando aos debates, à pesquisa em conjunto e ao incitamento do trabalho cooperativo.

Papert, ao propor o Construcionismo, tinha como desejo pessoal promover um processo de aprendizagem abundante em significados para os aprendizes que dele participam. Iniciativa, pesquisa, reflexão, desejo, criticidade e colaboração são alguns dos componentes presentes na abordagem do autor que, unidos com o uso do computador, determinam uma alternativa ao tradicional processo de transmissão do conhecimento.

## **4.2 Inovação pedagógica**

As necessidades da sociedade pós-moderna exigem, cada vez mais, resoluções inovadoras às suas diferentes complexidades que, de forma rápida e de baixa previsibilidade, aparecem a cada instante. Essa realidade faz com que a espécie humana tenha que desenvolver capacidade reativa e proativa para confrontar problemas tão complexos e diversos. Toffler (1970, p. 23) relata que esse ritmo acelerado de mudanças na sociedade “surge da superimposição de uma nova cultura sobre outra mais antiga”, no âmbito da qual ninguém permanece imune.

A escola atual ainda é moldada pela prática da reprodução do conhecimento, alicerçada no escutar, no ler, no decorar e no repetir, cabendo ao professor a pesquisa do conteúdo, a formatação do conhecimento e a sua tentativa de reprodução. Ao aluno, cabe o papel de espectador, objetivando, através da sua passividade, a assimilação, a memorização e a reprodução dos conteúdos que foram propostos pelo professor.

A prática pedagógica é regida pelo currículo, documento burocrático que determina o que será ensinado, como será ensinado, quando será ensinado e para quem será ensinado. Esse engessamento, agregado à segmentação cronológica dos alunos caracteriza uma escola formada por compartimentos de mentes que são forçadas a aprender de forma padronizada e na época certa, sem respeitar às particularidades cognitivas dos aprendizes. Desta forma, a sala de aula é vista como um local de replicação de informação, em que o professor exerce a sua função na sinfonia pedagógica como maestro. Assim, “na impossibilidade de conhecer verdadeiramente cada aluno e na impossibilidade de planejar uma aula para cada aluno, o professor planifica uma aula para todos, que centra nos processos de ensino, isto é, em si próprio” (FINO, 2016b, p. 257).

Esta prática de execução de escola tem como objetivo puramente o cumprimento de metas das políticas educacionais determinadas pelo estado, em que os resultados devem ser conquistados com o menor custo, mesmo que para isso, exista segregação de muitos e a formação de indivíduos inábeis no exercício do pensar e do aprender de forma autônoma, expandindo o papel do professor como executor de projetos de engenharia social.

Como reforça Fino (2017, p. 9), a época atual

[...] é fortemente marcada pela influência da engenharia social, a qual se manifesta na busca de maior eficiência, que se alcançaria através da melhor técnica, das melhores práticas, dos melhores *standards*. Entenda-se também, que a engenharia social da instrução, ao reduzir o trabalho dos alunos à subalternidade, abria o caminho para a responsabilização dos professores pelos resultados obtidos pelos seus discentes, que só poderiam ser a consequência direta do trabalho e da competência dos docentes, no exercício das suas funções de engenheiros das sequências de ensino-aprendizagem.

Nesse modelo de escola, quem está efetivamente no processo de aprendizagem? Deveria ser o professor e o aluno, mas este último é colocado em segunda instância, sendo tratado como sujeito passivo e receptivo na dinâmica pedagógica. Essa configuração de escola atendeu a um modelo paradigmático de sociedade que acreditava na educação de produção de massa, no modelo fabril, com os alunos submissos, obedientes aos comandos dos professores e reprodutores do conhecimento factual de terceiros.

Este modelo, de acordo com Cunha (2008, p. 24),

[...] ambiciona amplas generalizações e só conhece como legítimo o conhecimento que foi gerado através da lógica experimental, sistematizada por leis que decorrem da constância, é colocada em questão. Sem desvalorizar a contribuição da ciência assim construída, a adesão à ruptura paradigmática significa o conhecimento de outras formas de produção de saberes, incorporando a dimensão sócio-histórica do conhecimento e sua dimensão axiológica que une sujeito e objeto.

A remodelação desse modelo paradigmático de escola, pautado na pedagogia do currículo, encontra excessivas dificuldades de ruptura, já que, como define Kuhn (2013, p. 281), “paradigma é aquilo que membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham de um paradigma”. A escola tradicional não está a desenvolver uma pedagogia visceral, focada no indivíduo como ser único e dotado de particularidades, essencialmente concebido para se relacionar e aprender com o mundo, sendo distante do que defende Fino, ao falar sobre sua concepção do que é pedagogia:

Teria a ver com a maneira, e respetiva fundamentação ética, política e científica, como os intervenientes, os que percorrem e os que acompanham, se relacionam entre si na instituição dos contextos, onde a aprendizagem pode acontecer. (FINO, 2016a, p. 17)

A sociedade passou a sofrer a influência direta das novas tecnologias da informação e comunicação, criando processos que interferem diretamente nas formas de como lidamos com o conhecimento, influenciando na dinâmica do ensinar e do aprender, derrubando praticamente todas as fronteiras, abarrotando o mundo de ideias, de notícias, de modismos, de críticas e promovendo acesso à informação para um número cada vez maior e diversificado de pessoas.

Toffler (1970, p. 18) resume a amplitude dessa mudança paradigmática, quando diz:

O que está a acontecer agora é, segundo tudo indica, mais profundo e mais importante do que a Revolução Industrial. Na realidade, um número crescente de opiniões dignas de créditos afirma que o momento presente representa nada menos do que a segunda grande cisão da história humana, só comparável em magnitude à primeira grande ruptura da continuidade histórica que foi a passagem do barbarismo para a civilização.

Diante dessa nova dinâmica de mundo, a ciência também passou a sofrer mudanças substanciais. O modelo cartesiano, fragmentado e composto por conhecimentos científicos desconectados, que dá ênfase às partes em detrimento do todo, passa a ser substituído por um novo paradigma científico, inovador, que reconhece a interconexão e a interdependência de todos os seres vivos e da sua ligação simbiótica com a mãe natureza (Gaia), passando a valorizar e reverberar os saberes sem hierarquizá-los em importância.



Nessa abordagem, Moraes (1997, p. 20) acrescenta que

a ciência está exigindo uma nova visão de mundo, diferente e não fragmentada. A atual abordagem que analisa o mundo em partes independentes já não funciona. Por outro lado, acreditamos na necessidade de construção e reconstrução do homem e do mundo, tendo como um dos eixos fundamentais, a educação, reconhecendo a importância de diálogos que precisam ser restabelecidos, com base em um enfoque mais holístico e em um modo menos fragmentado de ver o mundo e nos posicionarmos diante dele. Já não podemos prescindir de uma visão mais ampla, global para que a mente humana funcione de modo mais harmonioso no sentido de colaborar para a construção de uma sociedade mais ordenada, justa, humana, fraterna e estável.

Além disso, não podemos deixar de relatar a influência que essa tecnologia tem oferecido às relações sociais. As relações interpessoais passaram a ser mais individualizadas, descaracterizadas do contato físico, muito mais fugazes e capilarizadas, favorecendo uma interação mais frequente entre os indivíduos. Pessoas que estavam separadas por fatores temporais e/ou geográficos passam a ter a oportunidade de se encontrarem por intermédio dessa nova possibilidade tecnológica, transformando as tradicionais formas de socialização e criando uma nova forma de fazer sociedade.

Essa efervescente mudança afeta de forma profunda os profissionais que trabalham com conhecimento e, por consequência, proporciona exigências diferentes no repensar das suas práticas e das suas funções na sociedade, produzindo um novo paradigma. Fundamentalmente “o que o paradigma emergente propõe se aproxima da compreensão integradora da totalidade, reconhecendo a legitimidade de diferentes fontes de saber e a percepção integradora do ser humano e da natureza” (CUNHA, 2008, p. 25), gerando uma reconfiguração dos saberes.

Diante das necessidades de mudanças emergenciais que a escola necessita implementar para fazer jus ao modelo de sociedade em que vivemos e para se desfazer dos vínculos tradicionais e fabris corriqueiros nos sistemas de ensino, a prática escolar deve adotar dinâmicas de ruptura nos processos de aprendizagem. Partindo desse pressuposto, é fundamental a construção de um paradigma emergente inovador, capaz de transformar a escola em um espaço de articulação e produção do saber, permitindo encontro de práticas e tendências matéticas que possam suprir as necessidades da sociedade do conhecimento. Conforme sugere Fino (2011, p. 5), “a inovação pedagógica não é uma questão que possa ser colocada em termos estritamente quantitativos ou de mera incorporação de tecnologia, do gênero mais depressa, mais eficazmente, mais do mesmo”. Ela deve ter uma característica intencional, deliberada e munida de consciência, com o objetivo de melhoria da ação educativa e do estreitamento na relação professor e aluno. Afinal, como diz Paulo Freire (2004, p. 23), “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro”.

De acordo com o dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, entende-se por inovação a introdução de uma mudança, de uma novidade em um dado domínio, mas o foco inovador a ser estudado é bem mais amplo e complexo do que essa simples definição. A inovação pedagógica propriamente dita não pode ser caracterizada como uma mudança qualquer e tem como essência uma ruptura com a situação vigente, implicando “mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito, face às práticas pedagógicas tradicionais” (FINO, 2008b, p.1).

O foco da inovação aqui defendida está relacionado ao reviver da dialética, da construção do conhecimento por meio do coletivo, do fluxo, da mediação e da autonomia, tornando de pouco valor as abordagens didáticas como forma centralizadora e impositiva de gerar aprendizagem. Seria a forma de pender a balança para o entendimento da arte de aprender (matética) em desfavor da arte de ensinar (didática), afinal,

[...] a inovação pedagógica passa exclusivamente pela matética, o que implica a autonomia e o protagonismo do aprendiz e a redefinição do papel do professor, com todas as consequências dessa migração do aprendiz, da periferia para o centro dos processos de ação e de construção. Consequências sobre a própria escola, bem entendido, que tem de ser outra coisa. (FINO, 2016b, p. 258)

A necessidade de se abordar essa prática no ambiente escolar está diretamente ligada ao perfil de estudante que a escola se propõe a formar, dotado de habilidades que lhes sejam apropriadas para um contexto de abundância de informações, localizadas de forma irradiada e sem fronteiras geográficas ou proprietárias.

Da mesma forma que o cidadão do mundo moderno deve ser capaz de aprender de várias maneiras, em vários contextos, de forma rápida e consistente, cabe à escola desenvolver métodos que favoreçam essa realidade. A escola deve desenvolver, nessa perspectiva, uma metodologia descolada de normas rígidas e imutáveis, sendo capaz de formar um novo cenário, quebrando a ideia de aprendizagem como uma mera transmissão de informação e criando “contextos de aprendizagem, incomuns relativamente aos que são habituais nas escolas, como alternativa à insistência nos contextos de ensino” (FINO, 2008b, p. 1). Assim, a inovação deixa de ser caracterizada como conceito minimalista de reforma, conduzindo a educação para uma realidade realmente nova, ao invés de apenas renovar, que resulta em fazer surgir algo sob um novo aspecto, não alterando o que é relevante.

Os contextos inovadores, voltados para o enfoque matético, devem proporcionar ambientes nos quais os diversos tipos de mentes devem progredir, sendo-lhes apresentadas formas diversificadas de cenários que levem a uma aprendizagem significativa, gerando uma

herança de autonomia, de autodisciplina e de capacidades de aprender nos diversos estágios da vida. Pensar em matética é pensar em diversificação de métodos, é fugir da padronização, afinal,

não existe uma matética para todos, mas um processo matético de cada um, que começa muito antes do tempo da escola, existindo desde o início do desenvolvimento cognitivo, que a escola, nomeadamente fabril, ancorada como está na instrução simultânea, pura e simplesmente, reconhecer. (FINO, 2016b, p. 257)

A criação desse novo paradigma tem como objetivo uma prática educacional orientada pela vida, através de descobertas, da mediação e da formação do conhecimento para uso prático, que proporcione intervenções socioculturais. Fala-se, nesse contexto, de aprendizagem significativa, aquela que foge do descomprometimento, “como se misteriosamente, de repente, nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e nós dele” (FREIRE, 2004, p. 77).

Os pressupostos construtivistas, aliados com o conceito de Construcionismo, servem como base para que as ações inovadoras de aprendizagem possam ser desenvolvidas no ambiente escolar. A informação não é canalizada de forma unilateral, passando a ser meio para a construção do conhecimento por meio de ações de mediação e do aprender fazendo. A construção dessa nova realidade está focada na prática que o professor e alunos desenvolvem em sala de aula, fugindo dos currículos tradicionais, planejando sobre suas ações, refletindo sobre os resultados e fazendo ajustes quando necessário, afinal, “a inovação pedagógica não deve ser procurada nas reformas de ensino, ou nas alterações curriculares ou programáticas [...]” (FINO, 2008b, p. 2). A inovação deve ter como foco o favorecimento da aprendizagem e o desenvolvimento autônomo do aprendiz, favorecendo o seu protagonismo como forma essencial de aprendizagem, fazendo com que o aluno participe nas decisões pedagógicas, valorizando a sua produção pessoal, original, criativa e estimulando processos cognitivos mais complexos e menos repetitivos.

Podemos entender os processos que se caracterizam como inovadores se procurarmos no cerne de sua realização, entendendo os acontecimentos de dentro, através de uma observação participante. Assim poderemos realizar o exercício da análise das práticas pedagógicas por meio da compreensão das rupturas com as formas tradicionais de ensinar e aprender, muito mais sob a ótica da matética e menos para a ação didática, desfazendo o sistema dinâmico da escola, em que o professor é o foco e deslocando o equilíbrio para o lado do aprendiz.



## 5 DISCUSSÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

### 5.1 O tipo da pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio da utilização de métodos qualitativos, com a finalidade de vivenciar diretamente a complexidade do projeto de educação emocional Amigos do Zippy. A etnopesquisa permitiu a análise das descrições e interpretações das práticas propostas, com o objetivo de verificar em que grau de proximidade ou de afastamento elas estão em relação ao modelo de escola vigente, com o intuito de defini-lo como prática inovadora, utilizando o ponto de vista de Fino (2011, p. 5) ao citar que “a inovação só pode se colocar em termos de mudança e de transformação”.

Os métodos qualitativos permitem uma compreensão mais alargada de um contexto específico, resultando em uma descrição fenomenológica que, de acordo com Lapassade (2005, p. 38), descreve “a relação do sujeito que conhece e atua sobre os objetos que o cercam”, valendo também para a relação do mundo social. Esse tipo de pesquisa demonstra grandes virtudes:

- a) foco nas pessoas e suas interações;
- b) maior poder de revelação do fenômeno social;
- c) maior capacidade de conexões de significados com a realidade da pesquisa;
- d) ênfase no processo e suas acepções;
- e) maior consciência entre o objeto de estudo e o modo como ele é representado;
- f) possibilidade de interpretação das dinâmicas, segundo a perspectiva dos atores da situação em foco.

A etnopesquisa se apresenta como metodologia mais coerente e abrangente para a efetivação da exposta pesquisa, uma vez que remete o investigador a ter foco na ação, levando-o a interpretar de forma crítica o fenômeno vivido. Nesse caso, reconhecemos como pré-requisito a qualificação e o multirreferenciamento do observador-pesquisador sobre o contexto a ser estudado, como explica Macedo (2010, p. 16), “um desvencilhamento de seus preconceitos para abrir-se aos fenômenos - *époche*; isto é, realizar um esforço no sentido de compreender o mais autêntico possível, suspendendo conceitos prévios que possam estabelecer o que é para ser visto”. É através da etnografia que se busca entender o todo, valorizando através das partes os pequenos detalhes vistos através de uma lupa e formando um belo fractal de sentidos.

Sousa (2006, p. 5) demonstra muito bem a valorização dos pequenos fatos para o estudo etnográfico, quando diz que

[...] a etnografia, ao conferir essa outra perspectiva microsociológica e fragmentária à educação, vem assim valorizar as ‘pequenas coisas’, os ‘pequenos mundos’, as conversas banais, o raciocínio ‘profano’ dos actores (cf. H. Garfinkel. 1967), no fundo, a dimensão quotidiana, terrena, da vida dos alunos em concreto.

Toda essa rica fonte de conhecimento subjetiva, fruto do relacionamento visceral oferecido pela prática etnográfica não pode ter explicação de formato quantificável e inorgânico que, de acordo com Elias e Scotson (2000, p. 53)

[...] não podiam ser explicadas por meio de métodos voltados para a medição de ‘fatores’ ou ‘variáveis’, como se cada um deles existisse e pudesse variar por si, independentemente da configuração social completa – em suma, através de métodos baseados em pressupostos tácitos de que os fenômenos sociais seriam combinações de variáveis, comparáveis às combinações de partículas atômicas que servem aos cientistas naturais como um de seus principais.

Entrar no mundo dos estabelecidos e vivenciar as suas intimidades, faz com que o investigador-observador seja agraciado com revelações reais do que está acontecendo sob o ponto de vista dos nativos. No caso do meio escolar, tem-se a chance de conviver de forma direta com a complexidade do mundo que constitui a turma. Essa relação deve ser pautada no respeito e na valorização do contexto observado, prestigiando o que a diversidade pode oferecer e percebendo os atores sociais como protagonistas.

A forma de interação utilizada para a feitura desta dissertação foi a de observador participante periférico. Sobre essa forma de interação, Lapassade (2005, p. 70) explica que

[...] o observador participante vai se esforçar em adquirir um “conhecimento de membro”. Vai tentar identificar os motivos que os membros tinham para fazer o que fizeram, estabelecer o que seus atos significam para eles mesmos naquele momento.

Vivenciei os encontros de sala de aula, as reuniões de planejamento e os momentos de formação de professores envolvidos no projeto Amigos do Zippy, sem intervenção ativa na dinâmica do grupo em estudo, sendo minha participação apenas como membro observante. No decorrer do processo de observação mantive o distanciamento necessário, sem torná-lo sinônimo de neutralidade, procurando equilibrar minhas opiniões pré-concebidas com as novas vivências que foram incorporadas à minha história, mas evitando tornar-me um nativo, pois “a necessidade de conservar uma certa distância, aliás inevitável, é constantemente invocada, isso pode ser para dar provas de seriedade metodológica” (LAPASSADE, 2005, p. 76).

Além do convívio que a pesquisa pôde proporcionar, outras formas de captação de informações, necessárias para acessar o núcleo do conhecimento e da cultura trabalhados no cenário estudado, foram fundamentais: a análise dos documentos formais, a análise dos registros produzidos pelo observador e a escuta dos atores participantes.

O diário de bordo tornou-se uma grande ferramenta nas minhas observações, sendo um meio intimista, dotado de pessoalidade e de subjetividades. Esse tipo de instrumento teve como objetivo registrar assuntos diversos, datas, ideias, impressões, observações que se fossem vistas de forma isolada poderiam ser facilmente excluídas, mas quando foram colocadas em contexto serviram como uma grande fonte de revelações, essenciais para o desenrolar da minha investigação. Tornou-se o meu diário pessoal, que de acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 150),

[...] ajuda o investigador a acompanhar o desenvolvimento do projeto, a visualizar como o plano de investigação foi afectado pelos dados recolhidos, e a tornar-se consciente como ele ou ela foram afetados pelos dados.

O uso dos documentos formais ou não formais utilizados nesta dissertação retratou-se como um grande aliado para a fundamentação do que foi observado. Essa fonte de informação é caracteristicamente rica e abundante quando se fala do âmbito escolar, já que a burocracia e as expressões da prática educativa são historicamente registradas através da cultura gráfica. A importância desses impressos para uso no estudo etnográfico pode ser constatada na fala de Macedo, quando diz que

[...] sabemos que existe uma vasta cultura tácita dos alunos, cuja manifestação escrita toma forma de notas, cartas, bilhetes, desenhos, grafites, etc. A densidade destas expressões é considerada pelos etnopedagogos como um indicador significativo de “patterns” de ações no meio escolar. Ademais, podemos comprovar que a própria vida escolar e seus rituais é muito feita a partir de orientações contidas em documentos. (MACEDO, 2000, p. 171).

A análise dos documentos produzidos pelo grupo gestor do projeto demonstrou-se como “um recurso precioso para esse tipo de investigação, seja revelando novos aspectos de uma questão, seja aprofundando-a” (MACEDO, 2010, p. 107), podendo ser reexaminados com o objetivo de auxiliar na busca de novas interpretações.

Somados aos registros escritos, produzidos pela equipe gestora ou pelo pesquisador, utilizei também de meios midiáticos (gravações de áudio e fotos) para registrar os acontecimentos, gerando memória das ações, que foram utilizadas no momento da escrita da dissertação e garantindo a fidelidade das informações relatadas.

A realização de entrevistas abertas ou semi-estruturadas constituiu-se como uma importante ferramenta de captação de opiniões e sentimentos, servindo para assimilar o entendimento dos fatos reais, uma vez que “o mundo é aquilo que pode ser dito, é um conjunto ordenado de tudo o que tem nome, e as coisas existem mediante as denominações que lhes são emprestadas” (MACEDO, 2010, p. 104). Nesse modelo de entrevista, planejei a forma como

iria conduzir o encontro e que dados busquei investigar, mas sempre com a preocupação de proporcionar uma conversa livre de cabrestos regimentais, dotada do dinamismo e da liberdade necessários para captar as particularidades das falas e das interações.

O conjunto de dados obtidos no decorrer da caminhada etnográfica passou por constantes processos de análise de conteúdos, com o intuito de descrever as mensagens, compreender os significados e as atitudes vinculadas ao contexto das informações captadas e pela necessidade de clarificar a turbidez decorrente das hipóteses formuladas, além de favorecer um desnudamento das relações estabelecidas de forma implícita nas falas captadas.

Para Bardin (1977), a análise de conteúdo constitui-se de várias técnicas que possibilitam descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação, seja ele por meio de falas ou de textos. Desta forma, a técnica é composta por procedimentos sistemáticos que proporcionam o levantamento de indicadores (quantitativos ou não) permitindo a realização de inferência de conhecimentos.

Como todo projeto científico, os resultados passaram por um processo de validação dos dados para serem registrados nesta descrição narrativa, fruto do trabalho etnográfico, tornando-a mais credível. A forma utilizada para garantir a legitimidade dos dados foi o método da triangulação de fontes, envolvendo a combinação das percepções obtidas através das observações e entrevistas realizadas com todos os membros da comunidade escolar (gestores, professores, alunos, pais e funcionários), com o intuito de compreender de forma clara a diversidade de aspectos da realidade e evitar distorções que poderiam ser ocasionadas pela utilização de apenas um ponto de vista.

Sem a técnica de triangulação, as análises das evidências das fontes estudadas seriam realizadas de forma desvinculada e não corroborariam o mesmo fato.

Conforme fundamenta Yin (2001, p. 121),

[...] o uso de várias fontes de evidências [...] permite que o pesquisador dedique-se a uma ampla diversidade de questões históricas, comportamentais e de atitudes. A vantagem mais importante, no entanto, é o desenvolvimento de linhas convergentes de investigação.

## **5.2 O acesso à escola e ao programa Amigos do Zippy**

A escolha do Colégio 7 de Setembro como *locus* da minha pesquisa nasceu a partir do conhecimento de que essa escola estava procurando desenvolver um projeto aparentemente diferente de outras escolas da região. Por ser uma escola tradicional, historicamente conteudista e voltada basicamente para o desenvolvimento cognitivo dos seus alunos, um projeto de



educação emocional me pareceu uma ação que poderia apresentar características inovadoras e possível de ser investigada.

Analisei a dinâmica do programa Amigos do Zippy no site da ASEC e percebi que poderiam existir indícios de inovação pedagógica, que atendiam à linha de pesquisa da Universidade da Madeira.

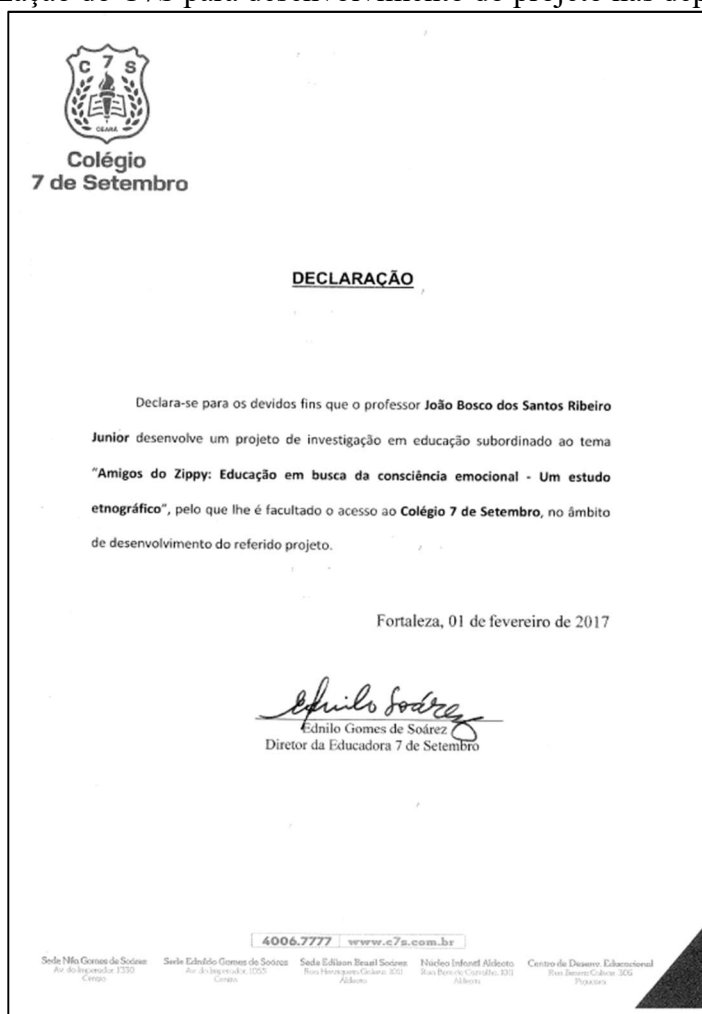
O Amigos do Zippy é um programa de Educação Emocional que ensina crianças pequenas a lidar com as dificuldades do dia a dia, **estimulando-as a identificar e a falar sobre seus sentimentos e a explorar várias maneiras de lidar com eles; construir estratégias para resolver problemas e a fazer escolhas que melhorem sua qualidade de vida, levando em conta os sentimentos das outras pessoas.**

O programa apresenta uma série de seis histórias, com um grupo de crianças e o Zippy – um inseto bicho-pau. Nessas histórias, os personagens **vivenciam situações de dificuldades** que são familiares às crianças: amizade, comunicação, solidão, ameaças, mudanças, perdas, entre outras. Cada história é ilustrada com uma série de figuras coloridas.

As aulas proporcionam a **oportunidade das crianças refletirem e criarem muitas estratégias** para os problemas apresentados, e são complementadas por jogos lúdicos que **possibilitam experimentar suas sugestões** à medida em que **desenvolvem suas capacidades emocionais e sociais.** (ASEC, 2017, grifo meu).

A partir da compreensão de que poderia vivenciar uma prática pedagógica inovadora no AZ, resolvi procurar a escola e pedir autorização para estudar o programa. Procurei a supervisora geral do ensino fundamental para expor o meu projeto e obtive total apoio da escola para acompanhar a caminhada do projeto, ter acesso aos documentos e às pessoas envolvidas. Abaixo o documento (FIGURA 12) de autorização para desenvolver minha pesquisa nas dependências do Colégio 7 de Setembro.

Figura 12 – Autorização do C7S para desenvolvimento do projeto nas dependências da escola



Fonte: do autor, 2018.

Como o Programa AZ é de propriedade da ASEC, precisava ser apresentado à equipe gestora para poder utilizar informações sob propriedade intelectual. Fui muito bem acolhido por todos que fazem parte da equipe de formação e pela direção da entidade. A Figura 13 mostra o documento de autorização para estudo do AZ.

Figura 13 – Autorização da ASEC para realização da pesquisa de mestrado abordando o tema Amigos do Zippy



Fonte: do autor, 2018.

Para tomar conhecimento de como o programa funciona, fui convidado para participar da formação básica (FIGURA 14) do Amigos do Zippy, juntamente com três professoras iniciantes na escola que iriam executar o programa nas suas turmas de 2º ano.

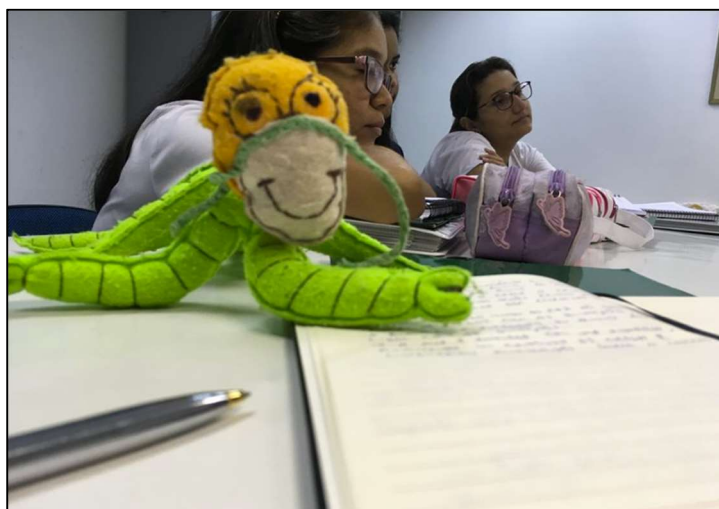
Figura 14 – Foto da professora da ASEC e as novas professoras no curso de formação inicial



Fonte: do autor, 2018.

O curso foi realizado em dois dias, mediado por uma professora formadora enviada pela ASEC e tendo como objetivo explicar toda a metodologia do programa, o material (FIGURA 15) a ser utilizado pelos professores e os mecanismos de apoio que a ASEC oferece para os executores do programa.

Figura 15 – Foto do boneco Zippy no curso de formação



Fonte: do autor, 2018.

O curso foi desenvolvido de forma bastante interativa, sempre promovendo a construção das práticas a serem trabalhadas pelo professor e seus alunos em sala de aula.

Durante toda a formação, minha participação foi ativa, favorecendo uma real imersão na dinâmica do projeto. Os encontros foram importantes para minha pesquisa, pois tive

a oportunidade de vivenciar as rotinas e as estratégias, passando a conhecer de forma profunda a filosofia do projeto.

O acolhimento pelos membros da escola foi muito bom. As professoras e gestoras se mostraram bastante solícitas e aderentes ao meu projeto, sempre se colocando à disposição para me atender, mesmo em seus horários de folga. Procurei tê-las como parceiras na construção dessa pesquisa, compartilhando as transcrições das entrevistas e procurando a opinião na construção dos textos.

Considero-me um felizardo em ter vivenciado momentos tão ricos e de ter conhecido pessoas que me marcaram profundamente através de exemplos de dedicação e de doação à vida escolar.

### **5.3 Os participantes**

O público com que convivi da comunidade escolar do C7S era constituído pelos gestores, pelos professores, pelos funcionários e pelos alunos do 2º ano do ensino fundamental da sede Nila Gomez de Soárez, localizada no centro da cidade de Fortaleza - Ce.

O grupo gestor do 2º ano era formado por uma supervisora geral de ensino e uma supervisora da sede. A primeira apresenta graduação em pedagogia e mestrado em educação e a segunda é graduada em psicologia. Ambas atuam em tempo integral na escola e são responsáveis pela ação de 23 professoras.

As professoras que atuam no AZ são graduadas em pedagogia e desempenham papéis diferentes na gestão da sala de aula. A mais experiente, com 24 anos de trabalho na escola e 5 anos trabalhando com o AZ é professora regente e responsável direta pela ação pedagógica e pela maestria da sala de aula. A outra professora tem pouco tempo de casa e recém graduada em pedagogia; é professora auxiliar e responsável pelos aspectos burocráticos e de suporte às ações pedagógicas que necessitam de um apoio mais intensivo com os alunos.

Percebe-se uma interação profissional bastante intensa na prática das duas professoras. Os planejamentos e os combinados são de conhecimento de ambas e as ações pedagógicas são colocadas em prática, de forma organizada e coesa. A diferença de idade, de experiência e talvez, de modelos acadêmicos de formação distintas, não impedem que exista uma intensa dialogicidade e colaboração entre elas. Percebe-se que elas se entendem até na troca de olhares.

Essa relação positiva e de trabalho em equipe faz com que a relação entre as professoras e os alunos seja agradável, leve e bastante produtiva, afinal, “sabemos muito bem

que o clima de uma escola e de uma sala de aula depende do humor do professor. E o nosso aluno-formando (professor) iria trabalhar com crianças cheias de vida e energia. Era preciso não as sufocar [...]” (SOUSA, 2000, p. 210).

A turma (FIGURA 16) com que convivi era formada por 18 alunos, sendo 12 meninas e 6 meninos. O grupo não apresentava nenhum caso de inclusão. Os alunos são oriundos dos bairros circunvizinhos e utilizavam basicamente o carro dos pais ou o serviço de transporte escolar particular para se deslocarem até a escola. Nenhum dos alunos utilizava transporte público nesse trajeto.

Figura 16 – Foto do 2º ano (Turma 5)



Fonte: do autor, 2018.

A origem socioeconômica dos alunos é fundamentalmente de famílias compostas por pais assalariados com ocupação em empresas privadas e em órgãos públicos; outros são profissionais liberais, conforme podemos perceber na listagem das profissões abaixo:

- a) Assistente Financeira;
- b) Mecânico;
- c) Empresário;
- d) Autônomo;
- e) Professor;
- f) Advogado;
- g) Médico;
- h) Fisioterapeuta;
- i) Vendedor.

No aspecto geral, percebe-se que os pais acompanham de perto a vida escolar dos filhos, participando das atividades, dos eventos e das reuniões, sempre que convidados. Logo nos primeiros contatos, pude constatar um grande envolvimento de toda a comunidade escolar no projeto Amigos do Zippy.





## 6 TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS

### 6.1 A Coleta dos Dados

No decorrer da pesquisa realizada, utilizei técnicas de coleta de dados que me permitiram mergulhar no mundo dos *insiders* e passar a conhecer as suas peculiaridades e suas vivências. Realizei a observação participante periférica, obtendo grande aceitação no “seio do grupo”, sendo-me permitido “participar em todas as actividades como membro, mas mantendo uma certa distanciação do género ‘um pé dentro e outro fora’” (FINO, 2008a, p. 5).

Analisei os documentos adotados pelo grupo gestor e aqueles elaborados pelos alunos e professoras participantes, além de realizar entrevistas não-estruturadas e entrevistas estruturadas com roteiro anteriormente pensado. Todas as formas de coleta de dados proporcionaram a formação de um fractal vivo e rico em detalhes que favoreceram a montagem do filme a ser construído na cabeça do etnógrafo que, de acordo com Sousa (2006, p. 4):

São essas ‘pequenas coisas’ que passam a ser o objeto privilegiado de investigação, para que se requer uma atenção, um olhar já não de alguém superiormente estranho, que vem de fora para observar, mas um olhar interessado, implicado, ou seja, um olhar etnográfico.

A riqueza dos momentos foi registrada através de fotos e áudios, servindo como memória para este pesquisador reviver os momentos e poder elaborar com mais propriedade os textos deste trabalho.

O processo de captação dos dados foi realizado no decorrer do ano de 2017, através das seguintes iniciativas:

- a) Visita a todos os setores pedagógicos dos diversos níveis de ensino, com o intuito de conhecer a dinâmica e as particularidades da escola;
- b) Acompanhamento da formação dos professores envolvidos na execução do projeto Amigos do Zippy;
- c) Participação nas diversas reuniões pedagógicas de planejamento das aulas;
- d) Formação em parceria com a ASEC, com a qual obtive acesso a todos os documentos que balizam a prática do professor na execução do projeto;
- e) Participação no curso de formação de monitores do Projeto Amigos do Zippy, mesmo curso oferecido para os professores executores do projeto;
- f) Análise de todos os documentos utilizados no dia a dia dos professores, para a execução do projeto e todos os que foram utilizados nos encontros de formação;
- g) Digitalização das fichas de avaliação da aula que são preenchidas pelos alunos;

- h) Observação de várias aulas do Zippy, sendo observador participante ativo;
- i) Registro fotográfico de diversos eventos relacionados ao projeto;
- j) Realização de entrevistas com gestores da escola e da ASEC, professores, alunos e pais.

O etnógrafo tem em mãos duas ferramentas eficazes, observação e entrevista ou caneta e gravador... Poder-se-ia resumi-las em uma palavra, escrever, bandeira da etnografia. O saber fazer do etnógrafo consiste essencialmente em técnicas gráficas, em sistema de anotações: o diário de campo, a transcrição da entrevista. Fazer observações e entrevistas e analisá-las são as duas pernas sobre as quais se sustenta para fazer avançar a pesquisa (BEAUD; WEBER, 2007, p. 93).

## 6.2 Entrevistas

A técnica da entrevista foi o principal meio de captação de informações para a realização desta pesquisa, servindo como ferramenta de interação capaz de captar as nuances do que estava sendo vivido.

A realização das entrevistas permite que o pesquisador tenha a interação do olho no olho, tendo a oportunidade de sentir as reações, captar pormenores, construir o diálogo de forma fiel e íntima e, ainda, realizar o princípio da compreensão apregoado por Genzruk, citado por Fino:

[...] de um ponto de vista etnográfico, é necessário compreender a cultura do grupo em estudos antes de se poderem avançar explicações válidas para o comportamento dos seus membros. Daí a razão para a centralidade da observação participante e das entrevistas não estruturadas no método etnográfico. (GENZUK *apud* FINO, 2008a, p. 48)

O que foi vivido nas entrevistas não seria possível apenas através das respostas por escrito. É importante ressaltar, portanto, que sem o recurso das sondagens e das conversas formais e informais não conseguiria construir os caminhos que percorri e nem captar os tons e as emoções dos atores que fizeram parte do meu mergulho etnográfico.

As entrevistas foram realizadas com todos os atores participantes do AZ (professores, gestores, pais e alunos), sendo gravadas em áudio e, depois, transcritas.

### 6.2.1 Entrevistas com os gestores e professores

Os primeiros entrevistados foram os gestores participantes do programa AZ no Colégio 7 de Setembro, envolvendo as professoras, a supervisora geral de ensino, a supervisora da sede e a equipe de professoras formadoras da ASEC. O foco da entrevista era o mesmo e tinha como objetivo captar a percepção desse grupo nos passos dados na implementação do projeto AZ, no entendimento da metodologia e nos resultados alcançados.

Realizei cinco entrevistas com o universo dos técnicos envolvidos na execução do programa Amigos do Zippy no Colégio 7 de Setembro. Os entrevistados foram distribuídos da seguinte forma: as duas professoras da turma observada, duas supervisoras pedagógicas e uma professora do grupo gestor da ASEC.

A indicação funcional dos participantes das entrevistas é a seguinte:

- a) Prof<sup>a</sup>. W- Supervisora Pedagógica do Colégio 7 de Setembro
- b) Prof<sup>a</sup>. R- Supervisora Ggeral do Ensino Fundamental do Colégio 7 de Setembro
- c) Prof<sup>a</sup>. Ril- Professora regente do 2º ano do Ensino Fundamental
- d) Prof<sup>a</sup>. C- Professora auxiliar do 2º ano do Ensino Fundamental
- e) Prof<sup>a</sup>. A- Professora e gestora da ASEC.

Os pontos abordados no diálogo entre o pesquisador e as entrevistadas seguem os mostrados no quadro abaixo (QUADRO 3):

Quadro 3 – Pontos abordados na Entrevista

PONTOS	QUESTÕES
<b>Implantação do projeto</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como surgiu o projeto na escola?</li> <li>- Na sua opinião, quais as dificuldades e facilidades encontradas durante o processo de implantação do projeto?</li> <li>- O processo de formação ocasionou algum rompimento com as práticas vigentes?</li> </ul>
<b>Metodologia e prática</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quais as características metodológicas do programa AZ?</li> <li>- Na sua opinião, há diferenças com a prática tradicional? Em caso afirmativo, quais?</li> <li>- Você percebeu mudanças na postura do aluno?</li> <li>- Na sua opinião, o professor passa a trabalhar mais no desenvolvimento das aulas do programa AZ?</li> <li>- A participação do aluno aumenta? Os alunos interagem mais na aula do Zippy?</li> <li>- A metodologia facilita a construção do conhecimento?</li> <li>- Você percebeu ruptura com o tradicional?</li> </ul>
<b>Resultados</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Houve repercussão para os alunos, famílias e professores?</li> <li>- Você percebeu mudança na qualidade das relações entre as crianças?</li> <li>- Houve redução de conflitos entre as crianças?</li> <li>- O que as famílias comentaram ao longo do desenvolvimento do projeto?</li> <li>- O que foi trabalhado resultou numa aprendizagem constante e duradoura para o dia a dia do aluno?</li> </ul>

Fonte: do autor, 2018.

O resultado dos diálogos foi bastante motivador e esclarecedor para formatação das minhas conclusões sobre a prática do programa Amigos do Zippy. O que escutei na caminhada das entrevistas foram discursos que se encaixavam de forma coerente, demonstrando uma percepção única de como a prática é desenvolvida, dos resultados obtidos e dos diferenciais pedagógicos.

O processo de implantação do projeto resultou em quebra de paradigmas nas professoras envolvidas, gerando a necessidade de rever as práticas pedagógica vigentes, uma vez que o modelo a ser adotado exigia um perfil de professor diferente, capaz de lidar com situações reflexivas que necessitavam de mediações imediatas. As professoras chegaram a duvidar das suas competências em lidar com essa nova prática, pois, na maioria das vezes relataram sentir dificuldade para administrar as suas próprias emoções.

#### **Profª. W**

No início, as professoras ficaram muito apreensivas, com medo... Então vinha sempre a questão: “será que eu vou dar conta disso? Será que com toda a minha carga de sentimentos, com toda a minha história de vida (logo eu que não consigo nem lidar bem com as minhas próprias emoções) vou conseguir ajudar o meu aluno? Será que vou conseguir trabalhar isso com eles? Então, surgiram muitas questões e muitas dúvidas. E, durante as formações, elas falavam mesmo. E, aos poucos, isso foi trazendo mais tranquilidade, porque foi surgindo o outro lado da história. Os Amigos do Zippy traziam outras questões, era uma via de mão dupla. Elas cresciam também com os Amigos do Zippy. Então não era só o aluno, as professoras também estavam incluídas no programa.

#### **Profª. R**

Na minha opinião, o ZIPPY é um processo muito reflexivo para o professor. Então, embora algumas professoras no início tenham sido refratárias, tenham tido momentos de resistência, percebemos que, ao longo do processo de formação, essa resistência foi sendo diluída porque o programa favorece a reflexão. A partir do momento em que você tem que ouvir as questões dos alunos e as crianças trazem inclusive questões domiciliares, problemas familiares, o pai que gritou ou o pai que xingou a mãe... todas essas questões vêm para a sala de aula. E a professora aprende a ouvir o aluno, necessariamente. Com o tempo a gente percebeu nas professoras do segundo ano um crescimento nessa prática de ouvir as crianças, de incentivá-las a falar e promover o protagonismo delas. Há uma diferença, inclusive, na aceitação de novas práticas. Elas ficaram mais receptivas às ideias diferentes, à sugestão de outras formas de trabalho. E atribuo muito isso ao ZIPPY, porque a formação continuada é muito importante, suscita a reflexão, o revigoramento pessoal e profissional.

Ficou evidente que a metodologia e a prática do AZ repercutiram como agentes de desestabilização da prática cotidiana do professor, levando-o a alterar sua forma de ouvir os alunos e de interagir com os discursos construídos no decorrer do programa. O aluno passou a ter voz, deixando de ser um mero coadjuvante e desenvolvendo a sua autonomia. O conhecimento foi construído a partir dos discursos, demonstrando uma prática com características de ruptura com o modelo tradicional de aprendizagem; dessa forma, podemos verificar que a balança com a didática e a matética está mais deslocada para a segunda:

**Profª. W**

[...] normalmente nesses encontros há sempre falas das professoras em relação ao trabalho, inclusive elas brincam dizendo que os encontros parecem terapia, porque é cada uma colocando a sua própria experiência, suas dificuldades, suas alegrias a partir daquilo que foi bom, suas inquietações sobre o que não funcionou direito... Enfim, as situações trabalhadas com as crianças acabam mexendo com as emoções das professoras e com as emoções de todo o grupo.

**Profª. Ril**

E no Zippy eu não teria esses recursos (lousa e livros), meus recursos seriam outros. Meus recursos seriam a escuta afetiva, a imparcialidade em alguns momentos, a solidariedade. Na maioria das vezes, eu tinha que oportunizar a fala e incentivar as crianças a buscarem suas próprias soluções para as situações apresentadas.

**Profª. Ril**

As aulas de AZ são muito diferentes das outras aulas. Nas outras aulas você fala do respeito, da responsabilidade; mas na aula do Zippy você está falando do sentimento. Tratar de sentimento é muito amplo e comporta tudo isso: os erros dele para com o outro, o respeito, a sinceridade, entre outras questões. Em alguns momentos, a criança vai ter que ser sincera e dizer: “realmente eu fiz isso”... Então vamos ver como que a gente vai resolver o que a gente pode fazer para ficar bem numa situação dessas? Porque nem sempre a gente está bem para determinadas coisas, mas eu tenho que enfrentar.

**Profª. Ril**

É uma forma diferenciada de trabalhar porque eu não vou utilizar nenhum recurso, não vou utilizar livro, não vou usar nenhum recurso utilizado normalmente nas aulas ministradas em outras disciplinas. O meu recurso mais valioso é o meu aluno.

**Profª. C**

O que eu acho diferente no programa do Zippy é a autonomia que ele dá à criança de falar sobre a sua vivência pessoal. Revela tanto sua experiência de sala de aula como em

casa; a convivência com os pais e os conflitos que são travados no dia a dia. O que de certa forma me chama mais a atenção são os combinados, como tratamos as regras. O importante é não impor nada à criança, não intimidar para que não se sinta obrigada a falar... ela fala se tiver vontade, quando sentir vontade. No caso, essa é uma das regras preciosas. Então, esse aspecto acaba chamando a minha atenção: deixar a criança livre para que ela fale realmente o que deseja ou o que ela considera interessante trazer para a roda de conversa.

**Profª. R**

O ZIPPY vai além da educação emocional, porque a ideia é exatamente essa, oportunizar condições para que a criança consiga resolver determinadas questões relacionais. Que ela possa desenvolver uma metodologia própria para resolver os seus problemas: primeiro eu penso, depois eu defino que problema é esse, depois eu explico esse problema, depois eu resolvo esse problema. É uma metodologia da vida, que vai usar em outras situações. A gente percebe que o ZIPPY ajuda também na concentração das crianças; o programa acaba se desdobrando para as questões cognitivas também.

**Profª. R**

Porque uma das ideias que o ZIPPY traz é: As crianças dão ideias de como resolver problemas, não é? Então o menino diz: “Ah, quando eu estou com raiva eu resolvo batendo no colega”. Só que o princípio da resolução é: a sua atitude diante do problema não poderá fazer mal a você nem ao outro. No AZ entendemos que essa análise deve partir da criança; não é para a professora recriminar ou aconselhar: “Isso não se faz, isso é feio, isso é mau. Não, essa resolução não é adequada porque ela machuca o outro ou machuca a você mesmo”. Uma das grandes dificuldades durante as aulas foi evitar o aconselhamento, a necessidade do aconselhamento das professoras, o velho sermão, como a gente chama, não é?

**Profª. R**

**Pesquisador:** Você considera que essa metodologia do ZIPPY trabalha a autonomia do aluno, Profa. R?

**Profª. R:**

Eu acredito que sim, porque ela parte do princípio de que é você que tem que resolver o conflito e não o outro. Se alguém está te excluindo do grupo, a principal pessoa responsável pela solução desse problema é você mesmo, até mais do que quem está te excluindo. Porque você não pode mudar quem te excluiu, mas você pode mudar a sua forma de olhar para ela, não é? Há um princípio que retrata o fortalecimento da autonomia, quando diz: “Você não pode mudar o mundo, mas você pode mudar a forma como se relaciona com ele. A forma como você enxerga o problema, como lida com ele faz a diferença.

**Profª. A**

Na verdade, o que o programa traz é um espaço em que os professores ajudam as crianças. Um espaço emocionalmente seguro e protegido. Aprende-se outras formas de enxergar essas regras culturalmente aprendidas de que isso é errado, de que sentir raiva é feio... Nesse espaço acontece algo diferente, na troca com o outro outras possibilidades são apresentadas, um novo panorama é visualizado, uma nova visão de mundo construída. É um espaço em que as crianças percebem no professor um mediador, uma pessoa a quem podem recorrer, pedir ajuda. Nesse espaço, as crianças aprendem a reconhecer que esses sentimentos são genuínos, que eles são válidos, que eles são importantes. É como se... um exemplo que eu gosto de dar é sobre a dor... a gente não gosta de sentir dor, mas ela é importante porque pode sinalizar que há alguma coisa de errado no nosso corpo e que é necessário cuidar. E com os sentimentos ocorre o mesmo. Quando sentimos raiva, tristeza ou alguma coisa assim não gostamos de sentir, mas aquele sentimento está sinalizando que tem algo incomodando, que está nos fazendo mal e precisamos cuidar, não é? O que o programa traz é esse espaço privilegiado em que as crianças podem expressar e trabalhar suas questões pessoais... porque é muito interessante que elas desde muito cedo, nessa idade de 6, 7 anos consigam falar sobre o que as incomoda. Às vezes as crianças não querem expressar determinado sentimento. Então, o trabalho do professor é muitas vezes dizer "nossa, mas raiva, por exemplo, é um sentimento natural, eu também sinto raiva de vez em quando". E assim vai-se criando uma relação de confiança com os alunos. Não só de confiança, mas de mais proximidade para se falar desses temas que são muito pessoais para a maioria das crianças.

**Profª. W**

Os Amigos do Zippy, em certo momento da aula traz normalmente a história, alguma atividade que envolve teatro, simulações. Então, as questões vão surgindo de uma forma mais, vamos dizer assim, didática, mais concreta para eles, partindo de uma imaginação. Por meio das dinâmicas, as crianças conseguem se colocar no lugar do personagem da história. Então, determinado personagem estava triste, foi para o quarto se isolar. Daí eles lembram, "ah, eu já me senti assim também quando aconteceu isso". A partir daí todos querem falar porque começam a se lembrar de algo que já tinha acontecido. É de uma forma muito concreta que a reflexão é favorecida. E a partir daí eles começam a entender que quando estão se sentindo magoados, quando querem ficar isolados, às vezes, pode ser tristeza, pode ser saudade ou outro sentimento. Então, eles se sentem mais seguros para falar. E, realmente, eles estabelecem um vínculo muito forte com essa professora que está abrindo o espaço e passam a percebê-la como uma facilitadora para esses momentos importantes. Ela passa a ser uma mediadora que, de

repente, abre o espaço para isso, torna-se aos olhos das crianças mais que uma professora que vai ensinar português, matemática, história, ciências, geografia. Então, é um momento muito rico tanto para as crianças quanto para as professoras.

A dinâmica de aprendizagem desenvolvida no programa AZ tem repercussão fora da sala de aula, por meio da utilização prática das ferramentas construídas pelos alunos e professores. As falas que descrevem os resultados nos levam a acreditar que houve aprendizagem significativa:

**Pesquisador:** Dessa forma, você passa a conhecer o aluno nas outras aulas, no dia a dia. Então quando as emoções são trabalhadas em sala de aula, quando se procura ouvir o aluno, quando o aluno escuta o outro sobre o que ele passou, sobre as suas emoções, sobre o seu ponto de vista, no olho a olho mesmo, na sua opinião, muda alguma coisa na postura do aluno?

**Profª. C**

Muda sim. Muda porque, por exemplo, tem um aluno que é altamente tímido em sala de aula, às vezes, você pede para ele ler uma questão, ler um texto, motiva a participar da aula e ele não quer de jeito nenhum, mas durante as aulas do Zippy ele está ali participando, ele quer falar, ele quer expor alguma coisa, quer liberar seus sentimentos e participa. Então, percebe-se uma mudança realmente.

**Profª. W**

Ocorre uma coisa interessante no final do ano, entregamos aos pais uma pesquisa e a grande maioria dos pais coloca algumas observações percebidas em relação a quanto o filho mudou no que se refere aos seus sentimentos, na abertura em se comunicar mais, relatar o que está se passando com ele. Há relatos de pais que dizem que a criança era muito tímida, não falava e que depois do programa estava falando mais em casa sobre os problemas que ocorriam, assim como há situações em que famílias colocam que percebem que a criança estava mais centrada e mais focada inclusive para estudar e para fazer as tarefas e tudo.

[...]em outra situação que não é aula do Amigos do Zippy, algumas professoras relataram que quando percebem que surgem situações ao longo da aula e, por vezes, passam a tratar a questão apresentada, por exemplo, numa aula de história e geografia, levando em conta o que aprenderam na aula do Amigos do Zippy

**Profª. R**

As famílias sempre comentam a mudança das crianças em casa, afirmando que estão mais “bem resolvidas”. Relatam que passaram também a ensinar os pais, por exemplo: “Pai, qual é a melhor forma da gente resolver esse problema?” Elas usam em casa as expressões



que são comumente usadas no ZIPPY. Obviamente, a gente sabe que umas crianças são mais afetadas do que outras. No geral, as famílias das crianças mais afetadas pelo programa relatam, principalmente, aspectos relacionados à autonomia dos filhos. Por exemplo, criança que era muito chorona, parou de chorar por tudo, ou diminuiu o choro; criança que tudo enredava do irmão, parou de enredar tanto. Então, as famílias comentam com satisfação a mudança de atitude das crianças. Na escola, percebemos também as mudanças e, o mais engraçado, é que as mudanças ficaram muito evidentes durante o acampamento (atividade coletiva da escola). Lembramos que nos primeiros acampamentos, as crianças davam muito trabalho, choravam muito, a gente tinha que ligar para as famílias, entravam muito em conflito umas com as outras. Depois do ZIPPY, esses problemas diminuíram de forma muito significativa, passando a quase inexistência.

[...] Na escola também diminuíram os conflitos. Se me perguntarem se deixaram de existir? Responderei, enfaticamente, jamais. Conflitos sempre existiram, faz parte do processo de amadurecimento e crescimento das crianças. Todavia, as crianças passaram a lidar com os conflitos de uma forma diferente. Os enredos, brigas no recreio, apelidos inadequados diminuíram. Antes iam de dez alunos para a coordenação, hoje em dia diminuiu o número que chega à coordenação para medirmos os conflitos porque as crianças estão conseguindo resolver. Grande parte, a não ser quando tem alguma coisa mais séria, agressão física, aí não, o adulto intervém, mediando e disciplinando. Mas quando é algo mais simples como por exemplo: “Ah, ele pegou a bola, ou não me deixou brincar.”, eles resolvem mais agora do que resolviam antes.

### **Profª. Ril**

O meu aluno no ano passado, no primeiro dia de aula disse: “olha tia eu tenho muita sensibilidade a raiva”, e eu perguntei como assim? Ele explicou “quando eu tenho raiva eu bato a cabeça na parede, eu quebro as coisas na minha casa”. Ao ouvir o relato, disse “ah, mas a gente vai ter a aula do Zippy, a gente vai conversar, a gente vai começar a trabalhar essas questões aqui”.

No meio do ano, ainda se mostrava explosivo, mas havia uma diferença no olhar. Certo dia, encontrei com ele no pátio na hora do recreio, ele vinha já para explodir, aí eu parei e perguntei: “para onde você vai?” Ele respondeu: “vou para o SOE (Serviço de orientação educacional)”. Perguntei: “por quê?” Ele explicou: “porque o ‘fulano’ ali disse que eu não tenho uma moedinha, aquela moedinha de chocolate, ele tem uma moedinha de chocolate e eu não tenho... e tia para não bater nele eu vou conversar lá no SOE”. Então, para mim foi muito marcante essa mudança no comportamento dele. No início do ano, ele partiria logo para bater.

Bem, sabemos que um semestre é um tempo grande, mas o trabalho com o Zippy é um trabalho de formiguinha, não é um trabalho que você vê o resultado de um dia para o outro. Às vezes, você vê de um ano para outro. As crianças iniciam o ano de uma forma e, ao final, você já percebe alguns resultados. Mas, para mim foi assim o máximo, alguma coisa está fazendo efeito.

**Profª. Ril**

As famílias comentam sobre as questões de relacionamento, relatando que o filho em casa era muito agitado agora já está mais tranquilo, que o filho brigava muito com o irmão hoje ele já tenta resolver seus conflitos. A questão da integração também é um aspecto que eles também comentam nos questionários, relatando que o filho não tinha amigo e agora já busca isso em casa, já busca isso na escola.

**Prof. C**

Tenho um aluno cujos pais estão separados, separaram-se recentemente. Então, na semana passada ele até colocou que o pai, numa situação de briga com a mãe, exaltou-se muito. Então, ele se aproximou e pediu "pai, respira". Pediu que o pai cheirasse a florzinha e, depois, soprasse a velinha. Essa dinâmica é muito usada pelas crianças nas sessões do Zippy. A criança relatou o fato como aprendizagem

**Pesquisador:** Então melhora também a relação em sala de aula, não é?

**Profª. C**

Melhora significativamente. Mas é como eu estava comentando com a Profa. R, é um processo que a gente vê a longo prazo, não é algo imediato. O que eu posso dizer com relação ao Zippy é que no ano passado eu tive uma turma que também acompanhei do início ao fim do programa. Fica evidente que as mudanças acontecem aos poucos, mas acontecem. No começo do ano, eles têm muita insegurança, qualquer conflito que tem com o colega já querem brigar, já querem resolver. Não têm autonomia, nem habilidade para resolverem os pequenos conflitos. Procuram muito a ajuda do SOE (Serviço de Orientação Educacional), da professora, da supervisão. Quando nos procuram, aproveitamos a oportunidade para trabalharmos as questões a partir dos princípios abordados no Zippy.

**Profª. A**

Lembro-me de um caso que me tocou muito. Um menino cujos pais brigavam muito, eram casados ainda, acho. Certo dia os pais estavam no quarto brigando e discutindo muito, porta fechada. Então, o menino escreve um bilhete, dizendo que ele achava que eles poderiam resolver o problema de um outro jeito. E aquilo causou um grande efeito nos pais "nossa, como assim?". Após os pais lerem o bilhete, ocorre uma pausa naquele momento de

briga dos dois e eles vão conversar com o menino. E são assim as aulas do Zippy, surgem, espontaneamente, depoimentos de situações vividas pelas crianças. Eles realmente usam os fundamentos aprendidos no programa. Lembro-me também de um depoimento de outra criança que estava sentada com a família, era um almoço, várias pessoas da família juntas, todo mundo conversando ao mesmo tempo e ninguém se ouvindo. De repente, a criança levanta a mão (um dos combinados nas aulas do Zippy: se quiser falar deverá levantar a mão) e diz "eu aprendi no Zippy que a gente pode falar um de cada vez e assim todo mundo se ouve". E então todos se entreolharam e começaram a experimentar a sugestão do garoto. É assim mesmo, a criança muitas vezes aplica com a família e colegas o que aprende em sala. Dessa forma, o aprendizado sai da escola e entra no ambiente familiar. A família percebe as mudanças e interage com a criança. Isso ocorre porque a criança conseguiu aumentar seus recursos para perceber, entender e resolver as situações cotidianas. Outra mudança de comportamento muito destacada pelos pais é com relação à timidez do filho em determinadas situações. Com o desenvolvimento do programa passam a falar mais, a manifestar suas opiniões com mais segurança. "Meu filho era muito tímido, muito quieto, quase não falava e, hoje em dia, ele fala a opinião dele com muita tranquilidade e participa das conversas".

### ***6.2.2 - Entrevistas com pais***

As entrevistas com os pais das crianças transcorreram de forma tranquila e com muita receptividade. O convite para o encontro foi agendado pela supervisão de ensino, que informou às famílias o objetivo e o tema a ser tratado.

Muitos pais deixaram os seus afazeres diários para conversar com o pesquisador, contribuindo de forma rica e efetiva para a minha coleta de dados.

Os pontos abordados no diálogo entre o pesquisador e os entrevistados foram:

- a) Relato de alguma situação em que o(a) filho(a) utilizou o que foi aprendido no Zippy;
- b) Percepção de alguma mudança do(a) filho(a), depois das aulas de educação emocional;
- c) Opinião pessoal sobre a importância e o valor do programa de educação emocional, promovido pela escola.

Foram realizadas quatro entrevistas, sendo três com apenas um dos pais e uma com a presença do casal. As famílias entrevistadas apresentaram o mesmo perfil, formadas pelo casal

convivendo na mesma casa e com mais de um filho. Todas se mostraram equilibradas e demonstraram participar de forma atuante no acompanhamento da vida escolar dos filhos.

Todos os entrevistados apresentaram um nível de conhecimento bastante significativo em relação ao desenvolvimento dos filhos, sendo capazes de perceber pequenas mudanças de atitudes que aconteciam no dia a dia das relações familiares.

O foco das entrevistas objetivava perceber o reflexo que o programa AZ deixava nas famílias, bem como verificar nos detalhes das conversas formais e informais se os pais conseguiam perceber a importância do projeto no desenvolvimento do filho. Pude interpretar tais relatos como consequência de uma aprendizagem significativa, em que o conhecimento construído em sala de aula era colocado em prática nas relações da vida real.

Os relatos de casos extraídos das entrevistas se mostraram bastante ricos em detalhes no que diz respeito à forma de como as crianças se comportaram em resposta a situações ocorridas no seio familiar. Em sua totalidade, os pais relataram reações de surpresa ao presenciarem a desenvoltura dos filhos na administração dos problemas vivenciados, gerando impacto e reflexão sobre a origem dessas reações.

#### **Sra. S**

**Entrevistador:** Teve alguma situação do H, emocionalmente falando, que a senhora disse assim, "poxa, isso é diferente, ele nunca agiu assim", uma frase, uma ação, uma reflexão, algum momento que lhe chamou a atenção?

**Sra. S:** Teve uma vez há pouco tempo que eu me recordo, eles estiveram doentes e quando um está mais doente a mãe fica mais com um né, aí um belo dia eu fui dormir, ficar um pouco na cama com o H e a M (irmã do H) disse: "ah mãe a senhora não fica comigo e não sei o quê". Aí ele me perguntou, sem ela ouvir, "mãe, a M (irmã do H) está com ciúmes, é?", aí eu disse assim, "é, ela está com ciúme." Eu vi que isso era um conceito que ele estava pegando aqui dos amigos do Zippy, porque assim, logo que a M nasceu as pessoas ficavam com o comentário, "ah vai ficar no canto", com relação a ele. Nós nunca aceitamos isso, sempre tinha... quando eu estava dando de mamar a ela eu o chamava, ele ficava ali pertinho, para não dar espaço para ele sentir o tal do ciúme e a gente procura fazer isso lá em casa, faz carinho em um, faz carinho no outro, durmo 10 minutos com um, durmo 10 minutos com outro, mas ela cobra muito, aí nesse dia ele fez essa pergunta.

#### **Sra. R**

**Entrevistador:** O que ela comenta sobre o Zippy?

**Sra R:**

Primeiro que o Zippy não é um simples inseto, o Zippy é um amigo, parece, ela fala dele como se fosse uma pessoa que participa do meio, interage com eles na escola. E assim, é um carinho imenso. E outra, o Zippy é espelho não é? Por algumas vezes inclusive ela verbalizou e essa palavra agora não sai da minha cabeça, porque ela diz, ela falou sobre o Zippy, falou o nome do Zippy em algumas situações e tem uma situação que é bem particular.

**Entrevistador:** Por exemplo, me conta um pouquinho disso?

**Sra R**

Pronto, a situação que aconteceu foi que a professora pediu que os alunos levassem para a escola experimentos e alguns desses experimentos seriam escolhidos para serem apresentados durante a feira de ciências do nível dela. E ela, muito segura de si, escolheu o experimento, e estava certa que o experimento seria o escolhido e não foi. Ela chegou em casa frustrada, dizendo que queria mudar de equipe, que não queria mais participar daquela equipe, que tinha sido injustiçada, que não sei o que, ficou realmente bastante frustrada, chorou bastante. Só que daí foi para o quarto, ficou quieta, quando eu fui ao quarto ela estava deitada, não estava dormindo, estava deitada e eu chamei: AL o que foi que houve? Ela disse: não, eu estou refletindo, estou pensando. Aí eu digo: sobre o quê? Porque meu experimento não foi o escolhido, o Zippy faria assim.

**Entrevistador:** Assim como?

**Sra. R:** Pensaria.

**Entrevistador:** Ah, sim.

**Sra. R:** Ele pensaria sobre a situação.

**Entrevistador:** Então ela foi deitar, para refletir sobre o problema?

**Sra. R:** Isso, exatamente. Daí eu perguntei: o que é que você acha? Ela disse: amanhã eu estarei melhor. Foi mais ou menos assim.

**Entrevistador:** E no outro dia ela falou o quê?

**Sra. R:**

No outro dia eu liguei para saber como é que ela estava, eu estava trabalhando e ela em casa. Ela diz: mamãe, já está resolvido, eu vou resolver, eu vou conversar com a professora e vou ver como é que eu faço, se eu fico na minha equipe ou se eu posso mudar de equipe. E a história acabou assim, AL mudando de equipe, pacificamente, para uma outra equipe, não que tinha o experimento dela, mas porque na equipe em que ela estava e que o experimento dela não foi escolhido, ela não queria ficar. Ela ficou em outra equipe que tinha um experimento diferente e ela resolveu ficar. Tudo isso na maior tranquilidade.

**Sr. V e Sra. M**

**Sra. M:** Em um determinado momento ele... alguma coisa que ele achou que nós teríamos feito que o magoou e tocou no assunto, dizendo, "poxa pai, vocês estão me magoando."

**Sr. V:** É, ele está se soltando mais, antes a gente falava as coisas com ele e ele não respondia, ficava quietinho, mas agora já está mais... ele está respondendo mais, já está se soltando mais. Quando a gente fala alguma coisa, "ah, não pode falar isso que você me magoa, viu mamãe?". Então ele já vai falando as coisas, ele não fica, sabe, para si, ele já está se soltando muito. Mesmo a gente briga ou a gente conversa, sabe, brigar entre aspas, que a gente fala para ele e ele fala, "não, não faça isso mamãe, você me magoa", ele já vai falando mais, está se soltando mais.

**Sra. M:** Ele entendeu a recíproca que também há determinadas coisas que ele faz que podem também nos magoar.

**Sr. V:** É.

**Sra. M:** De uma certa maneira ficou um pouco mais fácil ele entender o porquê das coisas e suas consequências. Então nesse sentido melhorou mais o diálogo, ampliou pelo menos.

Pude constatar que as famílias percebem mudanças de atitudes no enfrentamento das situações que envolvem as emoções e atribuem essas mudanças ao programa AZ. Os relatos demonstram, de forma muito clara, que as reações relatadas são diferentes daquelas que as crianças normalmente expressariam.

**Entrevistador:** E ela já tinha feito isso antes? Algum outro momento de frustração, de tristeza? Ela tinha expressado isso? Ah eu vou refletir, eu vou deitar, eu vou pensar? Ou foi a primeira vez?

**Sra. R:**

Não, ela normalmente se zangava e caía no esquecimento, na verdade. Mas assim, uma das coisas que mais me chamou atenção foi o fato dela ter decidido resolver o problema sozinha, indo conversar com a professora. Ou seja, ela não ficou só no pensamento, não ficou só pensando, ela refletiu e chegou à conclusão de que precisava resolver o problema e ela resolveu. Procurando a professora, ela fez isso, ela não me pediu para falar com a professora, ela foi atrás de resolver o problema, entendeu? Não quis impor o trabalho dela, ficou triste porque não foi exposto o trabalho dela, não foi colocado, não foi escolhido, mas ao mesmo tempo, ela não pediu a minha intervenção. Eu achei isso legal. E eu achei engraçado o fato dela ter dito; o Zippy faria assim. Pensar, refletir.

**Entrevistador:** E a senhora considera que foi o Zippy que proporcionou essa reação? Por quê?

**Sra. S:** Eu penso que foi o Zippy, se não me engano no roteiro tinha alguma coisa falando e são conceitos que a gente, em casa, não trabalha muito, como eu estava dizendo, não trabalha no sentido de fazer o outro sentir ciúme, de provocar o ciúme no outro, a gente nunca teve essa prática, nunca achamos que isso fosse positivo, desde ele pequenininho a gente sempre buscou dar atenção para os dois, principalmente depois que ela nasceu.

**Pesquisador:** A Sra. consegue atribuir essa ação do P ao Zippy? Assim, o P antes era de tal forma, o que ele fez me chamou a atenção, poxa, isso deve ser pelo Zippy. Isso tem alguma relação? Ele... quando ele cita o Zippy, ele cita as aulas do Zippy?

**Sra. M:** Quando ele se posicionou, usando argumentos pela primeira vez, falando da mágoa eu perguntei se ele estava estudando sobre isso a que se referiu. Ele se referiu a isso, primeiramente, falando de mágoa, depois eu perguntei de onde veio isso e ele disse que foram das aulas do Zippy.

**Sra. M**

**Sra. M:** Deu para perceber uma maturidade nele depois das aulas, uma maturidade emocional melhor, embora ele esteja numa fase, aquela fase terrível de contestar as coisas que a gente fala, e tal, é um momento assim não muito favorável, mas o bom é que o Zippy vem ajudar um pouco. Mas assim, ele está mais... vamos dizer, refletindo um pouco mais sobre as coisas que ele sente.

**Sr. I**

**Sr. I:** [...]Acho que eu ia dirigindo, aí a J percebeu que eu estava chateado. Daí ela diz: "Papai, cheira a florzinha, sopra a velinha." Aí, eu: "O quê?" "É, papai, cheira a florzinha, sopra a velinha. O senhor vai se acalmar." Aí, eu: "J, onde é que você aprendeu isso, J?" Aí ela: "Na escola. A titia ensinou. A professora ensinou que é para a gente se acalmar." E tal e coisa assim. E quando foi na reunião que marcou aqui no SOE (Serviço de Orientação Educacional) e que nós não pudemos vir aqui, era nossa segunda oportunidade, eu perguntei, a L perguntou o que é amigo do Zippy. Aí, foi explicado. Aí foi que a gente associou: "Ah, então essa situação de sopra velinha e cheira florzinha veio de uma aula?..." Ela: "Justamente. Ela teve uma aula sobre isso." Aí, eu falei: "Olha que legal, rapaz. Então, a gente vivenciou algo mesmo sem saber da origem." Então, isso ainda hoje ela pratica. Eu mesmo faço com ela, depois que eu aprendi com ela. Assim, ela talvez fique magoada com alguma coisa, ou chateada, ou ela quer, por birra ou por marra, alguma coisa que não é o momento, eu falo: "J, olha o que você me ensinou aqui: cheira a florzinha, sopra a velinha." Aí, ela vai e dá um sorriso e já se acalma. Isso, para mim, foi espetacular.

Além dos relatos de fatos que comprovam a repercussão prática das vivências e interações realizadas em sala de aula pelo programa AZ, todos os pais entrevistados perceberam, de forma muito enfática, que este projeto agrega valor na formação emocional dos seus filhos:

**Sr. I**

**Entrevistador:** O Sr. acha então que vale a pena o programa Zippy na escola?

**Sr. I:** Vale. Vale a pena. Vale muito a pena porque eu vivenciei isso sem saber. Sem saber do que se tratava. Busquei tomar conhecimento do programa quando vi que minha filha estava agindo diferente.

**Sr. V e Sra. M**

**Entrevistador:** Se os senhores fossem avaliar o projeto Amigos do Zippy, validam, acham que é interessante, que tem um aprendizado para o aluno?

**Sra. M:** Olha, sem dúvida, não tenho dúvida disso.

**Sra. R**

**Entrevistador:** A Sra. vê valor nesse programa?

**Sra. R:** Eu acho que tudo que vem ajudar aos pais, principalmente na questão da administração dos sentimentos, na construção, no amadurecimento dos filhos, é válido. E eu acho que, principalmente, quando o projeto é bem aplicado, a gente consegue, por mais que isso não seja verbalizado, porque como eu lhe disse antes, tem muita coisa que eu não sei, acabo não sabendo se foi em casa ou se foi na escola. Mas quando é algo bem diferente do que eu faço em casa, a gente consegue perceber a intervenção do Zippy ou da escola ou desse projeto, influenciando as ações dela.

**Entrevistador:** Em atitudes, não é?

**Sra. R:** Exatamente, em atitudes, comportamentos, até mesmo vocabulário, em uma criança de oito anos, algumas palavras que chamam atenção, como essa do último episódio da caneta (**relatou que a filha utilizou a palavra “verbalizar” para contar-lhe um fato ocorrido**), não é?

**Entrevistador:** Verbalizar.

**Sra. R:** Eu preciso verbalizar. Não é uma palavra que uma criança de oito anos utilize corriqueiramente. Então isso me chamou muita atenção. E quando ela disse: o Zippy faria assim. Isso me deixou bem claro a relação entre o que ela estava aprendendo e o projeto.

**Sra. S**

**Entrevistador:** A senhora vê valor nesse projeto?



**Sra. S:** Demais, demais. Assim, trazer para as crianças essa identificação de sentimentos, elas saberem o que é a raiva, saber o que é o ciúme, saber o que é a perda e saber identificar isso quando elas sentem eu acho que é muito importante porque... elas saberem definir tão cedo o que sentem, eu acho muito precioso, acho um trabalho muito legal, muito importante, muito importante mesmo.

**Entrevistador:** A senhora acha que isso gerou aprendizado nele?

**Sra. S:** Gerou, com certeza, e penso que essa vivência na turma, essa conversa que se tem, um dizendo como reage quando está com raiva, bebe água, respira ... Tudo isso tem um valor importantíssimo.

### 5.2.3 Entrevistas com os alunos

As entrevistas com os alunos envolvidos aconteceram de forma muito confortável e gratificante, uma vez que todas as crianças me conheciam e me associavam ao programa AZ. Passei a conviver com elas em muitas aulas que observei, sendo muito bem acolhido, tratado pelas crianças como tio Bosco. Para completar minha perfeita aceitação no mundo dos estabelecidos fui presenteado com um crachá (FIGURA 17), indicando a forma carinhosa como era tratado.

Figura 17 – Foto do crachá utilizado pelo observador nas aulas do AZ



Fonte: do autor, 2018.

Procurei fazer uma abordagem simples e objetiva, sem perguntas rebuscadas ou extensas, procurando saber a opinião do aluno sobre o AZ, buscando saber se ele utilizou o que foi aprendido e se conseguiu fazer comparações entre os estilos de aula, além de procurar comparar as aulas das outras disciplinas com a dinâmica praticada nas aulas do Zippy.

As questões abordadas nas entrevistas com os alunos tiveram os seguintes focos:

- a) Buscar detectar diferenças entre as aulas do AZ e as aulas das outras disciplinas, procurando perceber se as crianças enxergavam diferença na ação metodológica no trabalho das professoras. Verificar se as ações, verdadeiramente, favoreciam o discurso do aluno, a interação e, conseqüentemente, o seu protagonismo;
- b) Obter informações que levassem à clareza de que as crianças percebiam o objetivo e a importância do AZ;
- c) Detectar se o AZ repercutia em uma aprendizagem significativa.

Realizei entrevistas com quatro alunos participantes do 2º ano do ensino fundamental, como média de idade de 7 anos.

Todos os entrevistados relataram informações, impressões e opiniões bastante similares sobre a execução do programa Amigos do Zippy, com as quais pude chegar a algumas conclusões:

As crianças demonstraram, com muita clareza, que as aulas do AZ são bem diferentes, metodologicamente, das aulas das outras disciplinas que trazem uma abordagem tradicional. A participação dos alunos é mais intensa e o processo de interação é favorecido.

**Aluna AL:**

**Pesquisador:** Então, a aula do Zippy é igual à aula de Matemática?

**AL:** Não.

**Pesquisador:** Por que não é igual?

**AL:** Porque a gente conversa e é tipo sem livros.

**Aluna MC:**

**MC:** Uma a gente aprende números, contas e a outra que é a aula do Zippy, a gente... Faz várias coisas, a gente faz as coisas para ser gentil. Aí não tem nada diferente... Nada de igual.

**Pesquisador:** Nada de igual. Qual é a aula, MC, que você fala mais, que você participa mais, que você diz mais o que está sentindo? É a aula do Zippy ou a aula de Matemática?

**MC:** Zippy.

**Pesquisador:** Os seus colegas falam mais também na aula do Zippy?

**MC:** Eu acho que sim.

**Aluno FS:**

**Pesquisador:** Por que a aula do Zippy é diferente da aula de Matemática? Fecha os olhos, imagina a aula de Matemática, a tia ensinando Matemática, ensinando Ciências,

ensinando História, Geografia, e agora imagina a tia na aula do Zippy. Imagina você na sala na aula do Zippy, o que é que tem de diferente, o que foi que você viu de diferente?

**FS:** As atividades.

**Pesquisador:** Em qual aula você tem mais oportunidade de dizer o que tá sentindo, de trocar ideia com os amigos, de escutar os amigos, na aula do Zippy ou na aula de Matemática?

**FS:** Na aula do Zippy.

**Aluna AL:**

**Pesquisador:** Por que você acha legal a aula do Zippy?

**AL:** Porque eu fico reunida com os meus amigos e minha professora e a gente fala de sentimentos.

As crianças entendem que o objetivo do programa é desenvolver as habilidades emocionais e veem valor no que é estudado, passando a nomear as emoções que estão sentindo e a valorizar o que o outro tem a dizer.

**Aluna L**

**Pesquisador:** O que a tia ensina nas aulas do Zippy?

**L:** O Zippy ensina os cuidados e também respeitos.

**Pesquisador:** Respeitos? Emoções? Ensina lidar com as emoções?

**L:** Sim.

**Aluna L:**

**Entrevistador:** Então o Zippy não serve de nada?

**L:** Não, ele serve.

**Entrevistador:** Serve? Serve para quê?

**L:** Pra... Como que é... Ajudar as pessoas.

**Entrevistador:** Ajudar as pessoas. Muito bem. E ajudar como? Como é que ajuda as pessoas com Zippy? Porque o Zippy é só um bicho-pau. Ele não é só aquele bonequinho? Como é que ele ajuda as pessoas?

**L:** Ele ajuda falando sobre sentimentos. Eu falo que aconteceu uma coisa na minha casa que eu não consegui resolver (relato na roda de conversa), eu falo com os meus amigos e eles têm ideias e eu resolvo.

**Aluna L:**

**Entrevistador:** Quando você escuta os seus colegas falarem sobre os seus sentimentos, as suas emoções, você acha isso importante, L?

**L:** Muito.

**Entrevistador:** Muito? Por que é importante?

**L:** Porque a gente fica sabendo o que está acontecendo e a aula do Zippy é para ajudar a pessoa a resolver esse problema ou falar para o pai ou algum adulto que tiver perto alguma coisa que a gente não pode resolver só e que tem que resolver com adultos. Aí a gente fala para um adulto.

**Aluna MC:**

**Entrevistador:** Você gosta das aulas do Zippy?

**MC:** Uhum.

**Entrevistador:** Por quê?

**MC:** Porque ela ensina muita coisa, ensina a gente a ser bom, educado, gentil...

**Entrevistador:** A ser bom e educado?

**MC:** Uhum.

**Entrevistador:** E o que é ser bom?

**MC:** Não sei...

**Entrevistador:** Me dá um exemplo.

**MC:** Um exemplo... Um amigo tá sem lanche aí a gente dá um pedacinho do lanche para ele.

**Aluna L:**

**Pesquisador:** Então assim, quando você escuta os seus colegas falarem sobre o que aconteceu e tal, "ah briguei com o meu irmão, eu fiquei triste, eu senti saudade", é tudo aquilo que o Zippy faz em sala de aula. Quando você escuta os seus colegas falarem sobre os seus sentimentos, as suas emoções, você acha isso importante, L?

**L:** Muito.

**Pesquisador:** Muito. Por que é importante?

**L:** Porque a gente fica sabendo o que está acontecendo e as aulas do Zippy é para ajudar a pessoa.

Pode-se chegar à conclusão, pela fala das crianças, que o programa desenvolve aprendizado significativo nos participantes, uma vez que passam a utilizar no dia a dia o que foi aprendido em sala nas dinâmicas do AZ:

**Aluna MC:**

**Entrevistador:** Teve alguma situação na sua vida, com o seu pai, ou com a sua irmã, ou com sua mãe, ou com algum coleguinha que você lembrou de alguma coisa da aula do Zippy: "poxa vida, eu não vou fazer isso, porque o Zippy não faria isso, eu acho que isso é errado e eu posso fazer diferente". Teve alguma situação assim?

**MC:** Uma situação que eu usei o Zippy, foi quando eu briguei com a minha amiga, aí eu lembrei de uma dica que a tia deu, que é dar um presente para ela, aí eu dei um livro que eu tinha vários dele, repetido.

**Entrevistador:** Deu um livro para ela? Ah, então quando você deu o livro, você evitou o quê?

**MC:** Evitei brigar.

**Aluna MC:**

**Entrevistador:** E o Zippy, o que ele faz em relação às emoções, ele ajuda em quê?

**MC:** Ele ajuda a recuperar as coisas.

**Entrevistador:** Recuperar as coisas?

**MC:** Recuperar as amizades.

**Aluna MC:**

**Entrevistador:** Participam mais? Você acha importante quando eles falam? Quando eles falam os momentos que eles ficaram chateados, que eles tiveram raiva, você acha isso importante?

**MC:** Acho.

**Entrevistador:** Por quê? Você aprende com isso?

**MC:** Aprendo.

**Entrevistador:** Ah é? O que você aprende com isso?

**MC:** Por exemplo, aí ele fala como resolveu o problema, aí a gente faz se a gente tiver um problema igual ao dele, aí a gente pode fazer o que ele fez.

**Entrevistador:** Uhum. E quando você fala sobre alguma coisa que aconteceu contigo, que não foi legal para os seus colegas, você acha isso interessante, você acha isso bom, legal?

**MC:** Acho.

**Entrevistador:** Tal momento em que você estava triste ou tal momento em que você teve raiva, você acha isso importante? Compartilha isso com os seus colegas?

**MC:** Eu acho que sim.

**Entrevistador:** Isso te ajuda?

**MC:** Uhum.

**Entrevistador:** Como te ajuda?

**MC:** Hum... Eles vão falar, eles vão falar dicas para gente melhorar.

### 6.3 Diário de Campo

Fiel companheiro de jornada, o diário de campo foi utilizado para registrar as informações obtidas nas minhas vivências, os detalhes e as minhas opiniões sobre o que pude perceber no decorrer da minha trajetória etnográfica. Um pequeno caderno de capa preta escrito com letra feia, mas cheio de verdades e reflexões.

O trabalho de campo significa observar pessoas *in situ*, isto é: descobrir onde estão, permanecer com elas em uma situação que, sendo por elas aceitável, permite tanto a observação íntima de certos aspectos do seu comportamento, como descrevê-los de forma útil para a ciência social, sem prejuízos para as pessoas observadas. Enquadra-se aqui o estudo *in vivo* de como se dinamizam as construções cotidianas das instituições humanas (JUNKER, 1960 *apud* MACEDO, 2000, p. 145).

Para o trabalho de observação participante, tudo o que é visto é digno de ser registrado como notas de campo, servindo como instrumento para “descrição das pessoas, objetos, lugares, acontecimentos, atividades e conversas. Em adição e como parte dessas notas, o investigador registrará ideias, estratégias, reflexões e palpites, bem como os padrões que emergem” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 150).

Utilizei apenas um caderno para os registros, onde escrevi minhas impressões seguindo a ordem cronológica das vivências.

#### **Diário de Campo:**

**16/01/2017** – Primeiro contato com um membro da ASEC. Utilizei a ferramenta Skype para conversar com a Professora M sobre o programa Amigos do Zippy. Procurei entender a origem do programa, os processos de formação dos professores e as dificuldades que podem surgir no decorrer da sua realização. Expliquei o meu objetivo como pesquisador, que seria verificar se esse programa se enquadra no conceito de inovação pedagógica. Para tanto, procurei ouvir da entrevistada citações que pudessem me dar indícios de que o programa é uma prática de ruptura com o tradicional, deslocando a ação da sala para mais aprendizagem do que para o ensino. Durante essa conversa, recebi o convite para participar do curso básico de formação de professores do Zippy, que iriam atuar no programa pela primeira vez com os alunos do 2º ano.

**26/01/2017** – Conheci as instalações da escola e o projeto pedagógico do Ensino Fundamental. Fui apresentado com uma agenda que descreve a história da escola, seus processos pedagógicos, sua estrutura pedagógica/administrativa e suas condutas avaliativas. Aproveitei o momento para entrevistar a supervisora pedagógica responsável pela implantação e acompanhamento do AZ, nas turmas do 2º ano. Sentamos no início da tarde e tivemos uma

conversa muito descontraída e bastante proveitosa. Apresentei meu objetivo como pesquisador e ela me relatou toda a jornada de implantação e de percurso do programa. Conversamos sobre a professora regente da turma de 2º ano que acompanhei.

**07 e 08/02/2017** – Participei de forma ativa da formação dos novos professores que iriam atuar no programa AZ com os alunos do 2º ano. O curso (FIGURA 19) foi realizado na sede do bairro Aldeota no horário de 8h30min às 17h com presença, além da minha, de três professoras e da representante da ASEC, responsável por essa formação. Fizemos uma imersão nos conceitos básicos de educação emocional, conhecemos os documentos balizadores do programa, tivemos frutíferas discussões sobre as diversas formas de lidar com os sentimentos e realizações de várias simulações da execução da prática em sala de aula. A mediadora da formação mostrou-se muito experiente e profunda conhecedora do programa, exemplificando de forma bastante rica situações que poderiam surgir no decorrer das vivências em sala de aula (FIGURA 19 e 20). No final da formação, assinei um termo de confidencialidade sobre o que foi desenvolvido nesses dois dias.

Figura 18 – Certificado de participação no curso de Introdução à Educação Emocional



Fonte: do autor, 2018.



Figura 19 – Foto do momento da formação inicial. Professoras iniciantes no projeto e representante da ASEC



Fonte: do autor, 2018.

Figura 20 – Foto do diário de campo testemunhando os momentos iniciais com o Zippy



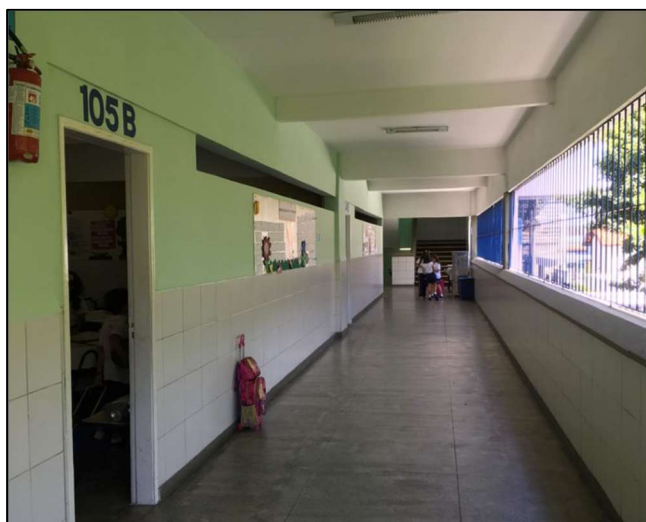
Fonte: do autor, 2018.

**14/02/2017** – Neste momento tive o contato inicial (entrevista transcrita) com a professora da turma que vivenciei o AZ. Pessoa de grande experiência, com 24 anos de escola e há 5 anos desenvolvendo o trabalho de formação de educação emocional com alunos do 2º ano. Pessoa de fácil diálogo, de difusa energia e de demonstração de amor ao que faz. Na ocasião, a professora relatou sua prática e suas dificuldades vividas no decorrer de sua jornada como educadora. Tivemos uma conversa muito rica sobre o programa de educação emocional, quando escutei que o aprendizado sobre as emoções repercutiu na sua vida familiar, desenvolvendo as técnicas com o seu filho adolescente e gerando instabilidades internas que geraram reflexões sobre suas condutas em situações do dia a dia. Tivemos um momento de muita sintonia, com total abertura e autorização para vivenciar a intimidade da sua sala de aula

e me fazer mergulhar no mundo dos estabelecidos do 2º ano, turma 5. Um laço de parceria foi formado, ela abraçou com brilho nos olhos a minha causa. “Nesse sentido, o modelo de uma figuração estabelecidos-*outsiders* que resulta da investigação de uma comunidade pequena pode funcionar como uma espécie de ‘paradigma empírico’” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 20).

**20/02/2017** – Primeira observação participante (FIGURA 23). O tema da aula era raiva. A Aula começou às 13h20min com a presença da professora regente, sua auxiliar e nossas 20 crianças. Fui apresentado à turma como Tio Bosco, aquele que iria ficar sentadinho, observando algumas aulas do Zippy. Fui acolhido com belos sorrisos e com vários olhares de curiosidade. Fiquei em um canto da sala, curioso por observar a magia que estava por vir e anotando em meu diário aquilo que me chamava a atenção e que não poderia esquecer. Estava inserido em uma mina de ouro de vivências, relatos e fortes interações, através do “acesso minucioso e denso no meio escolar e seus atores, assim como do acesso à cotidianidade natural das situações onde se dá a prática pedagógica” (MACEDO, 2000, p. 148). As crianças sentadas no chão, lado a lado, trocando olhares, relatando o que viveram e procurando ajudar uns aos outros com soluções que só poderiam nascer da cabeça de crianças. Minha mente estava atenta por captar sinais de uma prática inovadora. A primeira observação nunca se esquece.

Figura 21 – Foto do *locus* da minha pesquisa. Sala 105B, onde a magia aconteceu



Fonte: do autor, 2018.

Figura 22 – Foto do quadro de avisos do AZ. Cartaz com os combinados



Fonte: do autor, 2018.

**06/03/2017** – Minha segunda observação. Percebi que as crianças estavam à minha espera, perguntando onde iria sentar. Uma garotinha correu e me entregou um crachá personalizado do Zippy com o meu nome. A aula teve início com um relaxamento por meio da execução de uma música clássica e os alunos foram convidados a fecharem os olhos e a pensarem em coisas das quais gostavam muito. Durante esse momento, fizeram exercícios respiratórios, observando o comando de cheirar a flor e soprar a vela. Os combinados foram lembrados. A configuração da turma foi contrária da aula anterior, os alunos ficaram sentados no chão formando um semicírculo no fundo da sala. O tema da aula foi o ciúme, durante a qual foi apresentado um desenho que representava o tema. Depois, iniciou-se uma discussão, abordando relatos de vivências e discussão de prováveis condutas a serem adotadas quando esse sentimento fosse encontrado. A professora trabalhou a partir da fala das crianças, sem julgar e sem afirmar se o que estava sendo dito era certo ou errado. As conclusões eram obtidas a partir do consenso do grupo.

**14/03/2017** – Entrevista com a supervisora geral do ensino fundamental. Neste encontro, conversámos sobre como nasceu o programa AZ no Colégio 7 de Setembro. A supervisora relatou que o grupo gestor foi apresentado ao programa pela equipe da ASEC, gerando encantamento pela proposta e fazendo-os enxergar que seria necessário investir em EE, uma vez que os professores agiam de forma pontual e empírica nas intervenções de cunho emocional, principalmente através de simples aconselhamentos. O AZ demonstrou ser uma ação que podia proporcionar uma prática reflexiva do professor que repercutisse numa quebra de paradigma da prática tradicional da sala de aula. A maior dificuldade, relatou a supervisora, foi trabalhar a equipe de professores a fazer da sala de aula um ambiente diferente de construção

da aprendizagem. Explicou que houve investimento na formação dos professores a fim de que reorganizassem o planejamento e incluíssem na metodologia atividades que intensificassem a interação entre professor e aluno. Dessa forma, passariam a ouvir mais o aluno, alterariam o modelo de organização da sala de aula, favoreceriam o diálogo entre os alunos de forma que todos pudessem expressar seus sentimentos e opiniões e que todos respeitassem o que estava sendo dito. A professora expressou, com um radiante sorriso e um olhar cheio de alegria, que os seus professores estão diferentes e que conseguiram transformar a sua prática docente através do que aprenderam com a dinâmica de trabalho do Zippy, passando a ouvir mais o aluno e a construir soluções de forma mais colaborativa, assumindo mais o papel de mediador.

**03/04/2017** – Observação da aula cujo tema era a importância da comunicação. Mais uma vez fui recebido com largos sorrisos, beijos de vários alunos e um deles pegou o meu crachá e colocou no meu pescoço. Todos colocaram as suas mochilas nas suas cadeiras e se dirigiram para a frente da sala, onde estava o boneco Zippy. A aula foi mediada apenas pela professora regente, pois a professora auxiliar havia faltado por motivo de doença. Os alunos demonstraram um grande carinho pela professora, abraçando-a e recebendo-a com muitos sorrisos. Uma aluna levou de presente um cacho de pitombas (fruto da pitombeira, árvore da família da *Myrtaceae*), pois sabia que professora tem grande afinidade por esse fruto. A aula teve início com o resgate do tema da aula anterior e, ainda, lembraram os combinados. Percebi que esse momento inicial requisitou muita energia da professora, pois os alunos estavam eufóricos por compartilhar as novidades vividas no final de semana. Após o relaxamento, os alunos foram instigados a falar sobre o que eles achavam que seria tratado na aula. A professora fez a leitura da história do Zippy, que ilustra o tema comunicação. Impressionou-me o nível de aderência dos alunos pela história contada pela professora, prestando bastante atenção e demonstrando reações através de expressões faciais. Por meio da história, foi montado o contexto no qual seriam trabalhadas as diversas dificuldades sentidas pelas pessoas quando querem comunicar os sentimentos e os problemas. Passou-se a construir os motivos pelos quais as personagens não conseguiam se comunicar de forma eficaz e as consequências disto para elas e para os outros membros da família. O grupo passou a relatar situações vivenciadas em que não conseguiam partilhar o que sentiam. Foram questionados e discutidos com as crianças os motivos que levam uma pessoa a não se comunicar em situações difíceis. Nesse momento, alguns alunos citaram que não partilham o que sentem por medo de levarem “bronca” dos pais. Construíram as regras de como se comunicar, trabalharam a necessidade de também saber ouvir, valorizar e entender o que está sendo dito pelo outro. Sob a orientação da professora, alguns alunos fizeram representações de situações do dia a dia das crianças para que o grupo

pudesse discutir e construir soluções para melhorar o processo de comunicação e pudessem resultar em saídas para resolução do problema vivido. Por meio da dinâmica do escutar e do relatar, os alunos chegaram à conclusão de que expressar o que está sentindo e compartilhar os problemas é a melhor forma de minimizar os sofrimentos. A aula que deveria durar 50 minutos estendeu-se para 1h30min devido à participação incansável dos alunos (FIGURA 23).

Figura 23 – Foto de um momento de interação na aula do AZ

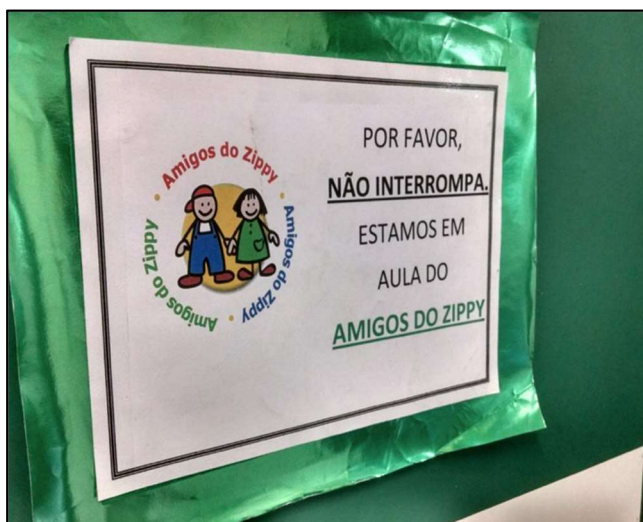


Fonte: do autor, 2018.

**08/05/2017** – Um dos momentos mais marcantes na minha jornada etnográfica. Vivi uma aula muito rica em vivências, parcerias e fortes relações de confiança. Nesta aula, aconteceu a revisão do módulo 2, que trata da comunicação (melhorando a comunicação, aprendendo a ouvir, quem pode me ajudar e dizendo o que você quer dizer). Durante a aula (FIGURA 24), as crianças tiveram a oportunidade de relatar os momentos de aplicação daquilo que foi aprendido nas aulas anteriores. Fui recebido com a mesma energia de sempre, já me sentindo como membro do grupo e conhecendo meus amiguinhos pelo nome e pelos seus sorrisos. A turma foi organizada em uma roda de conversa na frente da sala onde passaram a discutir as melhores formas de se comunicar quando se tem algum problema ou quando se quer expressar algum sentimento. Os alunos estavam ansiosos para participar da aula, levantando a mão ao mesmo tempo e forçando a professora a relembrar os combinados de boa convivência. A professora utilizou uma caixa com perguntas para serem sorteadas e debatidas pelo grupo. A primeira pergunta sorteada foi se eles já utilizaram o que foi aprendido nas aulas do Zippy, em alguma situação do dia a dia. Neste momento, a professora relatou que escutou do pai da **aluna J** que ele estava surpreso com a ação da filha que em um momento de muito nervosismo olhou para ele e pediu para que pensasse em alguma coisa que o deixasse calmo. A professora deu os

parabéns à aluna J pela postura e incentivou o grupo a fazer o mesmo quando presenciasse alguém da família na mesma situação. Outro aluno relatou que os pais estavam brigando, sendo que pai estava muito alterado, e ele abordou o pai para que pensasse em algo que o fizesse ficar mais calmo para que a briga cessasse. Percebo muito claramente que as crianças transpõem o que é trabalhado no AZ para situações vividas em casa por meio dos diversos relatos. O grupo também fez uma autoanálise sobre o contexto da sala de aula, chegando à conclusão de que a quantidade de problemas relacionais havia diminuído e que a saída de alunos para o serviço de orientação educacional havia sido reduzida significativamente. Diante de todos os relatos, a professora reforçou que o que é dito em sala de aula, dentro da sua intimidade, não pode ser dito fora, uma vez que deve existir uma relação de confiança entre eles.

Figura 24 – Foto do cartaz colocado na porta da sala para evitar interrupções



Fonte: do autor, 2018.

**15/05/2017** – Realização da entrevista com a **professora C**, que trabalha como auxiliar na turma na qual realizei as observações. Jovem professora, em início de carreira, formada em pedagogia pela Universidade Federal do Ceará. Logo no início da nossa conversa, a professora destaca que tem aprendido muito com o programa AZ. Não participou do curso de formação oferecido pela ASEC para trabalhar com o Zippy. Vê no programa uma ação de ruptura com a pedagogia tradicional e relata resultados positivos para os alunos, descrevendo casos práticos reportados por pais e alunos. Chamou-me a atenção a observação da professora, informando que a universidade não forma os professores para esse tipo de intervenção e que antes do AZ nunca teve contato com projetos de educação emocional. Vê como grande desafio profissional a prática de trabalhar com as crianças na perspectiva da construção do



conhecimento a partir do que elas relatam, sem julgamentos e favorecendo uma forte interação entre os alunos, acarretando um aprendizado mais significativo.

**16/05/2017** – Primeira entrevista a ser realizada com um pai. Escolhi o pai da **aluna J**, citada na observação do dia 08/05/2017, para colher impressões mais fiéis da situação exposta na aula. **Sr. I** é oriundo de uma família humilde e é proprietário de uma oficina mecânica, onde trabalha arduamente para sustentar sua família e realizar o sonho de ter a filha estudando em uma boa escola particular. Informa que o que pode deixar de maior valor para a filha é uma boa educação. O casal teve a **J** depois de 9 anos de casados, após vários tratamentos de fertilização. Expressa que **J** é uma criança muito carinhosa e obediente. Compartilhou que estava passando por um dia muito difícil, estando muito estressado e irritado quando a **J** se aproximou dele pedindo para que se acalmasse, “cheirando uma florzinha e soprando uma velinha”. Ele perguntou para a filha o que era essa história de cheirar e soprar, e ela respondeu que o Zippy faria isso se estivesse irritado e que ele poderia experimentar para ver se funcionava. O pai fez o exercício com ela e percebeu que a filha estava querendo ajudá-lo. Em uma reunião de pais da escola, perguntou à professora o que era o AZ e passou a enxergar e entender as novas posturas da filha em situações de estresse e de conflito. Relatou que vê de forma muito clara a mudança de postura da filha e que o programa repercutiu de forma significativa na família, pois todos passaram a refletir mais sobre a forma como expressam as emoções.

**04/08/2017** – Realizei entrevista com a **professora A**, uma das gestoras da ASEC e responsável pela implantação e formação de professores que trabalham com o programa AZ. Aproveitei a sua vinda à Fortaleza para entrevistá-la. Tivemos a conversa em uma tarde ensolarada ao lado da piscina do hotel onde ela estava hospedada. Conversamos sobre a história da ASEC e do AZ, sobre as dificuldades que são vivenciadas no momento da implantação e sobre a base científica que sustenta o programa. Expliquei a ela o meu foco de pesquisa, e discutimos sobre as ações de didática e de matética que caracterizam a prática do professor na execução do programa.

**21/08/2017** – Nesse dia, dei início à fase de entrevista com as crianças, buscando captar os sentimentos e as opiniões em relação à jornada vivida no AZ. Comecei conversando com a **aluna AL**, 8 anos, bastante desinibida e com um largo sorriso no rosto. A conversa aconteceu em uma pequena sala do Serviço de Orientação Educacional (SOE), após a aplicação de uma avaliação. Ao ser perguntada se percebia valor no AZ, relatou que não, mas que as aulas eram boas. Descreveu uma situação em que utilizou o que aprendeu nas aulas. Consegue ver diferenças entre a aula das outras disciplinas para as aulas do Zippy, relatando que consegue

aprender mais com a forma que a professora faz na aula do Zippy. Relatou que vê muita importância em ouvir os colegas e em se fazer ouvir.

**21/08/2017** – Entrevista com a **aluna L**, 7 anos e bastante acessível para a conversa. Fala bastante madura, na ocasião relatou de forma muito clara que percebe a diferença entre as aulas das outras disciplinas com as aulas do AZ. Vê muita importância no que é trabalhado em sala de aula e descreveu uma situação em que utilizou o controle emocional em uma situação de conflito. Relatou que agora conta até dez antes de agir de forma descontrola.

**21/08/2017** – Entrevista com o **aluno PC**, também com 7 anos. Diz valorizar muito a dinâmica das aulas do AZ, percebendo a importância dos momentos de reflexão, quando os colegas ouvem com atenção o que ele tem a dizer e procurando valorizar a fala dos colegas. Enxerga também grande interação nas aulas do AZ, o que não consegue perceber nas aulas das outras disciplinas. O AZ ensina a boa educação, a respeitar os colegas e os seus sentimentos. Para ele, ter emoções é ter bom coração.

**21/08/2017** – Entrevista com o **aluno FS**, de 7 anos. Aluno muito tímido, de fala curta e com dificuldade de expressar opiniões. Relatou que o AZ é uma aula diferente por ter muitas brincadeiras e desenhos, o que não acontece nas aulas das outras disciplinas.

**21/08/2017** – Entrevista com a **aluna MC**, de 7 anos. Grande desenvoltura em expressar suas opiniões. Relatou que vê no AZ um momento em que se ensina a ser bom e bem educado. Descreve com muita propriedade que as aulas do Zippy são muito diferentes das outras por proporcionarem uma maior interação entre os colegas e que acha de grande importância os momentos de troca de experiências, quando se pode falar e ouvir o que os colegas têm a dizer.

**18/09/2017** – Observação da aula que tratou de mudanças e perdas. Cheguei um pouco antes do início da aula e me juntei à turma no pátio da escola onde os pais deixam os filhos para que a turma seja organizada em fila e depois dirigida para a sala de aula. Entrei junto com os alunos e fui acolhido com sorrisos e abraços, escutando a gratificante frase: **“Ainda bem, tio Bosco, que o senhor está de volta.** A aula foi regida apenas pela professora principal, pois a professora auxiliar assumiu a regência de outra turma em substituição a uma outra professora que estava doente. Recebi, como sempre, meu crachá das mãos de um aluno. A turma estava organizada na lateral da sala com os alunos sentados no chão em semicírculo. O aparelho de som estava ligado e tocando uma música clássica com a finalidade de tranquilizar as crianças. A professora iniciou a aula falando muito baixo para trazer para si a atenção do grupo. Os combinados foram lembrados. Foi perguntado às crianças o que elas entendiam sobre perdas, pedindo para elas exemplificarem com situações cotidianas. Após essa etapa de relatos, a



professora fez a leitura de uma história que tinha como final a morte do personagem Zippy. Um grande susto tomou conta dos pequenos que começaram a se entreolhar e, de forma emocionada, perguntaram uns aos outros se o bicho pau havia morrido de fato. Após a decantação do fato, alguns começaram a chorar e outros falavam que não estavam acreditando no que tinha acontecido. Nesse momento, percebi o quão impactante foi a vivência da personagem e da sua caminhada, por meio das histórias e dinâmicas, na vida das crianças. Impactante ver as suas reações e os seus semblantes emocionados pela perda de um “membro do grupo”, parecia a morte de um ser humano. A professora interveio no grupo e abriu uma discussão sobre o momento da perda nas nossas vidas e pediu para que fossem relatadas perdas vividas por elas. Várias descreveram a perda de animais de estimação e de entes da família. Foi discutido que as perdas são naturais, fazem parte da vida e que devemos saber lidar com essas situações.

**25/09/2017** – Mais uma impactante observação da aula. Neste encontro, foram resgatados os conceitos de perda e de morte, trabalhados na aula anterior. A aula começou com o mesmo “ritual” dos encontros anteriores, organizando os alunos em círculo, sentados no chão, relembrando os combinados e fazendo os exercícios de relaxamento. Quando a professora informou qual seria o tema da aula, um dos alunos relatou que seu pai havia falecido antes do seu nascimento. A professora voltou a abordar o tema, informando que as perdas não estavam relacionadas à morte das crianças, mas a de pessoas ou animais que estavam próximas a elas. Voltaram a falar sobre a morte do Zippy, revivendo o que havia acontecido e o que as pessoas que estavam próximas a ele vivenciaram. Conversaram sobre o conceito de culpa, uma vez que esse sentimento pode surgir no momento de perda de um ente querido, e desenvolveram o diálogo falando sobre o que uma das personagens da história sentiu. Passaram a discutir sobre o que acontece quando se morre, tanto no sentido espiritual quando no sentido corporal. Todos entendiam que o corpo, depois de morto, passa por decomposição e que fica apenas a saudade, reconhecendo que a morte é um estágio natural da vida. Vários alunos relataram que a tristeza é um sentimento natural, mas que é momentâneo. A conversa foi trabalhada de forma muito aberta, construindo a temática a partir do conhecimento prévio do grupo e, aos poucos, sendo ampliada para formas de minimizar o sofrimento causado pelas perdas.

**16/10/2017** – Entrevista com os pais do **aluno P**. A entrevista aconteceu às 13h10min, horário agendado para aproveitar a ida dos pais à escola para deixar o filho. Pais solícitos, que demonstraram bom nível intelectual e participação ativa na vida escolar do filho. O núcleo familiar é formado pelo casal e pelo filho. O pai relatou que conheceu o projeto AZ por meio do folder que foi enviado pela escola, mas teve a curiosidade de pesquisar no site da ASEC para obter informações mais amplas sobre a prática do programa. Perceberam diferenças

marcantes no filho após o início do AZ, quando escutaram vários relatos do que aconteceu nas aulas. O filho passou a falar mais sobre os seus sentimentos, facilitando o fluxo do diálogo entre os pais e ele. Os pais reconhecem valor no trabalho de EE e percebem que o aprendizado está sendo bastante significativo para o filho. Ao levar o boneco do Zippy para casa, chamou a atenção o vínculo que o filho tinha pela personagem, levando-o para apresentá-lo a todos os membros da família, dormindo com ele na cama e tendo todos os cuidados que ele achou que deveria proporcionar a um amigo. O pai relatou que, pela fala do filho, existe uma grande valorização dos momentos de interação que as aulas do Zippy proporcionam.

**16/10/2017** – Entrevista com a mãe do **aluno H** aconteceu às 14h, logo após a entrevista com os pais do aluno P. Núcleo familiar formado pelos pais e dois filhos, sendo o H o mais velho. A mãe é servidora pública, e o pai é professor de música. A mãe conheceu o AZ por meio do informativo enviado pela escola. Informou que o filho é bastante paciente com a irmã mais nova. A mãe relatou um episódio que chamou muito a sua atenção e que associou às aulas do Zippy. A filha mais nova estava doente e precisou de mais de atenção por parte dos pais, sobretudo da mãe. Nesse momento, o filho a procurou e falou sobre o que era ciúme, relatando que estava sentindo um pouco, mas que entendia a situação. A mãe disse que nunca havia conversado sobre ciúmes com ele, mas que ele informou que aprendeu sobre esse sentimento nas aulas do Zippy. Quando o filho levou o boneco para casa, demonstrou um forte carinho por ele. Ao ser perguntado pela mãe do que as aulas do Zippy tratavam, ele disse que falavam sobre conflitos, narrando, inclusive, uma história sobre o tema que foi trabalhada em sala. A família percebe valor no programa e relata mudanças no discurso do filho quando ele trata de emoções. O filho relata formas de como lidar com a raiva, exemplificando com trechos dos discursos dos colegas. A mãe disse que está muito ansiosa para que a filha mais nova também vivencie esse programa.

Assim, mediante as entrevistas, conversas informais e pesquisas, a coleta de todos os dados serviu como especial apoio dedicado à análise da minha questão de pesquisa. Todo o processo foi realizado com transparência e ética, buscando uma compreensão maior de todos os processos que levaram à implantação e execução do programa Amigos do Zippy.

Figura 25 – Foto da aula do dia 28/10/17. Mudanças e perdas



**Fonte:** do autor, 2018.



## 7 ANÁLISE DOS DADOS E RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA EXECUÇÃO DO PROGRAMA AMIGOS DO ZIPPY

Toda essa caminhada etnográfica teve como objetivo verificar se a metodologia do Programa Amigos do Zippy tem características de inovação pedagógica, de acordo com a linha de pesquisa da Universidade da Madeira. Ao ser apresentado ao programa AZ, inquietei-me com o que vi, percebendo que algumas características poderiam me levar para uma afirmação de algo diferente, que fugisse ao que estou acostumado a vivenciar na minha vida como professor. Indagava-me se estava diante de um *case* diferente na sua execução, fugindo do que entendia como normal para uma escola de prática tradicional.

Minha jornada foi orientada pela busca de características que pudessem me levar à conclusão de que a vivência na qual eu estava inserido pudesse ser classificada como inovação pedagógica: aluno como ator principal, processos de interação bem definidos e com menos rigidez, professor como mediador e mais aprendizagem com menos ensino, ou seja, mais matética e menos didática.

Engajei-me de forma imediata em conhecer os pormenores do programa, interessando-me a procurar as pessoas que estavam envolvidas, desde a sua concepção até à sua execução. Procurei os responsáveis pelo AZ no C7S com a intenção de mergulhar nos aspectos teóricos e tentar abrir as portas para a minha entrada em um mundo diferente que estava à minha frente. Acolhimento não faltou, pois atenção e disponibilidade em me ajudar, recebi em abundância. O ambiente estava a meu favor e dei início à imersão no projeto.

As disciplinas do mestrado levaram-me a enxergar o quão lindo e envolvente é a etnografia. Preparei-me para virar o módulo cartesiano que formatava a minha mente para mudar para o novo universo da subjetividade, dos sentimentos e das entrelinhas que chegariam à minha frente para serem exploradas e interpretadas. Meus olhos deveriam estar prontos para enxergar os fractais das relações humanas.

Outro grande desafio foi a construção de um embasamento teórico que me fizesse entender o poço profundo dos sentimentos, segmento caçula da neurociência. Procurei ajuda nos técnicos envolvidos no projeto AZ (professores e gestores da ASEC e do C7S), pedindo indicações de leituras, objetivando preparar meus olhos para o que estaria por vir.

As minhas leituras sobre educação emocional me levaram a algumas reflexões:

- a) Para lidar com sentimentos, tem que se conhecer os sentimentos;
- b) A educação emocional deve favorecer o autoconhecimento e buscar conhecer o outro;

- c) Não se conhece o outro sem desenvolver a habilidade de ouvir o outro;
- d) Não se deve apenas ouvir o outro, mas valorizar o que o outro diz;
- e) Os processos reflexivos devem ser constantes e intensos. Refletir para entender o que o outro está sentindo e, com isso, ajudar a entender os seus próprios sentimentos;
- f) As relações de confiança devem ser favorecidas para que os corações e mentes se conectem;
- g) A construção de um ambiente mediado, sem julgamentos e sem imposições de opiniões é importante durante todo o processo.

Debrucei-me sobre os documentos que consegui junto à ASEC, procurando entender a metodologia aplicada e os objetivos que o programa pretendia alcançar. Tudo muito novo para mim, mas tive que me empenhar para que as vivências não fossem superficiais. Precisava enxergar os pormenores, as mudanças que aconteciam, a formação dos vínculos, a construção de conhecimentos e, principalmente, procurar por em análise as reflexões originadas das leituras dos teóricos recém conhecidos por mim.

O acolhimento que recebi dos profissionais da ASEC foi determinante para o entendimento do programa. Participar de forma integral da formação dos professores atuantes no AZ me fez vivenciar os primeiros impactos, dúvidas, ansiedades e desestabilizações vividos por esses atores. Compreendi que não era tão fácil desenvolver esse programa da mesma forma como se ensinava, no dia a dia das professoras, a Matemática ou as Ciências. Lidar com as subjetividades e com o encontro com o desconhecido que poderia surgir no discurso das emoções era o que mais “apavorava” as professoras. O que era aprendido na formação acadêmica não se encaixava com o que estaria por vir.

A equipe da ASEC, ancorada na sua vasta prática na formação de professores e o forte embasamento teórico, desenvolveu uma formação confortável, dialógica e promovida a partir de discussões de casos e desenvolvimento de conceitos que seriam úteis na execução do programa. Consegui enxergar, ao participar das discussões, inúmeras situações de minha vida particular, principalmente na lida com as minhas filhas. Minha angústia em não conhecer o que iria vivenciar estava mais reduzida e passei a ficar mais confortável, afinal, conseguiria entender a metodologia adotada.

Da minha imersão no terreno, para confirmação ou não de inovação pedagógica, 4 categorias de análise emergiram, em torno das quais procederei à minha análise.

### **a) Aluno como ator principal**

Minhas observações às aulas me permitiram concluir que a construção de reações positivas ao sentimento que estava sendo estudado era realizada através da própria fala dos alunos (protagonismo). Quando algum deles relatava uma reação destrutiva, com reflexo negativo e não respeitoso ao bom convívio, logo era levado para um debate mediado pela professora. Durante o debate, os próprios colegas enfatizavam, com peso e propriedade, argumentos que desafiavam todos à reflexão de qual seria a melhor forma de lidar com o sentimento manifestado. O sentido crítico e autocrítico norteava o debate.

A aula que observei no dia 20/02/2017 revelou um testemunho de que os sentimentos não eram trabalhados por definição fria, mas moldados por intermédio de exemplificações lúdicas, trazidas pelo material didático do AZ e por histórias da vida real. O aluno passou, de forma prática, a ser protagonista do seu aprendizado. É importante ressaltar, ainda, que no desenvolvimento do trabalho, o erro era utilizado como ferramenta de construção do aprendizado. Em diversos momentos, houve a construção, a reflexão e a reconstrução dos conceitos dos sentimentos que estavam sendo abordados a partir do referido erro.

Em entrevista realizada com o aluno FS, no dia 21/08/2017, fica clara a percepção de que as aulas do Zippy proporcionam um cenário bem diferente do trabalho realizado com as disciplinas tradicionais. Ao ser perguntado pelo pesquisador em que aula o aluno tinha mais oportunidade de dizer o que estava sentindo e de trocar ideias com colegas, o aluno FS foi bastante enfático ao afirmar que nos encontros do AZ essa realidade era mais evidente.

Esse mesmo testemunho de que o aluno exercita muito mais o falar nas aulas do AZ, foi relatado na entrevista com a Professora Ril, quando ela descreveu o grau de participação dos alunos:

Nas aulas do Zippy a gente escuta muitas coisas que mexe com a gente, muitas coisas que eles trazem de casa, a bagagem que eles trazem, dependendo do assunto que a gente vai abordar. Por exemplo, ontem eles tiveram os sentimentos tristeza e alegria. Então foi questionado, o que deixava eles tristes. Teve um que falou que o pai não gostava dele, outro disse que os pais brigam muito. Então são questões que às vezes você não sabe, mas que na aula do Zippy, sem querer, você pega para si e... (Entrevista com a professora Ril, realizada no dia 14/02/2017).

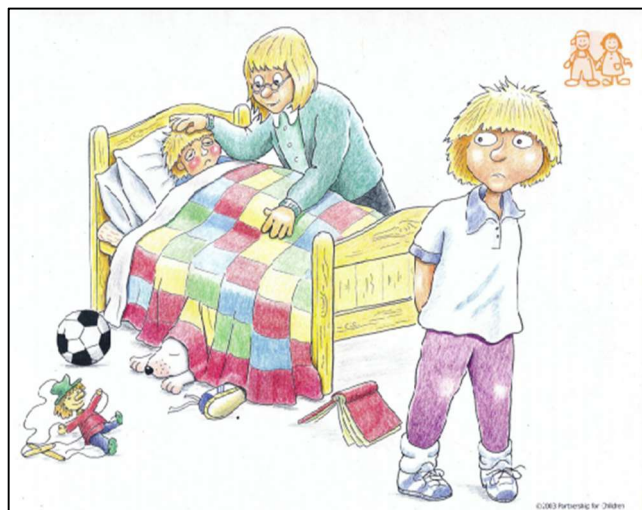
### **b) Processos de interação bem definidos e com menos rigidez**

Os encontros sempre terminavam com uma conclusão coletiva, construída por muitas vozes por meio do processo de interação, sendo esta prática constatada de forma bastante clara em todos os encontros vividos pelo pesquisador, como na minha estreia como observador das aulas do AZ, no dia 26/02/17, quando pude presenciar um mergulho dos alunos na dinâmica promovida pela professora. Os alunos viveram as discussões intensamente promovidas no

decorrer da aula, durante a qual as prováveis soluções para as reações eram construídas por meio das perguntas: Te prejudica? Prejudica o outro? Te faz bem?

A aula do dia 06/03/2017, teve como objetivo trabalhar o conceito de ciúme (FIGURA 26). Nesse encontro, pude presenciar relatos de situações que envolviam ciúmes e inveja, demonstrando que as crianças estavam a confundir esses dois sentimentos.

Figura 26 – Imagem que representa uma cena de ciúme



Fonte: Material de apoio utilizado pelo professor.

A professora, exercendo sua função de mediação, utilizou desenhos que ilustravam o tema proposto e os alunos passaram a relatar o que sentiam quando se deparavam com essas situações. A construção coletiva do conceito do sentimento foi realizada através da fala dos alunos.

### c) Professor como mediador

O papel do professor nesse programa foge ao modelo de ação pedagógica tradicional, em que o transmitir a informação passa por um engessamento do cenário desenvolvido na sala de aula. O docente deve ser capaz de vivenciar as relações e ser capaz de intervir de forma a mediar os discursos e construir de forma colaborativa os objetivos da aula. Vivencia-se uma novela da vida real, na qual o *script* é construído dentro de vários pontos de vista. A fala da gestora da ASEC, professora A, relata muito bem esse perfil docente, quando diz:

Então o principal na formação ou uma das coisas principais é que nos encontros o professor possa vivenciar o contexto. Que ele não esteja lá como "ah, eu vou aprender uma ferramenta que eu vou usar com meus alunos", mas que ele possa mergulhar e ele possa experimentar aquilo, para que aquilo faça sentido para ele ou não e ele possa questionar. Aí sim, ele consegue utilizar isso na relação, seja nas aulas do programa, seja no dia a dia em outros momentos com as crianças também. (Entrevista com a Professora A, realizada no dia 04/08/2017)



O *brainstorm* desenvolvido em sala era mediado pelas professoras com o objetivo de trabalhar o sentimento motivador da aula, por meio de relatos de casos vividos pelos próprios alunos. Nesse momento, criou-se um contexto de aprendizagem completamente diferente do modelo tradicional vigente, passando a professora a mediar a roda de conversa, sem julgamentos, sem cortar as falas e, acima de tudo, respeitando os pontos de vistas, mesmo que equivocados. Esse novo papel do professor, assumindo a postura de mediador pode ser constatado na fala da professora regente da turma observada. Em sua entrevista, ela compara a sua prática em sala de aula, ao trabalhar as outras disciplinas, com a dinâmica de trabalho nas aulas do AZ:

[...] estava tudo planejado (aulas das outras disciplinas) o que seria feito e o que seria usado, com recursos e tudo. E no Zippy não haveria esses recursos, meus recursos seriam outros, meus recursos seriam ouvir, ser imparcial em alguns momentos por que eu teria que deixar que algumas situações acontecessem..., eles tinham que dar essas soluções e interagir. (Entrevista com a professora Ril, realizada no dia 14/02/2017)

#### **d) Mais aprendizagem com menos ensino, ou seja, mais matética e menos didática.**

As entrevistas realizadas com os alunos que viveram o programa demonstraram que a construção do conhecimento foi consistente na vida prática de cada um. Muitos alunos relataram situações em que utilizaram os conceitos trabalhados em sala de aula e reproduziram as discussões e os debates realizados. O boneco Zippy passou a fazer parte do círculo de amizade dos alunos, pelo qual demonstraram carinho, respeito e reconhecimento. As histórias vividas pelo boneco e seus colegas e as representações lúdicas desenvolvidas em sala passaram a fazer parte do repertório de conversas da turma.

Os alunos conseguiram expressar estratégias de como lidar em situações emocionais complexas e perceberam que a metodologia aplicada era diferente, visto que relataram o valor da ludicidade, das dramatizações e da interação dos membros da sala de aula para trabalharem em conjunto na construção das temáticas.

Além dos relatos dos alunos, as entrevistas com os pais mostraram uma alta percepção de mudanças dos filhos com a aplicação do que foi desenvolvido nas aulas do AZ, demonstrando ter havido aprendizagem significativa, como na fala da mãe da aluna AL, na entrevista realizada no dia 25/10/17, que exemplifica a atitude da filha após um momento de frustração vivido na escola:

[...] situação que aconteceu em que a professora pediu que os alunos levassem para a escola experimentos e alguns desses experimentos seriam escolhidos para serem apresentados durante a feira de ciências do nível dela. E ela, muito segura de si,

escolheu o experimento, e estava certa que o experimento seria o escolhido e não foi. Ela chegou em casa frustrada, dizendo que queria mudar de equipe, que não queria mais participar daquela equipe, que tinha sido injustiçada, que não sei o que, ficou realmente bastante frustrada, chorou bastante. Só que daí foi para o quarto, ficou quieta, quando eu fui ao quarto ela estava deitada, não estava dormindo, estava deitada e eu chamei: AL o que foi que houve? Ela: não, eu estou refletindo, estou pensando. Aí eu digo: sobre o que? Não, porque meu experimento não foi o escolhido, o Zippy faria assim.

O olhar da família durante a execução do projeto trouxe informações importantes para a minha análise.

Ainda sobre o depoimento da mãe da aluna AL foi relatado que no dia seguinte ao ocorrido, a mãe abordou novamente o fato e percebeu que a filha havia tomado a iniciativa de conversar com a professora e com os colegas, com o objetivo de resolver o problema.

No outro dia eu liguei para saber como é que ela estava, eu estava trabalhando, e ela: não mamãe, já está resolvido, eu vou resolver, eu vou conversar com a professora e vou ver como é que eu faço, se eu fico na minha equipe ou se eu posso mudar de equipe. E aí ela acabou mudando de equipe, pacificamente, para uma outra equipe, não que tinha o experimento dela, mas porque na equipe em que ela estava e que o experimento dela não foi escolhido, ela não queria ficar. Ela ficou em outra equipe que tinha um experimento diferente.

#### **e) Enquadramento mais alargado da minha imersão no terreno**

Antes das observações, conversei com os gestores da escola para entender a caminhada do AZ dentro do C7S. Marquei um encontro com a supervisora geral do Ensino Fundamental e a supervisora da sede. Durante as conversas formais e informais, relataram-me todo o processo desde o marco decisório de escolha da ASEC como parceira até as dificuldades vividas e os frutos colhidos no decorrer dos anos de aplicação do AZ.

Uma das grandes dificuldades relatadas era o processo de formação das professoras. Durante as formações, as professoras relatavam que sofriam com o desafio de ter que executar algo novo, sair da zona de conforto e alterar a sua prática cotidiana para uma ação de intervenção aberta e cheia de imprevistos.

Uma reviravolta na prática, na qual as professoras deixariam a aula focada na exposição e no trabalho livresco para alternarem para um convívio voltado para o ouvir, o refletir e o construir. Esse trabalho com o subjetivo levava a reflexões pessoais intensas e muitas vezes impactantes para as professoras. Algumas emoções trabalhadas em sala de aula se transpunham para a vida pessoal das professoras, na vivência com seus filhos e lembravam situações que não haviam sido resolvidas dentro do seu próprio lar.

As reuniões de acompanhamento promovidas pela supervisão de ensino e pela ASEC eram vistas, algumas vezes, como uma sessão de terapia, durante as quais se discutiam as vivências e as formas como foram trabalhadas. Construíam-se as ferramentas para o




crescimento profissional, favorecendo uma melhor qualidade dos encontros. A didática das professoras tinha que ser ressignificada, afinal o *status quo* estava sendo alterado. O ouvir deveria ser muito mais importante do que o falar, as respostas prontas não surtiam mais efeito e nem mesmo estavam no livro para serem consultadas. A professora estava submersa na cabecinha dos seus alunos, vivendo suas angústias, seus medos e suas reações, e tendo que saber ouvir a todos com ouvidos atentos, valorizando o falar e tentando trabalhar o sentimento da temática da aula com todos os envolvidos. Todos deveriam estar na mesma sintonia para colherem os frutos dessa construção coletiva.

O ponto culminante da relação dos alunos com a personagem se deu quando as crianças puderam levar para casa o boneco, podendo passar momentos com as famílias. Vários relatos surgiram, por parte de pais e alunos, de que o Zippy era tratado como um grande amigo da criança pelo qual manifestavam respeito e carinho, como se fosse um verdadeiro amigo. As histórias vivenciadas em sala de aula com o objetivo de trabalhar o conceito e os reflexos das emoções, eram narradas, enfaticamente, enquanto o boneco convivia no seio familiar, demonstrando o grau de significação que o projeto repercutiu na vida do aluno.

No final do ano letivo, na última aula do Zippy, as professoras aplicaram um formulário de avaliação com intuito de formalizar a opinião e o reflexo do programa nos alunos. O resultado reverberou o que foi percebido nas entrevistas com os próprios alunos, com os pais e com as professoras.

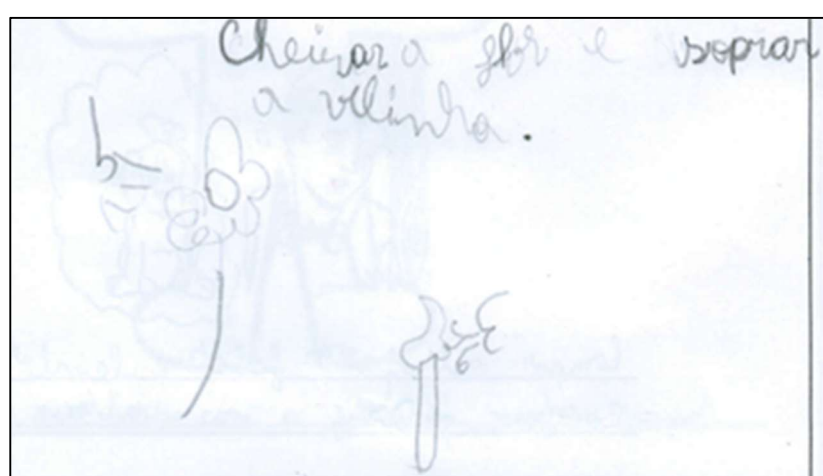
Nas páginas seguinte, reproduzo parte do resultado das avaliações dos alunos (QUADRO 4). O primeiro questionamento era sobre o que o aluno gostou no programa AZ e o segundo solicitava ao aluno que representasse uma estratégia que ele tinha aprendido a usar a partir dos fundamentos aprendidos nas aulas do AZ.

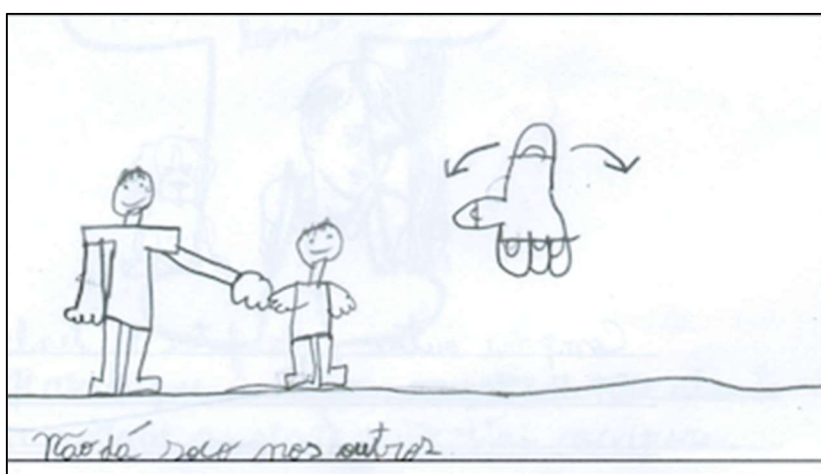
Quadro 4 – Reprodução de alguns resultados da avaliação dos alunos

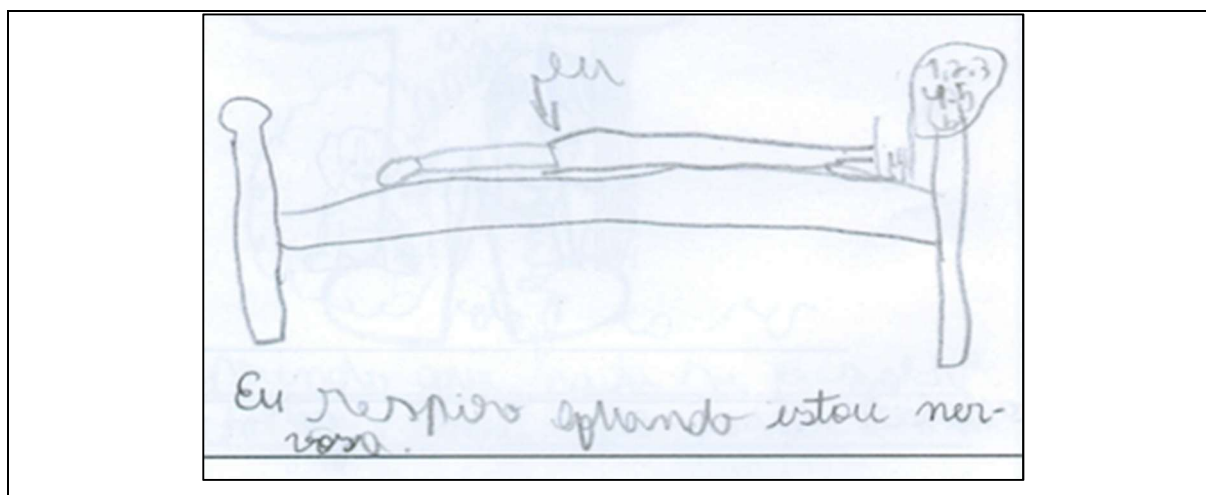
QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO	
O nosso programa está chegando ao fim, mas tudo que aprendemos com os Amigos do Zippy levaremos para toda a vida.	
Represente através de desenhos:	
a) O que você mais gostou.	
 <p>Hand-drawn illustration of a book cover. Inside a rectangular frame, there is a circle containing two children, a boy and a girl, holding hands. Above them is the word 'Zippy'. To the right of the frame, the text 'As lições do Zippy.' is written in cursive.</p>	
 <p>Hand-drawn illustration showing a girl with long hair and a boy standing next to a simple house. The house has the number '300' on its side. Above the drawing, the text 'Quando eu levei o zippy para casa.' is written in cursive.</p>	
 <p>Hand-drawn illustration of a girl standing on a beach, looking out at a small boat in the water. Below the drawing, the text 'Aprendi a lidar com as perdas' is written in cursive.</p>	



b) Uma estratégia que você aprendeu a usar, através das aulas dos Amigos do Zippy







Fonte: do autor, 2018.

O primeiro reconhecimento dos resultados dessas práticas veio da própria escola, ao perceber que as relações estavam tomando novos rumos. Os episódios de atrito eram resolvidos de forma mais madura e menos traumática. Percebia-se que os alunos conseguiam identificar os seus sentimentos e os sentimentos do colega e passavam a agir de forma a mediar e a reduzir os danos do conflito vivido. Ouvia-se muitas vezes que eles preferiam conversar com o colega ou pedir ajuda aos professores com o objetivo de evitar possíveis brigas.

Os setores de suporte ao aluno, SOE (Serviço de Orientação Educacional) e Supervisão de Ensino, relataram que as sanções disciplinares foram substancialmente reduzidas com os alunos do 2º ano, após a implantação do AZ. A fala dos envolvidos poderia estar contaminada pela vontade de acertar na execução do projeto, por isso, a pesquisa teve que se distender para escutar também a percepção dos pais, procurando verificar se o discurso da família reverberava o que os profissionais da escola relatavam.

Não pudemos deixar de ouvir a opinião dos pais como fonte de estudo para analisarmos os resultados do AZ em casa. Entendi que essa percepção se caracterizou como a mais rica e fiel. A família tem a capacidade de fazer uma análise aprofundada das crianças, visto que pode comparar suas reações emocionais com o antes e o depois da realização do AZ.

Formas diferentes de lidar com situações emocionais foram relatadas, mostrando que ações diferentes das cotidianas estavam acontecendo. Os pais percebiam falas que não existiam anteriormente e formas mais tranquilas de lidar com situações de estresse.

Foi relatado que muitas vezes as crianças replicavam a dinâmica desenvolvida em sala de aula para mediar conflitos entre os pais, intervindo em momentos de briga, fazendo o casal refletir sobre o que estava fazendo e acalmando o clima dentro de casa. Percebi que isso aconteceu em inúmeros relatos, tanto de alunos quanto de pais e de professoras. A



aprendizagem significativa é percebida nesses relatos, posto que as crianças conseguiam aplicar o que era aprendido em sala no seu dia a dia. Prova dessa percepção pode ser vista em um relato de uma mãe no grupo do aplicativo de comunicação Whatsapp (FIGURA 27) formado pelas mães dos alunos da turma observada, juntamente com os profissionais da escola.

Figura 27 – Print de um relato de uma mãe no grupo de Whatsapp da turma observada



Fonte: do autor, 2018.

A ASEC aplicou um questionário às famílias com o objetivo de obter feedback do programa AZ e analisar se os objetivos estavam sendo alcançados. Ao analisar esses documentos, pude consolidar que o programa reverberava em resultados positivos nas famílias e que isto foi claramente percebido pelos pais, conforme podemos observar nos relatos abaixo:

#### **Relato 1:**

Melhorou muito em ajudar os amiguinhos, primas e cada dia tem facilidade em fazer novos amiguinhos e também lembra com mais frequência as tarefas.

#### **Relato 2:**

Vejo que hoje minha filha tem mais paciência com os irmãos e colegas, acredito que os Amigos do Zippy tem influenciado nessa parte de convivência.

É uma criança mais “adulta”, sabe pedir desculpas, sabe ouvir um não e não ficar triste, compreende todos os valores.

Enfim, ela está uma criança muito melhor.

**Relato 3:**

Houve uma ocasião marcante: eu estava muito brava com as meninas, por conta de algo em casa, não lembro o que (quarto, roupas no chão), e então a L se aproximou, me sentou em uma cadeira e disse: “Vamos lá mãe, cheira a florzinha e apaga a velinha”.

Nessa hora nós todos rimos bastante.

**Relato 4:**

Ele desenvolveu, principalmente, a relação com os amigos, a forma de se comunicar e a atenção com as tarefas.

**Relato 5:**

Percebi que ela ficou mais desinibida, sensível, compreensiva e passou a fazer mais amigos.

Achei muito importante o programa Amigos do Zippy.

**Relato 6:**

Aprendeu a conhecer seus sentimentos.

Aprendeu a tentar buscar uma solução para resolver conflitos com os colegas.

A percepção da eficácia do programa AZ é comum para todos os grupos envolvidos, conforme podemos perceber na triangulação dos discursos. A intencionalidade do professor em desenvolver o trabalho de construção de ações positivas, de acordo com o sentimento estudado, repercute nas relações dos alunos dentro da escola e no convívio social, chamando a atenção dos pais pelas atitudes diferenciadas que os filhos passaram a expressar em situações de conflitos.

A partir das observações e conversas formais e informais pude perceber que é notória a mudança significativa na interação entre professor e aluno e entre aluno e aluno, bem como no trabalho das professoras como mediadoras dos conflitos. Outro aspecto que vale a pena ressaltar é o papel das professoras na construção dos conceitos em sala de aula.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi compreender a execução do programa de educação emocional Amigos do Zippy, no Colégio 7 de Setembro, escola de ensino tradicional que se propôs a implantar e desenvolver a metodologia deste programa nas turmas de 2º ano do ensino fundamental. Ao tomar conhecimento desta ação, percebi que poderia vivenciar uma prática diferente da tradicional, na qual o professor é a força motriz do processo de ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva, a sala de aula é um parlatório, muitas vezes uníssono, em que os alunos fazem parte de uma plateia atenta que busca aprender apenas pela vivacidade da audição.

A prática me parecia diferente, pois apresentava ruptura com a prática tradicional vigente, revelando características de inovação que pudesse levar ao protagonismo do aluno na autonomia do seu aprendizado. Acreditava que a temática do programa era nova para as escolas e não poderia ser desenvolvida da mesma forma das disciplinas curriculares, pois, falar de emoções impõe uma complexidade muito maior.

Procurei me aproximar dos gestores da escola para tomar ciência de como o processo estava sendo feito, precisava mergulhar nessa realidade. Conheci pessoas que me abriram as portas e me apresentaram o mundo de como trabalhar com emoções. Fui vivenciar a prática, conhecer o mundo dos *insiders* para captar as particularidades e procurar perceber características que me ajudassem na investigação, a fim de descobrir se o que estava sendo vivenciado seria, ou não, uma inovação pedagógica.

Executei o papel de observador participante, passando a viver o dia a dia dos professores e dos alunos. Participei dos processos de formação de professores para entender o quadro teórico da metodologia com o objetivo de melhor interpretar a evolução do trabalho que estava sendo feito em sala de aula. Ser etnógrafo mudou minha forma de ver como se faz ciência. Testemunhar as relações, poder entrevistar as pessoas, perceber as fisionomias e o brilho dos olhos proporcionaram um valor muito mais fiel dos cenários estudados do que apenas a leitura de gráficos e tabelas. A subjetividade deve ser valorizada e difundida para que outros possam, também, se sensibilizarem.

Fui abraçado, em todos os seus significados, pelo grupo de crianças com que convivi, passando a ser visto como membro do grupo, sendo, inclusive, sentida minha falta nos encontros nos quais não pude estar presente. Muitos questionamentos e angústias fizeram parte da minha caminhada; tive momentos em que não sabia o que estava acontecendo, mas entendia que era algo bem diferente do que era comum à minha vida no magistério. Tive que me

reconstruir, sair do meu mundo cartesiano do ensino das ciências exatas para passar a entender que a construção do conhecimento poderia ser feita com foco na dialogicidade, valorizando a vivência emocional dos alunos.

Destaco como um grande momento das minhas observações o processo de formação dos professores que participaram do projeto. Todos se consideravam pouco preparados para desenvolver esse novo trabalho, uma vez que ensinar as habilidades emocionais era novo no currículo escolar e inexistente na formação dos professores, no âmbito acadêmico.

Para suprir as lacunas de formação, a ASEC e o Colégio 7 de Setembro desenvolveram seções formativas com o intuito de habilitar os professores para a nova missão. Angústia e insegurança foram sentimentos comuns aos participantes, executores de currículos com abordagens, na maior parte do tempo, lineares e conteudistas.

A prática deveria ser reconstruída, visando uma ação mais dialógica e rica em situações imprevistas, durante as quais o professor passaria a discutir os sentimentos por intermédio da explanação dos alunos, sem fazer juízo de valor e sem desmerecer o que era dito. Nesse panorama, surgiu a grande indagação das professoras envolvidas: como lidar com as emoções dos meus alunos se eu mesma tenho certa dificuldade em administrar as minhas próprias emoções?

Com o correr do tempo, o novo cenário da sala de aula foi se reformatando, os alunos e as professoras passaram a construir uma simbiose que desaguou em momentos de muita cumplicidade e conforto ao falar dos sentimentos. As discussões levavam a conclusões construídas pelo coletivo, sem que a professora impusesse sua opinião ou rotulasse condutas. Firmou-se um cenário de menos didática.

O embasamento teórico apresentado no 1º capítulo foi fundamental para o entendimento do conceito de educação emocional. Neste capítulo, pude me municiar de informações que me proporcionaram entender a metodologia do programa AZ. O que se entendia como inteligência estava focado apenas nas habilidades cognitivas do indivíduo, sem a valorização do conhecimento próprio, do outro e da importância das relações.

Os estudos de Mayer e Salovey (1999) e o sucesso das obras de Gardner (1995) foram fundamentais para que os educadores mudassem os seus pontos de vistas e pudessem valorizar a capacidade do indivíduo de conhecer suas formas de reações em situações adversas, respeitassem a opinião do outro e passassem a agir de forma consciente ao expressar suas emoções.

Formar pessoas emocionalmente competentes passou a ser uma nova bandeira formativa da escola, focada na formação integral do indivíduo, formando-o para compreender

o mundo das relações à sua volta, melhorando a sua capacidade interativa e zelando pela sua saúde mental e emocional.

O despertar para esse tipo de abordagem está cada vez mais expressivo nos documentos que norteiam a educação moderna, como por exemplo, o relatório Delors (2010) que apregoa objetivos que devem ser cumpridos para a formação do ser humano, para os novos desafios do mundo. Dessa forma, há um foco importante na habilidade de saber conviver, desenvolvendo a compreensão do outro, a administração de conflitos, a autonomia e a responsabilidade consigo mesmo.

O capítulo 2 contextualizou-me sobre a origem do Programa AZ, a forma como ele foi levado para a escola, a metodologia adotada e uma descrição do *locus* onde vivi os meus momentos de imersão, o Colégio 7 de Setembro. O AZ é representado no Brasil pela Associação para a Saúde Emocional da Crianças (ASEC), que desenvolve essa metodologia de educação emocional em escolas de todo o país, a partir dos documentos produzidos pela Partnership for Children, que trazem como objetivo principal disseminar programas de bem-estar mental.

O Programa AZ apresenta como base de ação o desenvolvimento de histórias lúdicas que abordam o conceito dos principais sentimentos, fazendo com que as crianças possam identificá-los no momento que sentirem e agirem de forma racional para que os resultados das suas ações não causem sofrimentos a si mesmos ou a outros.

O desenrolar das histórias, em que o bicho pau chamado Zippy participa como protagonista em um contexto de situações vividas no ambiente escolar, familiar e relacional entre as crianças, é o pano de fundo para que a sala de aula seja transformada em um cenário de discussões, mediações e construção de conhecimento, a partir das falas dos alunos.

O falar e o ouvir são ações supervalorizadas para que a metodologia funcione. Fazer juízo de valor ou podar o discurso são proibidos, todos devem expressar o que sentem, mesmo que o discurso seja agressivo. O próprio grupo, por meio das várias ponderações, trata de construir argumentos que passam a ser validados pelo grupo e tornam-se pontos de reflexão para que todos avaliem o que fazer quando se depararem com essa situação.

A construção coletiva na execução do programa foi percebida como um farol de inovação no meio de um cenário expressivamente tradicional. Ao professor foi necessária a reinterpretção da sua prática docente e, ao aluno, foi-lhe dada a chance de ser protagonista na formação do seu conhecimento, que era construído em um furacão de expressividades, sem receitas e imposições. A sala de aula expressava um vetor com intensidade e direção voltado para o contexto matético.

O *locus* da presente dissertação foi o Colégio 7 de Setembro, instituição tradicional de ensino, localizada na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará, com 83 anos de história. O seu corpo técnico me acolheu de forma espontânea, favorecendo total liberdade para que pudesse conhecer as particularidades da escola e vivenciar o desenvolvimento do programa AZ. Fui apresentado aos membros da ASEC por intermédio dos gestores do C7S, com os quais consegui autorização da entidade para ter acesso a todos os documentos norteadores do AZ, além de fazer parte do curso de formação para as professoras que estavam chegando à escola e que iriam assumir as turmas de 2º ano no AZ.

Pude testemunhar um processo de significativas mudanças na prática dessa escola. É importante ressaltar que no espaço da escola, a sala de aula estava passando por um momento de ressignificação e os alunos passaram a exercer voz ativa e a construir conclusões coletivas. O C7S estava dando um passo adiante na educação do Estado do Ceará ao entender que educar não é apenas trabalhar conteúdos mas, também, proporcionar aos seus alunos o desenvolvimento de habilidades que os levem ao bem-estar emocional.

Ao capítulo 3 coube nortear o foco da minha pesquisa com a linha teórica defendida pelo grupo de investigação da Universidade da Madeira, que tem como objetivo estudar e catalogar ações que sejam classificadas como inovadoras. O referencial teórico que exemplifica o conceito de inovação pedagógica é o trabalho de Papert, abordando a teoria do Construcionismo (aplicação da teoria construtivista com a utilização de computadores) que se antepõe ao instrucionismo (educação replicadora em que o conhecimento é puramente transmitido pelo professor).

Para Papert, a escola e os educadores deveriam focar em práticas que proporcionem a construção do conhecimento por intermédio da interação, da experimentação e da criação de um ambiente desafiador. Nessa perspectiva, o professor é visto como instigador e mediador da aprendizagem, deslocando-se do seu tradicional papel de replicador de informações. Para este autor, o computador (através de linguagens de programação) funciona como ferramenta ideal para o desenvolvimento destas práticas, tornando a sala de aula um laboratório de situações-problema que poderiam ser testadas pelos alunos. A máquina passaria a ser ensinada e as inferências dos alunos seriam testadas, gerando a construção de conclusões e modelando um conhecimento significativo, a partir do que aluno já sabe.

Nesse papel apreçoado por Papert, o professor desempenharia o papel de agente da metacognição, devendo ser capaz de entender as diversas formas de como o aluno aprende e focando a sua prática para a dinâmica do aluno e menos para a sua participação ativa. Neste contexto, passa-se a ter um professor com foco mais na matética do que na didática.

O conceito de inovação da linha de pesquisa busca as práticas que se caracterizam como agentes de ruptura da escola tradicional e que demonstrem que é possível a construção de um novo paradigma transformador. A partir desse ponto de vista, o espaço do saber é preenchido por momentos de articulação e de produção de outros saberes, formando indivíduos com habilidades coerentes com a sociedade do conhecimento.

Para que essas práticas sejam classificadas como inovadoras, devem ser alicerçadas através de ações que trabalhem com a lógica das descobertas, por meio da autonomia, do protagonismo e da criatividade, gerando conhecimentos práticos que propiciem intervenções socioculturais.

A construção dessa dissertação utilizou as ferramentas etnográficas de observação participante, de análises dos documentos utilizados e produzidos no desenrolar do programa e nas ações de ouvir os indivíduos durante as entrevistas. Todos os indícios que pudessem classificar o projeto como uma prática de inovação foram cancelados por meio da análise dos dados, por triangulação, com os diferentes segmentos de atores envolvidos.

Pude vivenciar que a implementação deste programa na escola, ocasionou um desequilíbrio na prática dos professores e no olhar de como a educação pode ter outro foco. Até então, as ações emocionais dos alunos eram tratadas, na maioria das vezes, de formas pontuais, após o acontecido, sem abordagens preventivas que promovessem a autorreflexão. A nova prática levou ao conhecimento, por parte dos alunos, dos principais tipos de emoções, levando-os a identificá-las e a lidar com elas mediante repertório de condutas construído no novo contexto de aprendizagem e desenvolvido no decorrer das aulas.

A nova sala de aula, na prática do programa AZ, valorizava os processos de interação e de construção coletiva do conhecimento, dando voz a todos os alunos, sem críticas e nem desmerecimentos ao que era dito. A opinião era valorizada, o aluno exercia seu protagonismo na construção das teias de possibilidades que eram construídas nas discussões sobre a temática da aula. Assim, o professor era instigado a descer do seu pedestal de baluarte do conhecimento para se colocar, inicialmente inseguro, lado a lado com o aluno para desenvolver, por meio da mediação, a construção de um processo cognitivo muito mais complexo do que era efetivamente desenvolvido nas aulas das disciplinas curriculares clássicas. O horizonte da sala de aula se expandia a partir dos diálogos cheios de vida e do brilho nos olhos das crianças. Aprender foi mais fácil, mais lúdico e mais coletivo. Temos um *case* de inovação pedagógica.

Acredito que o caminhar da educação emocional ainda é intenso, uma vez que o tema ainda é embrionário, mas o Programa AZ mostrou-se bastante promissor e gerou frutos

vigorosos e doces nas crianças e nas famílias participantes, além de instabilizar a escola onde foi promovido. É importante enfatizar que os bons resultados trazidos pela implementação do programa AZ na escola, instigaram os educadores a procurarem um novo programa para ser desenvolvido com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, dando sequência ao trabalho iniciado no 2º ano. Dessa forma, foi adotado na escola o programa de saúde emocional Passaporte: habilidades para a vida, mas, certamente, esse será tema para uma outra pesquisa.

Investir na formação de professores e em outros projetos, com foco na matemática, é proporcionar uma verdadeira educação voltada para a formação de jovens diferentes, pensantes, autônomos e aptos à convivência em rede, sendo capazes de aprender as habilidades necessárias para se devolverem neste novo mundo do conhecimento e serem felizes.



## REFERÊNCIAS

ASEC. **Filosofia do programa**: A filosofia do programa Amigos do Zippy. São Paulo: Associação pela saúde emocional de crianças, SD.

\_\_\_\_\_. Associação pela Saúde Emocional de Crianças. **Amigos do Zippy**. Disponível em: <<http://asecbrasil.org.br/amigos-do-zippy.php>>. Acesso em 1 de maio de 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdos**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977.

BEAUD, S.; WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo**: Produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

BOGDAN, R. C. & BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRUNO, A. R.; PESCE, L.; BERTOMEU, J.V.C. Teorias da educação e da comunicação: fundamentos das práticas pedagógicas mediadas pela tecnologia. **Revista Teias**, v. 13, n. 30, set./dez. Rio de Janeiro, PROPED/UFRJ, 2012. p. 119- 143.

CASASSUS, J. **Fundamentos da Educação Emocional**. Brasília: Liber livro, 2009.

COLÉGIO 7 DE SETEMBRO. **Projeto político pedagógico**. Disponível em: <<http://www.c7s.com.br/conheca-nossa-escola/#projeto-politico-pedagogico>>. Acesso em: 03 fev. de 2017.

CUNHA, M. I. **Inovações pedagógicas**: o desafio da reconfiguração de saberes na docência universitária. São Paulo: Cadernos Pedagogia Universitária, 2008.

DELORS, J. **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Brasília: Fundação Faber Castell, 2010.

ELIAS, N. ; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FINO, C. N . A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In: ESCALLIER C.; VERÍSSIMO, N. (Org.) **Educação e Cultura**. Funchal: DCE – Universidade da Madeira, 2008a. p. 43-53

\_\_\_\_\_. Apresentação do número temático Pedagogia, inovação pedagógica e o papel que devem ter nos estudos curriculares. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, UFS. v. 10, n. 23, set./dez. Sergipe: UFS, 2017. p. 09- 11.

\_\_\_\_\_. **Convergências entre a teoria de Vygotsky e o construtivismo/construcionismo**”. Universidade da Madeira. Portugal, 2004.

\_\_\_\_\_. Currículo e inovação pedagógica: a mistura improvável. **Revista de Estudos Curriculares**. v. 8, n. 2. Minho: APEC, 2017. p. 03-13.

- \_\_\_\_\_. Investigação e inovação (em educação). *In*: FINO, C. N.; SOUSA, J. M. **Pesquisar para mudar (a educação)**. Funchal: Universidade da Madeira - CIE-Uma, 2011. p. 29-48
- \_\_\_\_\_. Inovação Pedagógica: Significado e Campo (de investigação). *In*: MENDONÇA, A. ; BENTO, António V. (Org). **Educação em Tempo de Mudança**. Funchal: Grafimadeira, 2008b. p. 277-287
- \_\_\_\_\_. Inovação Pedagógica e Ortodoxia Curricular. **Revista Tempos e Espaços em Educação**. v. 9, n. 18. Sergipe: UFS, 2016a. p.13-22
- \_\_\_\_\_. Matética e inovação pedagógica: o centro e a periferia. *In*: GOUVEIA, F; PEREIRA, M. G. (Org.). **Didática e Matética**. Funchal, 2016b. p. 253- 259
- \_\_\_\_\_. Um século de máquinas de ensinar, 50 anos de máquinas para aprender. **Revista Hipótese**, v. 3, nº 3. Itapetininga: NUTECCA, 2017. p. 68- 74.
- \_\_\_\_\_. Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. **Revista Portuguesa de Educação**. vol 14, nº 2. Braga: CIEed, 2001. p. 273-291.
- FREIRE, F. M.; VALENTE, J. A. **Aprendendo para a vida**: os computadores na sala de aula. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- GARDNER, H. **Inteligências múltiplas**: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- GOLEMAN, D. **O cérebro e a inteligência emocional**. Novas perspectivas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Inteligência emocional**. A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- GOMES, R. T. M. **Avaliação do Impacto de um programa de educação emocional em sala de aula na percepção de professores, pais e alunos**: Amigos do Zippy. Tese (Mestrado em Ciências)- Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Guarulhos, 2015.
- KOVÁCS, M. J. **Avaliação do programa Amigos do Zippy**. São Paulo: [s.n], 2005.
- KUHN, T.S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- LAPASSADE, G. **As microsociologias**. Brasília: Liber Livro, 2005.
- MACEDO, R. S. **Etnopesquisa crítica Etnopesquisa-Formação**. Brasília: Liber Livro, 2010.

- \_\_\_\_\_. **A Etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação.** Salvador: EDUFBA, 2000.
- MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- MAYER, J.D; SALOVEY, P. O que é inteligência emocional?. *In*: SALOVEY, Peter; SLUYTER, D. J. (org.). **Inteligência emocional da criança.** Rio de Janeiro: Campus, 1999. p.15- 49.
- MISHARA, B. L. **O conceito de “Cope”(lidar com as dificuldades).** São Paulo: Associação pela saúde emocional de crianças, [20-?].
- MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente.** Campinas: Papirus, 1997.
- MORIN, E. **A cabeça bem feita.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- PAPERT, S. **A náquina das crianças:** repensando a escola na era da informática. Edição Revisada. Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2008.
- PIAGET, J. **A epistemologia genética.** Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1972.
- SALOVEY, P.; SLUYTER, D. J. (org.). **Inteligência emocional da criança.** Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- TOFFLER, A. **Choque do Futuro.** Rio de Janeiro: Record, 1970.
- SOUSA, J. M. A etnografia ao serviço do currículo. **VII Colóquio sobre questões curriculares.** Braga: Universidade do Minho, 2006.
- \_\_\_\_\_. **O professor como pessoa.** Porto: Editora ASA S.A, 2000.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- YIN, R.K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.

